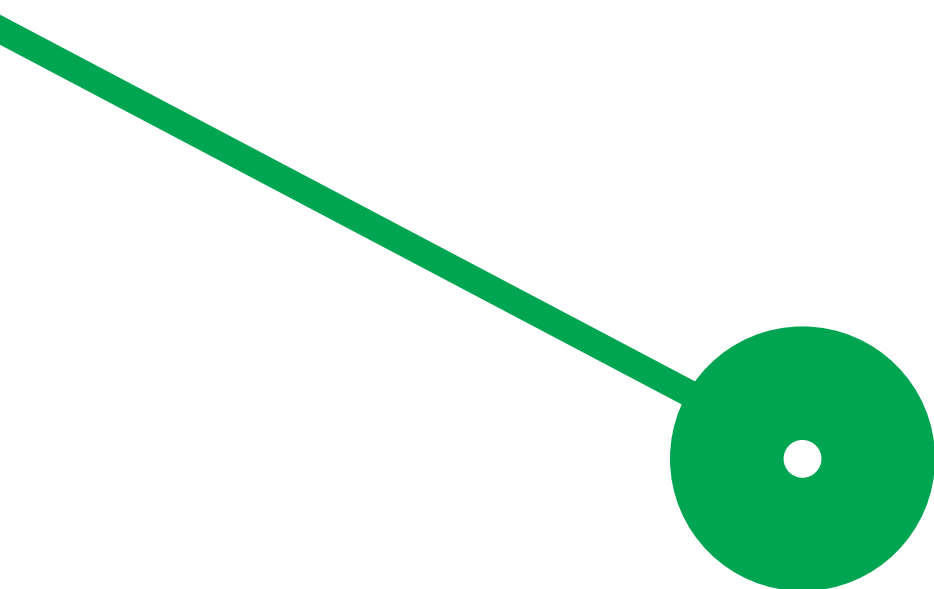




A Identidade Cultural Regional da cidade da Póvoa de Varzim: O Cine-Teatro Garrett e a promoção das tradições poveiras

Maria Beatriz Pereira Araújo Dias Soares

12/2025



Politécnico do Porto
Escola Superior de Hotelaria e Turismo

Maria Beatriz Pereira Araújo Dias Soares

**A Identidade Cultural Regional da cidade da Póvoa de Varzim: O Cine-Teatro
Garrett e a promoção das tradições poveiras**

Relatório de Estágio
Mestrado em Gestão de Turismo
Orientação: Prof.^a Doutora Dália Liberato

Vila do Conde, dezembro 2025
Politécnico do Porto
Escola Superior de Hotelaria e Turismo

Maria Beatriz Pereira Araújo Dias Soares

**A Identidade Cultural Regional da cidade da Póvoa de Varzim: O Cine-Teatro
Garrett e a promoção das tradições poveiras**

Relatório de Estágio
Mestrado em Gestão de Turismo
Orientação: Prof.^a Doutora Dália Liberato

Vila do Conde, dezembro de 2025

Maria Beatriz Pereira Araújo Dias Soares

A Identidade Cultural Regional da cidade da Póvoa de Varzim: O Cine-Teatro
Garrett e a promoção das tradições poveiras

Relatório de Estágio
Mestrado em Gestão de Turismo

Membros do Júri

Presidente

Dra. Teresa Alexandra Azevedo Pataco
Escola Superior de Hotelaria e Turismo – Instituto Politécnico do Porto

Vogal - Orientador

Prof.^a Doutora Dália Filipa Veloso de Azevedo Liberato
Escola Superior de Hotelaria e Turismo – Instituto Politécnico do Porto

Vogal - Arguente

Prof.^a Doutora Ana Filipa Fernandes Aguiar Brandão
Departamento de Economia, Gestão, Engenharia Industrial e Turismo - Universidade de
Aveiro

AGRADECIMENTOS

“Ninguém escapa ao sonho de voar, de ultrapassar os limites do espaço onde nasceu, de ver novos lugares e novas gentes. Mas saber ver em cada coisa, em cada pessoa, aquele algo que a define como especial, um objeto singular, um amigo, - é fundamental. Navegar é preciso, reconhecer o valor das coisas e das pessoas, é mais preciso ainda.”

Antoine de Saint-Exupéry

A realização deste estágio contou com muitas contribuições e incentivos preciosos que permitiram que me envolvesse a 100% no projeto, crescesse e o concluísse com a maior eficácia, profissionalismo, sem descurar a alegria.

Assim, o sentimento de gratidão surge em mim acompanhado de uma enorme felicidade e da consciência do outro como parte integrante da minha vida, sendo importante expressar os meus sinceros agradecimentos a todos os que me ajudaram a tornar possível a execução deste trabalho, ao longo destes meses.

Quero, por isso, agradecer a todos os que me acompanharam ao longo deste projeto e que, mesmo não referindo diretamente aqui os seus nomes, sempre estiveram presentes, quer no silêncio, quer na partilha e cumplicidade com que vivemos a amizade.

Em primeiro lugar, agradeço à Doutora Dália Liberato que aceitou orientar este trabalho de dissertação. Os seus comentários, as suas sugestões e o seu carinho, que generosamente soube dar, fizeram com que esta viagem chegasse a bom porto.

A toda a equipa do Cine-Teatro Garrett, que tão calorosamente me acolheu e fez deste palco de cultura uma segunda casa, expresso a minha mais profunda gratidão. Cada elemento, sem exceção, contribuiu para transformar os dias, por vezes longos em momentos leves e memoráveis. Que cada gesto, um doce partilhado, uma melodia trauteada num dia corrido frente à secretária, um design que ganhou forma a partir de ideias aparentemente improváveis, cada montagem de exposição entre parafusos e obras de arte, cada jornada em palco, fosse para aprender mais sobre luzes e som ou até

para fazer algum exercício físico, simbolize o carinho e a dedicação que ali encontrei, e que permanecem eternizados na minha memória. Um aplauso, de pé, desta vez dirigido a quem está habituado a ouvi-lo do outro lado. Este é para vós, que tornaram possível, dia após dia, abrir as cortinas e dar vida a cada espetáculo.

À Dra. Manuela Ribeiro e Maria João Vieira, orientadoras deste estágio, pela forma como me acolheram e me acompanharam. A sua sabedoria e experiência partilhadas converteram-se em motivação, entusiasmo e, conseqüente dedicação minha a este estágio.

À eterna amiga e professora Joaquina pela paciência com que aceitou ler e fazer sugestões de revisão de texto. Por me mostrar que, quando queremos, sempre há tempo e por, generosamente, estender as suas 24 horas para me ouvir e aconselhar.

Às minhas colegas de mestrado e amigas de vida, a quem dedico este trabalho, pela amizade, cumplicidade e por tudo o que representam para mim. Por compreenderem os inúmeros ‘hoje não dá, estou a trabalhar na tese’. Por me acalmarem com palavras de apoio, carinho e sensatez em dias amargos. Pelas longas conversas e discussões que este trabalho suscitou e que, graças à vossa bondade e inteligência, se tornaram essenciais para o seu êxito.

Por fim, um obrigado à minha família, sempre presente, mesmo que nas estrelas, por me guiarem, pelo todo o apoio e encorajamento incondicional. Seria impossível a realização deste desafio sem o colo, o abraço, o conforto e a serenidade com que, todos os dias, me acolheram. Este trabalho é, também vosso, que acompanham os meus sonhos daqui até à lua e da lua até aqui, mesmo que pareçam difíceis. É o vosso amor que me dá força para subir mais um degrau e concluir mais uma etapa.

Sem as diversas pessoas mencionadas o caminho teria sido mais acidentado!

Um bem-haja a todos!

RESUMO ANALÍTICO

A presente tese remete para a relação entre cultura, identidade e turismo cultural, com foco especial no papel do turismo cultural como agente de desenvolvimento urbano e preservação da identidade. Assim, a nível metodológico, a pesquisa está dividida em duas grandes partes, sendo a primeira referente a uma abordagem teórica sobre os conceitos de cultura, identidade e turismo cultural, e a segunda relativa a um estudo de caso centrado na cidade portuguesa da Póvoa de Varzim.

Na primeira parte, a dissertação apresenta uma reflexão crítica sobre os conceitos de cultura, abordando as diferentes interpretações sociológicas e antropológicas. De seguida, aprofunda-se na identidade cultural, explicando, através de um friso cronológico, como é construída ao longo do tempo com base nos costumes, nas memórias e tradições locais, e como difere entre países e continentes.

Deste modo, o turismo cultural é discutido como um fenómeno que, enquanto valoriza e promove a cultura local, também pode representar riscos à sua integridade, exigindo equilíbrio entre promoção e preservação. Além disso, é apresentada uma análise sobre a importância do turismo no desenvolvimento das cidades e os desafios da articulação entre identidade e turismo.

Na segunda parte, o foco recai sobre a cidade da Póvoa de Varzim, observando a sua identidade cultural, desde as raízes piscatórias e rurais até à sua modernização. Destacam-se momentos históricos importantes, como o papel dos pescadores no século XIX, os “Heróis do Mar” no início do século XX, e a devoção religiosa como traço marcante da cultura local. A dissertação evidencia ainda o esforço contemporâneo de revitalização e preservação da identidade poveira no século XXI.

Por fim, é dado um destaque especial ao Cine-Teatro Garrett, importante espaço cultural da cidade, analisado como agente de promoção das tradições locais, onde foi realizado o estágio, no âmbito do curso de Gestão de Turismo, sendo descritas as funções desempenhadas, as estatísticas de diversos eventos e feita uma análise SWOT (forças, fraquezas, oportunidades e ameaças) da instituição.

O objetivo central desta dissertação consiste em analisar a influência dos eventos culturais na identidade cultural regional da cidade da Póvoa de Varzim. Os objetivos específicos passam por apontar possíveis lacunas na comunicação e na colaboração com os parceiros na promoção e dinamização de eventos; identificar os eventos culturais que mais se destacam na cidade; selecionar estratégias que possam ser implementadas para fortalecer a identidade regional; e examinar as parcerias entre instituições locais que promovem a divulgação de costumes. A oportunidade de estágio no Cine-Teatro Garrett possibilitou uma análise mais aprofundada desta instituição enquanto agente de dinamização cultural.

Como limitação, reconhece-se que a quantidade de eventos analisados no Cine-Teatro Garrett que se relacionam diretamente com elementos identitários relevantes para a sociedade poveira é restrita, existindo outros eventos culturais fora desta instituição que desempenham igualmente um papel importante na afirmação da identidade local.

Este estudo pretende ser um contributo relevante de análise e reflexão que permita à Câmara Municipal da Póvoa de Varzim planear, desenvolver e inovar nas suas estratégias de promoção, valorização e preservação da identidade poveira, destacando a importância de envolver a comunidade local no processo.

Palavras-chave: Cultura, Turismo Cultural, Identidade Cultural, Memória, Globalização, Eventos Culturais, Conservação e Revitalização.

ABSTRACT

This master's thesis refers to the relationship between culture, identity and cultural tourism, with a special focus on the role of cultural tourism as an agent of urban development and identity preservation. Thus, at the methodological level, the research is divided into two major parts, the first referring to a theoretical approach on the concepts of culture, identity and cultural tourism, and the second relating to a case study focused on the Portuguese city of Póvoa de Varzim.

In the first part, the dissertation presents a critical reflection on the concepts of culture, addressing the different sociological and anthropological interpretations. It then delves into cultural identity, explaining, through a chronological frieze, how it is built over time based on local customs, memories and traditions, and how it differs between countries and continents.

In this way, cultural tourism is discussed as a phenomenon that, while valuing and promoting local culture, can also pose risks to its integrity, requiring a balance between promotion and preservation. In addition, an analysis of the importance of tourism in the development of cities and the challenges of the articulation between identity and tourism is presented.

In the second part, the focus falls on the city of Póvoa de Varzim, observing its cultural identity, from its fishing and rural roots to its modernization. Important historical moments stand out, such as the role of fishermen in the nineteenth century, the "Heroes of the Sea" at the beginning of the twentieth century, and religious devotion as a striking feature of the local culture. The dissertation also highlights the contemporary effort to revitalize and preserve the identity of Póvoa de Varzim in the twenty-first century.

Finally, special emphasis is given to the Cine-Teatro Garrett, an important cultural space in the city, analyzed as an agent for the promotion of local traditions, where the internship was carried out, within the scope of the Tourism Management course, describing the functions performed, the statistics of various events and making a SWOT analysis (strengths, weaknesses, opportunities and threats) of the institution.

The main objective of this dissertation is to analyze the influence of cultural events on the regional cultural identity of the city of Póvoa de Varzim. The specific objectives are

to point out possible gaps in communication and collaboration with partners in the promotion and dynamization of events; identify the cultural events that stand out the most in the city; select strategies that can be implemented to strengthen regional identity; and to examine partnerships between local institutions that promote the dissemination of customs. The internship opportunity at Cine-Teatro Garrett enabled a more in-depth analysis of this institution as an agent of cultural dynamism.

As a limitation, it is recognized that the number of events analyzed in Cine-Teatro Garrett that are directly related to identity elements relevant to the society of Póvoa de Varzim is restricted, and there are other cultural events outside this institution that also play an important role in the affirmation of local identity.

This study aims to be a relevant contribution of analysis and reflection that allows the Municipality of Póvoa de Varzim to plan, develop and innovate in its strategies for promoting, valuing and preserving the identity of Póvoa de Varzim, highlighting the importance of involving the local community in the process.

Keywords: Culture, Cultural Tourism, Cultural Identity, Memory, Globalization, Cultural Events, Conservation and Revitalization.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1 CULTURA E TURISMO CULTURAL.....	4
1.1 Conceitos de Cultura.....	4
1.2 Conceito e construção da identidade cultural.....	8
1.2.1 Identidade cultural em diferentes países – Os seus costumes.....	10
1.2.2 A memória cultural e o seu papel na preservação da identidade.....	16
1.3 O Turismo Cultural: definição e importância.....	20
1.3.1 O impacto do turismo no desenvolvimento das cidades.....	25
1.3.2 A Identidade e o Turismo- sinergias e desafios.....	28
2 ESTUDO DE CASO: A PÓVOA DE VARZIM.....	37
2.1 Formação da Identidade da cidade e o seu Brasão.....	39
2.1.1 As primeiras atividades da cidade: piscatória e rural.....	40
2.2 A Identidade da cidade, fortalecida pela memória, ao longo dos tempos.....	45
2.2.1 O Século XIX - OS Pescadores.....	45
2.2.2 O final do Século XIX e início do Século XX - OS Heróis do Mar.....	48
2.2.3 O Século XX – A devoção dos Pescadores.....	49
2.2.4 O Século XXI - A Identidade, revitalização e preservação contemporânea da cidade.....	50
2.3 O Cine-Teatro Garrett e a promoção das tradições poveiras.....	58
2.3.1 O Cine-Teatro aos dias de hoje.....	62
2.4 O Estágio no Cine-Teatro Garrett.....	71
2.4.1 Funções executadas e tarefas realizadas.....	72
2.4.2 Estatísticas dos Eventos realizados no Cine-Teatro Garrett.....	80
2.4.3 Balanço de Aspetos Fortes, Fracos, a Melhorar e Ameaças do Cine-Teatro Garrett.....	94
CONCLUSÃO.....	96
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	99
ANEXOS.....	109
Anexo A – Cartazes idealizados ao longo do estágio.....	109
Anexo B – Notas Introdutória idealizadas ao longo do estágio.....	115

Anexo C – Folhas de Sala idealizadas ao longo do estágio	118
Anexo D – Panfletos idealizados ao longo do estágio	121
Anexo E – Ideia de Material Gráfico idealizado ao longo do estágio para a Feira do Livro 2025.....	122
Anexo F – Convite à Comunidade.....	131
Anexo G – Excel de Percentagens de Lotação de Sala por categorias de Espetáculo no Cine-Teatro Garrett.....	132

Lista de Figuras

Figura 1 Brasão da Póvoa de Varzim 1958	40
Figura 2 Brasão da Póvoa de Varzim 1986	40
Figura 3 Cartaz Theatro Garrett agosto 1890	59
Figura 4 Cartaz Theatro Garrett outubro 1890.....	59
Figura 5 Cartas Teatro Garrett agosto 1915.....	59
Figura 6 Jornal de Notícias- Reabilitação do Cine-Teatro Garrett.	61
Figura 7 Equipa Cine-Teatro Garrett no Evento Correntes D'Escritas.	64
Figura 8 Picagem de Bilhetes no Cine-Teatro Garrett.....	66
Figura 9 Programação idealizada do Mês de maio	67
Figura 10 Ficha de Produção 38 ^o Gala de Aniversário Juvenorte	68
Figura 11 Ocupação de Sala no Espetáculo Alice no País das Maravilhas.....	68
Figura 12 Reunião Gala da Família FAPEEP.....	68
Figura 13 Montagem de Som.....	69
Figura 14 Montagem de Luz	69
Figura 15 Mesa de Som Regie Cine-Teatro Garrett.....	69
Figura 16 Ligação Palco-Regie.....	69
Figura 17 Cartaz Exposição Perdições- eu Camilo – amores e desamores, o sagrado, o corpo e as afeições.....	74
Figura 18 Montagem Exposição ímpar.....	74
Figura 19 Nota Introdutória Exposição Estendal Comunitário	74
Figura 20 Montagem Exposição 6 ^a BIENAL de Gaia	74
Figura 21 Montagem Sala de Atos para Encontro de Enfermeiros	75
Figura 22 Montagem Coffee Break Encontro de Enfermeiros	75
Figura 23 ReViraVerso.....	76
Figura 24 Teatro A Casa.....	76
Figura 25 Vozes Transeuntes.....	77
Figura 26 Exposições de Arte	77
Figura 27 Panfleto frente e verso da atividade ReViraVerso	78
Figura 28 Cartaz do Documentário Memórias da Terra.....	78

Figura 29 Correntes Itinerantes- freguesia de Terroso.....	79
Figura 30 Correntes Itinerantes-freguesia de Estela	79
Figura 31 Contexto Escolar- Escola EB 2/3 Cego do Maio	79
Figura 32 Equipa e Convidados do Evento Correntes d'Escritas.....	80
Figura 33 Dedicatória do escritor Antonio Monegal	80

Lista de Tabelas

Tabela 1 Categorias	81
Tabela 2 Soma de Espetáculos.....	82
Tabela 3 Percentagem de Lotação dos Espetáculos de Teatro 2024.....	83
Tabela 4 Percentagem de Lotação dos Espetáculos de Dança 2024.....	87
Tabela 5 Percentagem de Lotação dos Espetáculos de Cinema 2024	89
Tabela 6 Percentagem de Lotação dos Espetáculos de Outros Espetáculos 2024	92

INTRODUÇÃO

Num mundo cada vez mais globalizado, onde as tradições locais enfrentam constantes desafios perante a homogeneização cultural, os eventos culturais assumem um papel central na preservação da identidade das comunidades. Mais do que simples momentos de lazer, estes eventos constituem-se como espaços de memória coletiva, de transmissão intergeracional e de afirmação cultural, funcionando também como mecanismos de diferenciação territorial.

A cidade da Póvoa de Varzim constitui um exemplo paradigmático desta realidade. Rica em tradições, marcada pela herança piscatória e pela forte ligação ao mar, a cidade tem vindo a fortalecer a sua identidade através da realização de eventos que unem memória, modernidade e criação artística. Neste contexto, o Cine-Teatro Garrett destaca-se como um espaço privilegiado de dinamização cultural, funcionando como palco de espetáculos e iniciativas que mobilizam a comunidade, promovem o património imaterial poveiro e projetam a cidade no panorama cultural regional e nacional.

Estudar o impacto dos eventos culturais na construção da identidade regional da Póvoa de Varzim revela-se, por isso, essencial para compreender o modo como a cultura local se preserva, se reinventa e se afirma.

O objetivo geral deste trabalho consiste em analisar a influência dos eventos culturais na identidade cultural regional da cidade da Póvoa de Varzim. Para atingir este propósito, a investigação procura, em primeiro lugar, identificar as lacunas existentes ao nível da comunicação e da colaboração com os parceiros envolvidos na promoção e dinamização cultural, reconhecendo os constrangimentos que limitam o alcance das iniciativas. Paralelamente, pretende-se identificar os eventos que, pela sua natureza e impacto, se destacam na programação da cidade, revelando-se mais significativos na consolidação da identidade poveira. A investigação visa ainda selecionar estratégias que possam contribuir para o fortalecimento da identidade regional, garantindo a sua valorização e continuidade no tempo, e, por fim, examinar o papel das parcerias estabelecidas entre as instituições locais, procurando compreender de que forma estas relações contribuem para a divulgação dos costumes e para a preservação das tradições.

A relevância deste estudo decorre da necessidade de refletir sobre o papel que os equipamentos culturais e os eventos desempenham na valorização da identidade

coletiva e na preservação das tradições poveiras. Ao analisar o caso do Cine-Teatro Garrett e o seu enquadramento na dinâmica cultural da cidade, esta dissertação permite não apenas identificar os pontos fortes da estratégia cultural poveira, mas também evidenciar as fragilidades e os desafios que se colocam à sua sustentabilidade futura.

A presente dissertação encontra-se organizada em seis capítulos, cuja sequência procura conduzir o leitor da fundamentação teórica à análise empírica e às conclusões finais.

- Capítulo Um – Cultura e Turismo Cultural: apresenta uma revisão da literatura em torno do conceito de cultura, abordando as suas diferentes definições ao longo da história, bem como a forma como esta se relaciona com a identidade cultural. São explorados os contributos da memória coletiva e cultural para a preservação identitária, refletindo sobre a importância do património material e imaterial. Por fim, é discutido o papel do turismo cultural como instrumento de valorização e revitalização das comunidades locais, destacando-se as sinergias e desafios que emergem da relação entre identidade e turismo.

- Capítulo Dois – Estudo de Caso: A Póvoa de Varzim: faz-se a contextualização histórica e cultural da cidade, com especial atenção à formação da sua identidade, profundamente ligada à atividade piscatória e à ligação ao mar. Este capítulo percorre diferentes momentos da história poveira, desde o século XIX até à contemporaneidade, evidenciando os símbolos, práticas e tradições que moldaram a identidade local e contribuíram para a afirmação da cidade como espaço de cultura e de memória.

- Capítulo Três – O Cine-Teatro Garrett e a promoção das tradições poveiras: descreve-se a história e evolução deste equipamento cultural, desde a sua criação até à sua função atual. É analisada a importância do Garrett enquanto palco da vida cultural poveira, explorando a sua programação diversificada e o papel que desempenha na divulgação de tradições locais. Este capítulo sublinha ainda a relevância do espaço na mediação entre modernidade e tradição, evidenciando o seu contributo para a afirmação identitária da cidade.

- Capítulo Quatro – O Estágio no Cine-Teatro Garrett: apresenta-se o enquadramento do estágio curricular realizado, descrevendo as funções desempenhadas, as tarefas realizadas e a integração nas dinâmicas do Cine-Teatro. O

capítulo expõe a experiência adquirida no acompanhamento de eventos, na organização logística e na articulação com diferentes parceiros, permitindo compreender de forma prática o funcionamento do espaço e a sua relevância na vida cultural da cidade.

- Capítulo Cinco – Análise Empírica: expõe os principais resultados decorrentes da experiência de estágio. São apresentadas estatísticas sobre a ocupação de sala e a afluência do público a diferentes tipologias de espetáculos, seguidas de uma análise qualitativa baseada na observação. Este capítulo culmina com a elaboração de uma análise SWOT, que sintetiza os pontos fortes, as fragilidades, as oportunidades e as ameaças que caracterizam o Cine-Teatro Garrett, oferecendo uma visão integrada do seu papel na promoção da identidade cultural poveira.

- Capítulo Seis – Conclusões e Recomendações: reúnem-se as principais conclusões alcançadas, refletindo sobre a influência dos eventos culturais na identidade regional e sobre o contributo do Cine-Teatro Garrett nesse processo. São também discutidas as limitações do estudo e apresentadas recomendações estratégicas que poderão orientar a atuação futura das entidades locais, visando o reforço da identidade cultural da cidade da Póvoa de Varzim e a sustentabilidade do equipamento cultural analisado.

1 CULTURA E TURISMO CULTURAL

1.1 Conceitos de Cultura

Ao longo dos séculos, são inúmeros os autores que deixaram um legado evidente associado à aceção do vocábulo “cultura”. Assim, o conceito tem sido definido de diferentes formas, desde a Antiguidade Clássica, refletindo mudanças filosóficas, sociais e científicas, em obras de pensadores como Platão, Cícero, Santo Agostinho, Tomás de Aquino, Erasmo de Roterdão, Petrarca, Voltaire, Diderot, Eça de Queirós e, até, Antonio Monegal. Cada um, do seu modo, expressou uma perspetiva própria sobre a cultura, revelando a complexidade e a diversidade do conceito, abordagens essas que serão analisadas ao longo dos próximos parágrafos, de forma a ilustrar como a noção de cultura se transforma consoante o contexto histórico e intelectual.

Efetivamente, na Grécia Antiga, a cultura era mencionada pelo filósofo Platão no seu livro *República* como formação da alma para a virtude e o conhecimento, ligado à educação (paideia), associando, deste modo, a cultura ao desenvolvimento moral e intelectual da sociedade (Platão, 2017). A emblemática Grécia denotava a cultura como “um meio para explicar o mundo, ordená-lo e dotá-lo de sentido” (Monegal, 2024), tornando-se impensável o menosprezo pela cultura, ou classificá-la como “uma mera distração supérflua” (Monegal, 2024), algo comum nos dias atuais. Em Roma, Cícero utilizou o termo *cultura animi* (“cultura da alma”), na obra *Tusculanae Disputationes* (Disputas Tusculanas), Livro II, 13, “A cultura da alma é a filosofia: ela arranca os vícios pela raiz e prepara a mente para receber as sementes, das quais podem ser colhidos os mais abundantes frutos”(Cícero, 2014). Nesta analogia, Cícero reforça a ideia de que a filosofia é o meio pelo qual a alma é cultivada e desenvolvida, assim como o agricultor trabalha a terra para obter uma colheita produtiva, influenciando posteriormente a noção moderna de “cultura” como um processo de desenvolvimento intelectual e moral (Cícero, 2014).

Avançando no tempo para a Idade Média, a cultura estava profundamente ligada à religião e à tradição cristã, em que o conhecimento era preservado pela Igreja e pelas universidades medievais (Santo Agostinho, 2020). Esta ideia é defendida por Santo Agostinho em *Confissões*, uma vez que discute como a busca pela verdade e pela

sabedoria está intrinsecamente ligada à ordem divina e ao desejo de se aproximar de Deus. Já em *Sobre a Vida Feliz*, explora a relação entre a felicidade e a vivência segundo a ordem estabelecida por Deus, enfatizando que a verdadeira cultura da alma consiste na contemplação e no seguimento da vontade divina (Santo Agostinho, 2019). Por sua vez, Tomás de Aquino, em *Suma Teológica* (*Summa Theologiae*) apresenta a cultura como parte da busca pela verdade, integrando a razão e a fé, argumentando que o conhecimento humano e a cultura devem ser ordenados à contemplação de Deus, que é o bem supremo (Aquino, 2001).

Prosseguindo para o Renascimento, Erasmo de Roterdão e Petrarca são duas figuras influentes do movimento humanista, cujas obras defendem a educação como fundamental para o florescimento cultural e a evolução do ser humano. Em *Elogio da Loucura*, Erasmo de Roterdão critica as falhas da sociedade e da Igreja, promovendo o conhecimento e a reflexão crítica, essenciais como base para um florescimento cultural mais amplo (Roterdão, 2023). Já em *Manual do Cavaleiro Cristão*, Erasmo sublinha a importância do cultivo das virtudes morais para uma vida bem-sucedida, promovendo um modelo de educação que envolvesse o estudo das obras clássicas e da filosofia, essencial para o desenvolvimento da cultura cristã e do caráter (Roterdão, 2023).

Na mesma época, Petrarca, em *Canzoniere*, partilha uma coleção de poesias, cujo processo de escrita defendia um retorno aos ideais da antiguidade clássica, sendo uma cultura aliada à sabedoria e ao pensamento profundo (Petrarca, 2001).

Pelo exposto, o termo cultura começou a abranger também a produção artística e intelectual com a entrada no Iluminismo, apologista de uma visão racionalista e progressista da cultura. Voltaire em *Cândido ou o otimismo* sugere que a busca pelo conhecimento e a educação são os caminhos para a melhoria das condições humanas e o progresso da civilização, fazendo um convite ao aperfeiçoamento da sociedade através do conhecimento e da crítica (Voltaire, 2016). Em *Cartas Filosóficas*, Voltaire apresenta as suas ideias sobre a razão e a cultura, defendendo o uso da razão como um meio para avançar a civilização e critica a superstição e a intolerância (Voltaire, 2001). Assim sendo, as *Cartas Filosóficas* são uma defesa da ciência e da liberdade de pensamento, referindo que o progresso civilizacional está intrinsecamente ligado ao desenvolvimento cultural e ao conhecimento. A crença na cultura e no conhecimento é igualmente debatida por Denis Diderot, juntamente com Jean le Rond d'Alembert, em *Enciclopédia*, que visa

disseminar o conhecimento científico e filosófico da época e, através desse meio, promover o progresso social, político e cultural (Diderot, 2015). Desta forma, Diderot acreditava que a educação e o conhecimento eram os principais motores de transformação e evolução da sociedade. Remetendo para a intertextualidade desta obra com o romance *Os Maias*, de Eça de Queirós, destaco a referência à *Enciclopédia*, de forma a mostrar que a personagem Afonso da Maia tinha acesso à cultura e à informação: “O antepassado, cujos olhos se enchiam agora de uma luz de ternura diante das suas rosas, e que ao canto do lume relia com gosto o seu Guizot, fora, na opinião de seu pai, algum tempo, o mais feroz jacobino de Portugal! E, todavia, o furor revolucionário do pobre moço consistira em ler Rousseau, Volney, Helvécio e a Enciclopédia” (Queirós, 2021). Esta abordagem de alcançar conhecimento através da literatura está presente em *Jacques, o Fatalista*, já que transmite a crença de Diderot no papel da razão e do conhecimento para a construção de um mundo mais esclarecido. Por fim, ambos os autores, Voltaire e Diderot, viam a cultura como um meio para alcançar o progresso civilizacional, visto aliarem a cultura à preservação de tradições ou arte, ao processo dinâmico de aquisição de conhecimento, questionamento e evolução (Diderot, 2014).

Respeitante às críticas relativas à civilização moderna e à ideia de que a cultura, em muitos casos, corrompe a natureza humana e afasta o ser humano da sua pureza original, surge Jean-Jacques Rousseau, argumentando que os avanços culturais e sociais, muitas vezes, trazem desigualdade e alienação (Rousseau, 2020). Em *Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*, Rousseau alega que a civilização e a cultura, especialmente a propriedade privada e as instituições sociais, são responsáveis pela disparidade e pela corrupção moral, dado que por ter sido impulsionada pela cultura e pela organização social, levou ao surgimento das desigualdades e ao distanciamento da pureza original do homem (Rousseau, 2020). Assim, Rousseau faz alusão ao homem natural que, na sua essência, não era corrompido pelos vícios da sociedade moderna. Porém, com o aparecimento da cultura e das instituições, as relações humanas passaram a ser marcadas pela competição, pela inveja e pela ganância, causando a decadência moral da humanidade (Rousseau, 2019). Ainda em *Discurso sobre a Ciência e as Artes*, faz-se uma crítica direta ao progresso da ciência e da cultura, mencionando que, embora os avanços científicos e artísticos possam trazer benefícios materiais à sociedade, também têm o efeito de afastar os seres humanos da

sua natureza genuína e moral (Rousseau, 2019). Em síntese, para Rousseau, a cultura e a civilização não são intrinsecamente boas, mas, muitas vezes, corrompem e pervertem a natureza humana (Rousseau, 2019).

Na tentativa de definição de cultura, surgem demonstrações como as devoções, os cantares e as tradições uniam a população, que se preparava com êxtase por se sentir parte da cultura.

Enquanto para muitos a cultura é um motor económico essencial e instrumento de coesão social (Monegal, 2024), para outros, como para Antonio Monegal, esses argumentos usados para defender o investimento público na cultura (..) são verdadeiros, mas insuficientes para descrever o poder e a importância desta manifestação artística e hereditária.

Na verdade, “cultura” é uma palavra de origem latina e o seu significado original está ligado às atividades agrícolas (Santos, 2006).

Todos estes autores se questionam sobre a natureza de bem comum e direito social da cultura como um dos pilares básicos do Estado Social (Monegal, 2024), depreciando a cultura como um mero gerador de riqueza supérfluo. Ninguém toca violino, lê, vai ao teatro ou vê exposições para gerar riqueza ou coesão social (Monegal, 2024).

Apesar de muitos esmiuçarem a melhor hipótese de tornar a cultura fonte de riqueza, a verdade é que já vários autores reconheceram a cultura de uma cidade como mais do que um recurso que contribui para a saúde, para a educação, para a redução da criminalidade, para o fortalecimento das comunidades, para o bem-estar da nação (Monegal, 2024). Este autor, nesta perspetiva, ainda lamenta que a cultura seja associada a uma venda política, já que onde não há consenso nacional o mesmo não pode ser simulado por meio de estratégias de marketing e de um reportório de estereótipos, reiterando a ideia de que a marca serve para vender um produto, ainda que vendê-lo no mercado interno seja mais difícil do que exportá-lo, gerando a confusão do legítimo orgulho nacional com as virtudes singulares do produto (Monegal, 2024).

A cultura é, deste modo, complexa e diversa, não podendo apenas dar valor àquela que enche salas. De facto, as atividades que mais apoio necessitam são as que menos benefício económico geram e das quais um menor número de utilizadores desfruta (Monegal, 2024). Assim, não só a cultura de elite deve ter apoio e significado na

sociedade atual, como devem ser enaltecidas as culturas populares, sendo igualmente essenciais não só para atrair turistas para a localidade, mas também para contribuir para a coesão dos moradores de um bairro ou para favorecer o diálogo intercultural. O folclore, os rituais, as festas ou a gastronomia são atrativos para o turismo e a exploração do património cultural (Monegal, 2024).

Porém, como devemos de avaliar cultura?

Tony Blair revela ser necessário encontrar uma linguagem e um modo de descrever o valor da cultura, sendo esta a única maneira de garantir todo o apoio necessário à mesma (Blair sd in Monegal, 2024). Já Holden refere que a resposta a essa avaliação passa por reconhecer os elementos afetivos na experiência tida e na identidade cultural, localizando o valor da mesma, sem renunciar à recolha de dados quantificáveis (Holden sd in Monegal, 2024).

1.2 Conceito e construção da identidade cultural

Interligada à cultura de qualquer cidade, encontra-se a Identidade Cultural, um conceito fundamental dentro da cultura, por representar o conjunto de valores, crenças, tradições e símbolos que caracterizam um grupo social. Assim, esta identidade é construída ao longo do tempo, moldada pela história, pelo território, pelas práticas sociais e pelas influências externas.

Segundo Stuart Hall em *Identidade Cultural e diáspora*, as identidades são os nomes que damos às diferentes posições que nos são atribuídas pelas narrativas do passado e às posições que nós próprios assumimos nelas (Hall, 2014), havendo, deste modo, um cruzamento entre o passado e o presente, cuja ligação é garantida pela memória. Efetivamente, torna-se a base sobre a qual as culturas se constroem e mantêm a coesão ao longo do tempo, sendo transmitida através das gerações que lembram e interpretam o seu passado, as suas tradições, e as suas experiências históricas, bem como perpetuam as narrativas contadas em histórias, canções, danças, e outras formas de expressão cultural, servindo de ponto de referência para as gerações futuras. Por este motivo, a memória cultural não é apenas um arquivo do que aconteceu, mas uma força dinâmica que forma a identidade de um povo, permitindo a continuidade dos seus valores, das suas tradições e da sua história.

Na verdade, como refere António Monegal, no Capítulo “Memória e Identidade” da obra *Como o ar que respiramos - o sentido da cultura*, é fácil observar no quotidiano, até que ponto “somos memória”. Para clarificar a construção da identidade de uma cultura, o autor adota uma abordagem analógica, partindo da identidade individual como ponto de referência para demonstrar a sua relevância na formação do todo. Como exemplo, menciona a temível doença de Alzheimer que não só apaga memórias, mas também faz esvanecer traços únicos da personalidade. Dissipam-se recordações, perdem-se atitudes, crenças, hábitos, maneiras de falar e de se comportar o que caracteriza o indivíduo torna-se irreconhecível (Monegal, 2024), evidenciando que até a mais ínfima personalidade vive em torno de uma chama que a torna única: a identidade, descrevendo como sendo a narrativa que contamos a nós próprios (tanto quanto podemos ou sabemos), feita de retalhos do que vivemos, do que os outros nos disseram ou do que vemos, de alegrias e tristezas, desejos e medos que nos configuram como indivíduos (Luckmann sd in Monegal, 2024). Seja qual for a sua natureza, a identidade, produzida com base no vivido, lido ou ouvido, é essencial para a construção de um ser, de um grupo, de uma cidade ou de um país.

Assim, a definição de identidade cultural implica a distinção dos princípios, valores e traços que a marcam, não apenas em relação a si própria, mas também frente a outras culturas, povos ou comunidades. Entende-se que cresce sobre aspetos peculiares de um dado povo que tem as suas crenças, rituais e experiências comuns, permitindo invocar uma origem, um passado histórico com o qual continua a manter uma certa correspondência (Hall, 2000). Interligada, inúmeras vezes, à religião, a identidade cultural partilha costumes com grupos étnicos, categorizando a população que se identifica mutuamente, geralmente com base na genealogia ou ancestralidade comum presumida ou em semelhanças de língua, história, sociedade, cultura ou nação em comum, surgindo, desta forma, uma espécie de herança cultural compartilhada.

Em *Religion and Cultural Memory: Ten Studies* Jan Assmann refere que a memória cultural liga as gerações através de textos, imagens e rituais que são transmitidos e reinterpretados ao longo do tempo (Assmann, 2005). Nesta obra, desenvolve a teoria da memória cultural, distinguindo-a da memória comunicativa e analisando como as sociedades constroem a sua identidade ao longo do tempo por meio de textos, rituais e

símbolos, tornando-se uma referência essencial nos estudos sobre memória coletiva e identidade cultural (Assmann, 1938).

Em *Cultura e Imperialismo*, Edward Said reforça que nenhuma identidade cultural é fixa, pura ou isolada, e que todas são formadas por contactos e conflitos históricos (W. Said, 2019). E em *A Memória, a História, o Esquecimento*, Paul Ricoeur destaca que “A memória não é apenas um registo do passado, mas também um ato de reapropriação que dá sentido ao presente” (Ricoeur, 2008).

Deste modo, as raízes de uma terra possibilitam distinguir regiões, e unir os habitantes, desde os mais velhos aos mais novos, que vivem, afincadamente, cada festa, evento ou romaria enraizada na cidade e nas próprias famílias. Consequentemente, a cultura, a memória da mesma e a comunidade residente, que preserva estes costumes que o rodeiam, são parâmetros imprescindíveis para a construção desta identidade.

1.2.1 Identidade cultural em diferentes países – Os seus costumes

Na Europa, em Portugal, na cidade de Viana de Castelo, a Senhora da Agonia é uma das mais emblemáticas devoções religiosas em Portugal (CMVC, 2023). A veneração à Senhora da Agonia está profundamente ligada à cultura marítima e à tradição dos pescadores da região e remonta ao século XVIII, quando a imagem da Virgem foi introduzida na Capela do Bom Jesus do Santo Sepulcro do Calvário, nos arredores de Viana do Castelo (CMVC, 2023). Nessa altura, a devoção popular cresceu especialmente entre os pescadores, que acreditavam na sua proteção durante as difíceis travessias no mar. A crença remonta a 1751, ano em que a Santa Sé concedeu uma bula papal, permitindo a celebração da festa religiosa em honra da Nossa Senhora da Agonia, tornando-se a maior romaria de Portugal, celebrada anualmente, em agosto. O evento combina celebrações religiosas e manifestações culturais, como a Procissão ao Mar, em que os pescadores levam a imagem da Virgem ao rio Lima para pedir proteção; o Desfile da Mordomia, em que as Mulheres vestem os trajes tradicionais minhotos, ricamente adornados com ouro; o Fogo de Artifício sobre o Rio Lima, momento auge da festividade; e os Tapetes de flores, em que as ruas de Viana do Castelo são decoradas com magníficos tapetes florais (CMVC, 2023).

Por fim, a devoção à Senhora da Agonia não é apenas um ato religioso, mas também um símbolo da identidade cultural de Viana do Castelo, uma vez que une tradição, fé e o orgulho do povo minhoto, “Temos mar, terra e montanha e temos uma enorme capacidade de nos mobilizar e de interpretar com todo o significado o que é a nossa memória e a nossa história”, como considerou Amadeu Costa e Francisco Sampaio (CMVC, 2023).

Também o Presidente da Vianafestas, Manuel Vitorino, indicou que “Somos Todos Romaria porque exaltamos o espírito e a identidade dos vianenses” (CMVC, 2023), já que, quando as mulheres vianenses apresentam este traje e este ouro, estão a demonstrar superação, a demonstrar que conseguiram enfrentar as adversidades, sempre preservando e valorizando aquilo que nos distingue (CMVC, 2023).

Ainda na nação portuguesa, a identidade cultural de Podence e a sua relação com os Caretos de Podence são um excelente exemplo de como uma tradição fortalece a identidade de uma comunidade e contribui para a sua autenticidade enquanto destino cultural de uma cidade ou aldeia, por ser construída através de elementos tangíveis e intangíveis que refletem a memória coletiva, os costumes, as expressões artísticas e as práticas sociais que diferenciam essa localidade das demais (UNESCO, 2019). No caso de Podence, a identidade está profundamente ligada ao Carnaval tradicional dos Caretos, uma festividade de raízes ancestrais que se mantém viva até hoje, tradição que funciona como Pilar da Identidade.

Efetivamente, através das máscaras, dos trajes coloridos e dos rituais de chocalhadas, a comunidade preserva uma tradição que remonta a tempos pré-cristãos, onde os rituais de inverno tinham um papel fundamental nas sociedades agrícolas e pagãs. Esta prática não só reforça o sentido de pertença dos habitantes, como também diferencia Podence no contexto cultural português, já que foi reconhecido como Património Imaterial, tendo tido o reconhecimento pela UNESCO (UNESCO, 2019).

Aliado a esse fator, destaca a cultura como diferenciador territorial, já que Podence fortaleceu a sua marca territorial e atrai visitantes e investigadores. A cultura dos Caretos não é apenas um evento anual, mas um fator que influencia o turismo cultural, dado que a vila se tornou um destino de referência no turismo etnográfico e cultural, recebendo milhares de visitantes no Carnaval e ao longo do ano que se misturam com as raparigas solteiras, que, segundo a tradição, constituem o verdadeiro

cerne do ritual e o principal motivo da sua saída (Costa, 2015) ; o artesanato e a produção local, nomeadamente através da confeção artesanal das máscaras e trajes tradicionais dos Caretos, são valorizados pelos habitantes como parte integrante do seu património identitário. Esta prática tem vindo a sofrer processos de refuncionalização, nos quais o valor formal e estético dos objetos tende a sobrepor-se ao seu valor substancial, refletindo uma crescente mercantilização cultural. A figura do artesão, antes ligada ao viver e sentir ancestrais, é agora frequentemente individualizada e condicionada pelas lógicas de mercado, desconectando-se do seu contexto original (Raposo, 2004). Além disso, produtos gastronómicos e souvenirs inspirados nos Caretos, como máscaras em miniatura, postais, cartazes ou merchandising diverso reforçam essa identidade no comércio local, contribuindo para a consolidação do ícone enquanto “emblema regional ou nacional”, apropriado pelas autoridades locais e consumido por diferentes tipos de públicos, desde os turistas curiosos aos investigadores especializados (Raposo, 2004) ; a reabilitação urbana e a musealização da tradição refletem-se na criação de espaços como a Casa do Careto, inaugurada em 2004, que vieram introduzir uma nova dinâmica na freguesia de Podence (Costa, 2015). Este espaço museológico tornou-se um suporte físico e institucional da identidade local, permitindo a preservação e divulgação da história e das práticas associadas aos Caretos. A Casa do Careto cumpre ainda funções de promoção cultural e educativa, ao apoiar a produção académica, fomentar a criação artística e potenciar o desenvolvimento económico da região através da valorização do património imaterial (Costa, 2015).

Em Itália, Veneza perpetua o Carnaval e os Barcos Tradicionais. De facto, o Carnaval de Veneza é um costume secular que remonta ao século XIII e reflete a sofisticação e o esplendor da cidade (Marin, 2018). Neste evento, as máscaras venezianas, como a Bauta, que permitia anonimato e igualdade social, e iniciativas como o *Voo do Anjo* e a *Festa delle Marie* são um símbolo de mistério e liberdade, permitindo que os cidadãos se misturem sem distinção de classes sociais, sendo, assim, de sublinhar o renascimento dos bailes de máscaras e o papel da “Commedia dell’Arte” na tradição veneziana. A tradição das gôndolas e a forma como os venezianos ainda utilizam os canais como principal via de transporte preservam, deste modo, a identidade única da cidade (Marin, 2018).

Em *The Venetian Historical Writing and Its Immobilisms*, obra traduzida por Şerban Marin analisa a escrita histórica veneziana e a preservação da memória cultural da cidade, dando elevada relevância à identidade cultural e às tradições enraizadas de Veneza. A identidade veneziana foi construída sobre uma narrativa de continuidade e estabilidade, na qual as tradições culturais desempenham um papel central na preservação da memória coletiva da cidade (Marin, 2018) e, ao longo dos séculos, Veneza cultivou uma cultura cívica distinta, enraizada em festivais públicos, cerimónias religiosas e rituais que reforçam a coesão social e a identidade da República (Marin, 2018).

Em Espanha, Sevilha é associada ao Flamenco e *Feria de Abril*, apresentando uma identidade fortemente ligada à música e à dança flamenca, um costume que surgiu na Andaluzia e que representa a fusão de culturas árabe, cigana e espanhola. Assim, Gugliotta descreve o Flamenco como uma mescla de culturas que atravessaram a Andaluzia durante séculos, entre elas: árabe, judia, hindu paquistanesa e bizantina, que se foram modificando nas suas raízes populares. Antecedendo o Flamenco, haveria assim uma forte herança oriental, mas com personalidade e expressão própria (Gugliotta, 1990 in Caserta, 2008).

Aliado a este fator, a *Feria de Abril*, com as suas casetas, as suas vestimentas tradicionais e os seus cavaleiros montados em belos cavalos, reforça a identidade festiva e apaixonada da cidade (Grimaldos, 2015).

No livro *Historia social del flamenco*, Alfredo Grimaldos transmite que, desde há longas épocas, as fortunas e adversidades artísticas do flamenco têm dependido normalmente da aventura de vida dos intérpretes, das suas necessidades expressivas, mas sobretudo do seu grau de integração numa determinada sociedade (Grimaldos, 2015). Alega, assim, que a evolução cíclica do flamenco - do canto, da dança, do jogo - esteve sempre sujeita às condições ambientais em que se desenvolveu (Grimaldos, 2015). Ainda reitera que o flamenco é uma arte de transmissão oral que, durante muito tempo, se conservou, fundamentalmente, nas grandes dinastias ciganas da Baixa Andaluzia, sendo transmitida de geração em geração na família e na vizinhança (Grimaldos, 2015). A verdade é que os profissionais do flamenco gozam, na atualidade, de uma maior consideração social, já que a “dignificação” do flamenco, pela qual o maestro António Mairena lutou toda a sua vida, foi conseguida há muito tempo. No presente, cantar, tocar

guitarra e dançar têm espaços próprios nas mais prestigiadas competições musicais do circuito internacional (Grimaldos, 2015).

Na Ásia, Kyoto é o coração cultural do Japão e mantém tradições milenares, como o *hanami*, promoção da apreciação das cerejeiras em flor, e Tradições Zen, rituais nas casas de chá. O budismo zen teve uma grande influência na cidade, onde templos e jardins seguem um padrão arquitetônico tradicional, refletindo a busca pela harmonia e simplicidade. Outro exemplo particular é o Gion Matsuri, um dos festivais mais antigos e importantes do Japão, realizado anualmente desde o século IX. Segundo a *Japan Endless Discovery Organization* (JNTO), guia oficial de Turismo do Japão, Gion Matsuri, remonta ao ano de 869, transformando a cidade desde então, especialmente em meados de julho. Este evento de um mês inclui procissões de carros alegóricos colossais, entre eles os reconhecidos yama e hoko, exuberantes gigantes de 25 metros de altura. Tanto o yama quanto o hoko revelam uma decoração elaborada e um trabalho de artesanato requintado, como tecidos lisos, estampados e tingidos e esculturas. O mês é ainda celebrado com cerimônias religiosas ligadas ao xintoísmo, possibilitando à cidade de Kyoto preservar essa tradição como um reflexo direto da sua identidade histórica e cultural (JNTO, s.d.).

No continente americano, no Brasil, a identidade de Salvador é fortemente influenciada pela cultura afro-brasileira, refletida no candomblé, na capoeira e na música do bloco afro Olodum. O Carnaval de Rua de Salvador, com os seus trios elétricos e a ampla participação popular, é uma expressão viva dessa herança, reforçando a conexão da cidade com a música e a festa, e preservando as raízes africanas e indígenas.

A crescente popularização dos blocos afro em Salvador, particularmente nas décadas de 1980 e 1990, consolidou essa identidade cultural, impulsionando o surgimento de novos ritmos e formas de expressão musical, e fortalecendo uma cultura afro no seio do Carnaval (Diniz, 2008). O grupo Olodum, que começou a ganhar visibilidade por volta de 1983, destacou-se à medida que assumia de forma explícita a temática negra. Para os apoiantes dessa musicalidade afro, a mensagem transcendia barreiras de cor, credo ou nacionalidade (Diniz, 2008).

Andre Diniz, no seu *Almanaque do Carnaval*, recorda o impacto da primeira vez que viu o Olodum atravessar a Praça Castro Alves, então epicentro da folia, ao som de “Paraó, divindade do Egito”. O espanto e o encantamento estampavam-se no rosto de

quem presenciava aquele momento, lançando questões como: “Que música era aquela? De onde surgira aquele ritmo incrível?”. A força inovadora do Olodum tornava a festa ainda mais vibrante. Para Diniz, era como se cada dançarino soubesse que participava de uma revolução festiva, destinada a marcar a história, onde o povo criava algo grandioso, uma obra-prima da criatividade local, descrevendo o momento como se Salvador cantasse para si mesma: “olha só de quanta beleza e animação somos capazes!” (Diniz, 2008).

Desta forma, o Olodum tornou-se mais do que a soma de individualidades, tornou-se símbolo da brincadeira popular, expressão energética de uma tradição foliã consolidada, capaz de encantar por muitos carnavais futuros (Diniz, 2008). Com este novo estilo, os blocos afro passaram a ocupar uma posição significativa no panorama cultural baiano e na luta contra o racismo. A musicalidade afro, promovida por blocos como o Olodum e o Ara Ketu, marcados por percussões intensas e danças coreografadas que evocam os sons e movimentos das senzalas, passou a ser celebrada inclusive pelos blocos de trio, tradicionalmente compostos por populações brancas, geralmente distanciadas de debates étnicos e políticos (Diniz, 2008).

Esta celebração coletiva não se restringe apenas ao Carnaval, já que, mesmo as atividades mais árduas, como a pesca do xaréu, são evocadas como momentos festivos, com o povo a cantar e a dançar, seja em terra, no mar, nos saveiros, jangadas ou canoas. A Bahia é, assim, marcada por uma riqueza de festas populares, de rua, de igreja, de candomblé, que conservam a marca original de mestiçamento e da civilização (Jorge Amado, 1931 in Diniz, 2008).

Atualmente, o samba de roda continua presente tanto nas festas populares de Salvador quanto nos terreiros de candomblé, com um instrumental variado que inclui pandeiro, atabaque, berimbau, viola, chocalho, prato e faca (Diniz, 2008). Os traços culturais do candomblé e dos sambas, fundamentos da tradição musical baiana, são evidentes para qualquer investigador que se debruce sobre os processos criativos dos grupos de pagode, sendo até mesmo os elementos considerados por alguns como rústicos e indelicados, como os requebros do grupo É o Tchan e similares, que têm origem no “samba duro” da Bahia, agora reinventados no contexto urbano das festas e carnavais (Diniz, 2008).

Em todos os continentes, a identidade cultural desempenha um papel essencial na preservação da memória coletiva, garantindo a transmissão de saberes entre gerações. Além disso, num mundo globalizado, onde diferentes culturas interagem constantemente, a identidade cultural pode ser desafiada e adaptada, o que evidencia a sua natureza flexível e em constante evolução. A identidade é o efeito do reportório narrativo – constrói-se mediante o mesmo. Os mitos e as lendas da tribo dão-lhe coesão e distinguem-na, tal como acontece com as epopeias nacionais e as historietas familiares (Monegal, 2024).

1.2.2 A memória cultural e o seu papel na preservação da identidade

Para os gregos, *Mnemósine*, a memória, era a mãe de todas as musas (Monegal, 2024). Na verdade, a memória é uma função do presente. Serve o presente e depende deste. Segundo o autor, a memória pode ser categorizada em memória coletiva e memória cultural. Estes dois conceitos possuem semelhanças e diferenças subtis que justificam a sua distinção, enquanto a memória coletiva perdura e se fortalece graças ao facto de se basear no conjunto coerente de pessoas, são os indivíduos como membros do grupo que a recordam. Embora estas memórias se apoiem mutuamente e sejam comuns a todos, mesmo assim os membros individuais variam no que diz respeito à intensidade com que as experimentam (Halbwachs, 1990).

Na verdade, a memória coletiva depende, segundo António Monegal, da existência de canais de transmissão pessoais, abrangendo uma faixa temporal limitada de 80 anos, que liga, apenas, três gerações. De facto, a cultura é o resultado da evolução do ser humano e a memória coletiva pode ser entendida como um mecanismo adaptativo que favorece a coesão social do grupo numa espécie gregária (Monegal, 2024).

Como fonte de alimentação da memória coletiva, Antonio Monegal defende que a literatura, o cinema, a fotografia, os museus, os monumentos, a música popular, as séries e reportagens televisivas são elementos descritores do passado que reforçam ou modificam o consenso dominante. Os dados históricos são fulcrais para o conhecimento da época, porém, o essencial para a memória coletiva não é que a representação dos factos históricos seja fidedigna ou verdadeira, mas que esteja em sintonia com o sentir e a crença da comunidade, retendo do passado apenas o que ainda sobrevive ou é capaz

de sobreviver na consciência dos grupos que mantêm a memória viva (Halbwachs, 1990), representando o passado como é lembrado (Assmann, 2004).

Já a memória cultural, ao contrário da memória coletiva, transcende limites temporais e a sobrevivência de testemunhas. Constrói-se através de processos de memorização: monumentos, museus, comemorações, ritos, imagens, textos e outras formas simbólicas de preservação (Monegal, 2024). Apesar de envolver o esquecimento, esta constrói-se mediante partilhas - narrativas sobre um passado comum que identificam, explicam e fundamentam a comunidade (Monegal, 2024). A mesma baseia-se, como refere o autor num repertório repetido ciclicamente, onde lendas e mitos lhe dão coesão e a distinguem, tal como acontece com as epopeias nacionais e as historietas familiares (Monegal, 2024), sendo a produção cultural uma forma primordial de relacionamento social, pela memória.

Na verdade, a memória torna-se essencial na preservação da identidade de qualquer cultura, visto que a maior parte da bagagem partilhada que identifica uma comunidade é composta por acontecimentos tão remotos no tempo que estão, na sua maioria, fora do alcance da memória individual dos membros do grupo (Monegal, 2024). Contudo, as situações são lembradas por haver uma tentativa constante de manter viva a história do grupo, cidade ou país. Como salienta Paul Ricoeur, “Somos narrativas. Somos também muitas outras coisas que incidem na operação da memória seja ela individual ou coletiva.”, dado que a história, a ficção ou o testemunho recorrem à narrativa para dar conta do passado, e o ser humano organiza a sua experiência do tempo de acordo com uma estrutura narrativa.

Por outro lado, autores como Huyssen destacam que a incessante recorrência ao passado se transforma numa verdadeira obsessão pela memória, conduzindo a momentos da história que foram, particularmente, difíceis para determinadas nações. Tome-se, como exemplo, a homenagem anual às vítimas de ataques, como às Torres Gémeas, ou a constante divulgação de novas narrativas sobre o Holocausto e outros episódios de natureza semelhante, que levam este autor a questionar até que ponto a memória é capaz de preservar o passado, mantendo o presente como “uma ferida que não cicatrizou por completo”. Ainda sugere que “embora se presuma que haja uma vontade categórica de não repetir os horrores do passado, e os apelos à lembrança façam parte desse compromisso ético, não é menos verdade que a memória alimenta a

hostilidade entre os grupos e a construção da imagem do inimigo” (Monegal, 2024). Também David Rieff retrata assistências a justificações para a violência interétnica que eram herdeiras das ideologias nacionalistas dos ustachas croatas e dos chetniks sérvios na 2ª Guerra Mundial, mas também remontavam à batalha de Kosovo, em 1389, contemplando a memória de um passado terrível com um “preço elevado que as sociedades têm pagado pelo consolo da recordação”, salientando que “esquecer é injustiça para o passado”, mas “recordar é uma injustiça para o presente” (Rieff, 2016),

É Antonio Monegal quem reverte este pensamento, garantindo que, apesar de a mais negra memória não levar ao término do antissemitismo e ser constante a assistência a outros genocídios e limpezas étnicas, crimes contra a humanidade, ataques contra população civil e deslocamentos massivos de refugiados (Monegal, 2024), cada momento cultural em consagração a momentos de tamanha atrocidade representam uma missão preventiva da memória, como uma vacina contra os horrores da história, desmistificando que o problema não é a recuperação do passado como passado, mas a sua presença latente ou manifesta no presente (Monegal, 2024).

Desta maneira, muitos países estruturam-se e definem-se com base na memória coletiva de eventos traumáticos, que não apenas marcam a sua história, como também orientam as suas políticas e práticas sociais. A preservação dessas memórias, seja por meio de monumentos, museus, livros, educação histórica ou rituais de lembrança, desempenha um papel central na formação da identidade nacional.

A Alemanha constitui um exemplo de um país em que a mentalidade contemporânea não é compreendida sem as lições da Segunda Guerra Mundial nem um trabalho árduo de preservação da memória (Monegal, 2024), sendo este um esforço contínuo para manter vivo o passado como forma de garantir a paz no futuro, através da declaração do compromisso de “nunca mais!” (Monegal, 2024).

Outro país que vive da lembrança contínua dos erros do passado é o Brasil, retendo do passado de Ditadura Militar apenas o que ainda sobrevive ou é capaz de sobreviver na consciência dos grupos que mantem a memória viva. É no mais recente filme *Ainda estou Aqui*, vencedor de diversos prêmios e dominante nas notícias por todo o mundo, que o Brasil, no nome do realizador Walter Salles, lembra ao mundo o que aconteceu entre os anos 1960 a 1980, neste país paradisíaco, ressaltando, através da arte, que a ideia comum era oferecer uma reconstrução da memória daquela família e

também reconstruir a memória coletiva, a memória do Brasil daquela época (CNN BRASIL, 2025).

Não precisando de atravessar o grande oceano atlântico, mas viajando até ao século XVI, é em Portugal também que prezando a poesia, pela arte da escrita, está presente a memória da grande viagem da expansão marítima à Índia, protagonizada pelos corajosos marinheiros portugueses da armada de Vasco da Gama.

Na obra *Os Lusíadas*, a epopeia de Luís de Camões, a memória tem um papel fundamental, pois é através dela que os feitos e as conquistas dos portugueses são imortalizados. Camões, ao contar a história das navegações e das descobertas, estabelece uma relação íntima entre o presente do século XVI e as décadas anteriores, dando um significado duradouro aos feitos dos navegadores portugueses, tecendo comentários lisonjeadores e de advertência pelas atitudes antiépicas de quem não merece ser cantado.

Em Camões, a memória é representada através da reafirmação do valor histórico, cultural e do papel da memória coletiva, cujo herói da epopeia se torna um símbolo da nação em busca da sua identidade, reforçado através do louvor épico. Assim, o poeta utiliza a memória não apenas como uma técnica narrativa, mas como um meio de preservar a história e assegurar que os feitos heróicos do passado sejam lembrados e celebrados por gerações futuras, homenageando quem se sacrificou para cumprir a missão, perdendo a vida, mas ficando eternizado através da glória e da fama. O poeta transforma o passado dos portugueses em algo imortal, um legado que transcende o tempo e garante a continuidade da identidade nacional.

Em intertextualidade, Fernando Pessoa, em *Mensagem* reforça o esforço hercúleo dos portugueses e o sofrimento de quem parte para realizar feitos ilustres e de quem fica

“Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!” (Pessoa, 2016)

Bem como no poema Viriato, em que a memória do instinto patriótico («raça»), da coragem de Viriato permanece, ainda que oculta, na memória coletiva, influenciando as ações dos portugueses.

“Se a alma que sente e faz conhece
Só porque lembra o que esqueceu,
Vivemos, raça, porque houvesse
Memória em nós do instinto teu.” (Pessoa, 2016)

Estas obras comprovam a importância do papel para imortalizar os atos gloriosos de heróis virtuosos, fazendo jus às considerações sobre o papel da memória e do elogio através da Poesia, por Camões, no canto V, da epopeia “Qualquer Nobre trabalha que em memória/ vença ou iguale os grandes já passados.” (Camões, 2009). Assim, as ações são recordadas, incentivando os povos a tentar igualar, superar os feitos épicos pelo exemplo que origina novas façanhas, ou a evitar os feitos antiépicos.

Em síntese, todas as obras de arte se tornam narrativas de gestos heróicos, mais do que um olhar para um passado triste, convertendo-se em pilares da identidade cultural (Monegal, 2024).

1.3 O Turismo Cultural: definição e importância

Se há algo que define um país, cidade ou região e os torna singulares, é a sua identidade cultural. Vivenciar as suas tradições, degustar a sua gastronomia e explorar a sua história constituem, de maneira inequívoca, a melhor forma de conhecer e compreender a essência de uma nação.

Deste modo, essa riqueza cultural, não apenas diferencia um destino, mas também desperta o interesse de visitantes em busca de experiências autênticas. O turismo cultural cresce a um nível espontâneo, ao proporcionar esse contacto direto com a identidade de um lugar, atraindo viajantes que desejam mais do que paisagens, já que procuram histórias, costumes e vivências que os conectem ao espírito da região. Assim sendo, a valorização da cultura local torna-se num fator determinante para a captação

de turistas, fortalecendo a economia e preservando o património material e imaterial de uma comunidade.

Ainda que a natureza cultural do turismo seja já antiga, a ligação entre turismo e cultura como conceito é relativamente recente, bem como o termo “turismo cultural” (Pérez, 2009), sendo dois tópicos impossíveis de desagregar perante a natureza filosófica. Neste sentido, o antropólogo Appadurai (1996) aborda o turismo como um “ethnoscape”, isto é, como uma paisagem caracterizada pelo fluxo de bens, informação, serviços e turistas, através das fronteiras e num contexto de globalização (Appadurai, 1996).

Segundo a perspetiva sociológica, o turismo cultural pode ser interpretado sob diferentes abordagens, incluindo a sua caracterização como atividade, experiência, formato de produto turístico, motivação ou fator determinante para a realização da viagem, assim como uma forma específica de aliciamento com atividades culturais. Num sentido mais restrito, o turismo cultural pode ser compreendido como uma modalidade de viagem motivada exclusivamente por interesses culturais e educativos. No entanto, essa definição apresenta desafios conceituais e não alcança um consenso absoluto entre os estudiosos da área.

Conforme argumentam Bonink e Richards, o turismo cultural pode ser analisado a partir de duas perspetivas distintas, sendo a perspetiva dos lugares e monumentos e a perspetiva conceitual. A primeira abordagem concentra-se na descrição dos tipos de atrações visitadas, concebendo a cultura como um produto tangível, que, do ponto de vista metodológico, essa abordagem tende a ser predominantemente quantitativa, enfatizando a identificação das atividades e motivações dos turistas culturais. Já a segunda abordagem procura compreender as razões subjacentes ao envolvimento dos indivíduos com o turismo cultural, analisando como as pessoas percebem e vivenciam essa prática. Nesse contexto, prioriza-se a interpretação dos sentidos, discursos, significados e experiências associadas ao turismo, adotando, portanto, uma perspetiva qualitativa (Richards, 2005).

Assim, em *Turismo Cultural*, uma visão antropológica, Xerardo Pereiro Pérez ressalva, na *Revista de Turismo y Patrimonio Cultural* -Colección PASOS, nº 2, a importância de articular ambas as perspetivas, facilitando uma análise mais abrangente e enriquecedora do turismo cultural, permitindo uma compreensão mais ampla e multifacetada dessa prática (Pérez, 2009).

Fazendo frente ao turismo de massas, este surge como alternativa ao turismo de sol e praia, crescendo de forma significativa desde 1995, momento em que a Organização Mundial do Turismo (OMT) declara que 37% das viagens realizadas pelo mundo foram definidas como culturais, o que representa 199 milhões de pessoas.

Além disso, foi um dos tipos de turismo que recebeu uma nova e mais ampla definição, associando locais, monumentos, modos de vida, criatividade e o “quotidiano” pela OMT, na 22ª Sessão da Assembleia Geral realizada em Chengdu, China (UNWTO, 2018) apontando que o turismo cultural é um tipo de atividade turística em que a motivação essencial do visitante é aprender, descobrir, experimentar e consumir as atrações e os produtos culturais tangíveis e intangíveis num destino turístico.

Todavia, alguns anos antes era lançado o *Cultural Tourism Research Programme*, em 1991, com o apoio da Comissão Europeia, cuja pesquisa se focou originalmente em visitantes de atrações culturais na União Europeia, tendo, gradualmente, ampliado para um estudo global de turismo cultural (Richards, 2005). Os objetivos originais do programa de pesquisa eram diversos, a saber: elaborar definições da natureza e do escopo do turismo cultural; coletar dados sobre visitas de turismo cultural a atrações europeias; avaliar o perfil e as motivações dos turistas culturais; e desenvolver estudos de caso de gestão do turismo cultural (Richards, 2005). Por 30 anos, o projeto abreviado de ATLAS continuou a juntar e a disseminar informações sobre turismo cultural. Várias ondas de pesquisa do consumidor foram realizadas, gerando mais de 50.000 entrevistas e pesquisas sobre tendências de mercado de turismo cultural e comportamento do turista (Richards, 2005). O Projeto de Pesquisa de Turismo Cultural ATLAS, atualmente, tem instituições participantes da Europa, Ásia, Austrália e América do Norte e do Sul. O programa de pesquisa é executado continuamente, permitindo que os membros realizem as suas pesquisas quando as considerarem convenientes. Aliado a tudo isso, a pesquisa funciona com um sistema de questionário modular, que permite aos participantes introduzir as suas próprias perguntas e decidir o tamanho do questionário que usarão (ATLAS PROJECTO, 2004).

Deste destacam-se declarações de 28% das viagens por férias realizadas na Europa, no ano 1997, terem fins culturais, ou seja, 38 milhões de viagens, aumentando 10% no ano 2000. Já em 2004, segundo a OMT, estas estatísticas aumentaram para 12%, representando 305 milhões de pessoas e, segundo a ATLAS, entre 5% a 8% do total do

mercado turístico, contemplando cerca de 60 milhões, representa o turista que viaja por motivações estritamente culturais.

Uma das principais motivações para a realização de turismo cultural é, precisamente, a busca por experiências autênticas e imersivas, permitindo aos viajantes conhecer e vivenciar de perto a cultura local, visitando museus, galerias de arte, sítios devastados, monumentos históricos, festivais, romarias, festas tradicionais, entre outros, sendo uma oportunidade para aprender sobre diferentes culturas, tradições e formas de vida, além de promover o diálogo intercultural e o respeito pela diversidade. Como transmite Raymond e Richards "turismo que oferece aos visitantes a oportunidade de desenvolver seu potencial criativo por meio da participação ativa em experiências de aprendizado características do destino de férias onde são realizadas" (Richards & Raymond, 2000).

Adicionalmente, o turismo cultural também contribui para a preservação do patrimônio cultural, histórico e artístico de um local, incentivando a valorização, a conservação e prosperidade desses recursos.

O turismo cultural cresce então a um nível espontâneo, ao proporcionar esse contacto direto com a identidade de um lugar, atraindo viajantes que desejam mais do que paisagens - procuram histórias, costumes e vivências que os conectem ao espírito da região. Dessa forma, a valorização da cultura local torna-se num fator determinante para a captação de turistas, fortalecendo a economia e preservando o patrimônio material e imaterial de uma comunidade. Além de mais, o turismo pode ser pensado como uma das atividades que mais tem fomentado o contacto intercultural entre pessoas, povos e grupos.

Na verdade, o turismo em si é uma atividade de "múltiplos componentes, cujas partes estão intimamente ligadas a outros setores, como transportes, lojas de souvenirs, restaurantes, bares, hotéis, entre outras atividades. Tudo isso faz do turismo uma atividade criadora de investimentos e emprego" (Moesch, 2002). Porém, o turismo cultural não almeja somente lazer, repouso e boa vida, visto que se caracteriza, também, "pela motivação do turista em conhecer regiões onde o seu alicerce está baseado na história de uma determinada comunidade residente, nas suas tradições e nas suas manifestações culturais, históricas e religiosas" (Moletta, 2001). Sendo este um dos tipos de turismo que recebeu uma nova e mais ampla definição, relacionando locais,

monumentos, modos de vida, criatividade e o “quotidiano” pela OMT na 22ª Sessão da Assembleia Geral realizada em Chengdu, China (UNWTO, 2019), podendo-se referir que o turismo cultural é um tipo de atividade turística em que a motivação essencial do visitante é aprender, descobrir, experimentar e consumir as atrações/ os produtos culturais tangíveis e intangíveis num destino turístico.

Efetivamente, estas atrações ou estes produtos dizem respeito a um conjunto de materiais distintivos, características intelectuais, espirituais e emocionais de uma sociedade que abrange artes e arquitetura, património histórico e cultural, património culinário, literatura, música, indústrias criativas e culturas vivas com os seus estilos de vida, sistemas de valores, crenças e tradições. Conforme Silva (2013), o que leva um turista a eleger uma cidade ou região a ser visitada está dividida em 4 opções, a saber: Atrações Naturais, Edificações construídas com o intuito de ser uma atração turística, ligadas à Cultura e aos Costumes da cidade.

Portugal é também reconhecido pela sua rica herança cultural e histórica, possuindo uma mistura única de influências de variados povos. A arquitetura diversificada, variando desde as ruínas até aos palácios; a gastronomia portuguesa, conhecida internacionalmente; a música, destacando-se o fado por ser considerado uma das formas de música mais autênticas e emocionantes do país; as festas e festivais tradicionais como o Carnaval, a Semana Santa, os Santos Populares, representando algumas das tradições e culturas portuguesas.

Todavia, Crispin Raymond & Greg Richards em *Creative Tourism* (2000) mencionam que a pesquisa do *ATLAS Cultural Tourism Project* revelou que, embora exista um núcleo sólido de turistas culturais específicos com motivações claras para visitar atrações culturais, não há evidências de que o mercado de turismo cultural esteja a crescer mais rápido do que o turismo em geral (Richards & Raymond, 2000), sugerindo que o turismo cultural ainda está restrito a um público relativamente pequeno, embora significativo.

Contudo, é indubitável que o turismo cultural em Portugal é, efetivamente, uma experiência enriquecedora, permitindo aos visitantes explorar a vasta história, a arte, a música, a gastronomia e as tradições do país. No ano de 2018, Portugal foi vencedor na categoria Políticas e Administração Públicas, brindado pela OMT por excelência e inovação em turismo, o que demonstra que o empenho deste país para desenvolver o

turismo é grande (UNWTO, 2018). Seja caminhando pelas ruas históricas do Porto, visitando os monumentos de Guimarães, explorando o Douro Vinhateiro ou desfrutando de um fado em Lisboa, Portugal oferece uma variedade de oportunidades para os amantes da cultura.

Neste domínio, também Greg Richards, em *Cultural Tourism in Europe* (2005), explica que o crescimento do turismo está relacionado em mudanças socioeconómicas, sublinhando a atenção para políticas culturais com fins lucrativos, "O turismo cultural tem sido um dos principais setores da indústria do turismo europeu e foi recentemente 'redescoberto' como um mercado em crescimento em toda a Europa" (Richards, 2005). Por fim, os destinos turísticos estão a perceber que para se destacarem, devem enfatizar aspetos autênticos e únicos da vida quotidiana local e que os modelos tradicionais de desenvolvimento turístico apresentam sérias limitações, pois muitas localidades acabam oferecendo experiências padronizadas (Richards, 2005).

1.3.1 O impacto do turismo no desenvolvimento das cidades

O turismo cultural tem, incontestavelmente, emergido como um dos principais motores de transformação urbana nas últimas décadas, desempenhando um papel estratégico no desenvolvimento económico, social e simbólico das cidades.

Com efeito, segundo David Throsby, em *Economics and Culture* (2001), é promovida uma análise económica do valor cultural e do impacto das indústrias culturais, incluindo o turismo. Desta forma, ao valorizar patrimónios materiais e imateriais, promover eventos artísticos e reabilitar espaços históricos, o turismo cultural não só atrai visitantes como também impulsiona processos de revitalização urbana, geração de emprego e reconfiguração identitária (Throsby, 2001).

Porém, este fenómeno levanta também desafios significativos, como a gentrificação- processo de mudança urbana e de substituição social nos bairros do centro histórico, nos quais as classes mais pobres são substituídas pelas classes mais endinheiradas- a turistificação - expansão significativa e hegemónica/dominante do turismo num território- e a tensão entre autenticidade cultural e consumo turístico. Assim, compreender o impacto do turismo cultural nas dinâmicas urbanas torna-se essencial para pensar em cidades mais sustentáveis, inclusivas e equilibradas, como

sugere Franco Bianchini, em *The Creative City*, destacando políticas culturais urbanas e o papel da cultura na coesão social e no desenvolvimento urbano sustentável (Bianchini, 1995).

De facto, a turistificação não deve ser confundida com a simples expansão das funções turísticas num dado território. Para além do significado do conceito de turistificação, importa explicitar as características associadas ao fenómeno, bem como as consequências positivas e negativas para as comunidades de destino turístico e os seus habitantes. Neste contexto, é igualmente importante compreender a relação que se estabelece entre gentrificação e turistificação, gerando a gentrificação turística.

É a OMT, no ano de 2003 que se pronuncia, alegando que a atividade turística abrange efeitos positivos e negativos, estendendo-se aos aspetos sociais e culturais.

Respeitante aos positivos, sugere que o turismo contribui para o património histórico, artístico e cultural, gera atividade socioeconómica sobre o mercado que recebe e cria postos de trabalho. Ainda, a comunicação e compreensão entre povos e sociedades é facilitada, o que diminui problemas raciais, xenofobia e aproxima o mercado recetor do emissor. Na vertente económica, o turismo influencia o progresso das atividades de apoio ao turismo (restauração, alojamento, comércio, parques urbanos, lazer), e induz o avanço em outras áreas como o setor imobiliário e a construção civil (Brandelli, 2017). É ainda impossível não considerar a contribuição do setor turístico para a geração direta de empregos e maior contribuição de impostos (Ruschmann, 2000).

Assim, é comum considerar-se que a expansão da turistificação no centro histórico destas cidades se deve à conjugação de diversos fatores, como o recurso a plataformas de reserva online (Booking.com, Airbnb, Windu, Homeaway, entre outros), permitindo uma hiper-escolha adaptada ao perfil do consumidor; o contínuo embaratecimento da mobilidade internacional, nomeadamente através da expansão das companhias aéreas low cost; o aumento da procura global por estabelecimentos turísticos alternativos, localizados em bairros típicos do centro histórico, conferindo maior autenticidade e experiência local à estadia, segundo o desejo de cosmopolitismo do turista; no caso de Lisboa, a falta de oferta hoteleira no centro histórico da cidade, onde, em contrapartida, se regista um elevado número de edifícios devolutos; e a perceção de rentabilidades mais elevadas no alojamento turístico (alojamento local) do que no arrendamento de longo prazo.

Em nome da turistificação, realiza-se a reabilitação de prédios desocupados, a modernização das avenidas, da cidade, mas o preço de arrendamento no mercado imobiliário aumenta exponencialmente, multiplicando as ações de despejo de moradores vulneráveis e o encerramento de lojas históricas, mediante desalojamentos residenciais e comerciais que levam à destruição da tradição e autenticidade nos bairros históricos da cidade, ideia desenvolvida por Charles Landry, defendendo que a cultura e a criatividade são motores de desenvolvimento económico e social (Landry, 2008).

Graças ao turismo urbano, dinamiza-se a economia local, muitos habitantes são lançados no negócio de arrendamento de quartos e muitos jovens dão os primeiros passos no mercado de trabalho, mas nem sempre com direitos e rendimento acima da média.

Sobre os negativos, a OMT defende que podem ocorrer efeitos de aculturação e imitação, já que se produzem alterações nos hábitos das comunidades recetoras, ficando expostos a outros hábitos das emissoras (horários, alimentos, vestuário, trato pessoal) e podem produzir fenómenos de ocorrência devido ao contacto com o turismo massivo (OMT, 2003).

Deste modo, a ausência de uma estratégia de planeamento turístico e urbano concertada, juntamente com o quase inexistente processo de regulação, tem consequências nefastas, como a privatização e embelezamento do espaço público para áreas comerciais e esplanadas, criando espaços de consumo que subtraem espaço público aos habitantes; o overtourism ou a massificação turística que degrada a própria experiência do turista e a qualidade de vida da população residente; problemas ambientais (poluição sonora e atmosférica) nas ruas ou junto aos aeroportos ou terminais de cruzeiros; a sobrelotação dos transportes públicos; a acumulação de lixos e resíduos urbanos que a rede de recolha não consegue escoar; o encerramento do comércio local tradicional de bens de primeira necessidade (mercearia, talho, peixaria, minimercado, entre outros), substituído pelo comércio moderno exclusivamente dirigido a turistas (hamburguerias gourmet, lojas de souvenirs, ateliers, entre outros); o desvio do alojamento clássico de habitação para o alojamento local para turistas que, ao reduzir a oferta de casas para venda ou arrendamento, eleva os preços para aquisição de casa própria, gerando gentrificação turística. Aspeto defendido por Sharon Zukin, já que explora como a cultura é usada como estratégia de branding e revitalização urbana,

assim como analisa o papel da cultura na gentrificação e transformação das cidades (Zukin, 1995).

1.3.2 A Identidade e o Turismo- sinergias e desafios

O turismo pode funcionar como um importante motor de valorização e salvaguarda do património cultural e identitário das comunidades, protegendo e fortalecendo a identidade cultural, valores e estilo de vida das comunidades locais (Jelincic, 2010). Ao atrair visitantes interessados na autenticidade das tradições, dos modos de vida e do património, de acordo com a *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*, material ou imaterial (UNESCO, 2001), o turismo cria incentivos para a conservação de práticas culturais que, de outro modo, poderiam entrar em declínio. Além disso, pode promover o orgulho identitário e a revalorização da cultura local por parte das comunidades anfitriãs, uma vez que reforça a ligação com as comunidades locais, já que os habitantes e as suas formas de vida são o diferencial atraente, contribuindo para o destino ser um lugar agradável e único para a visita.

Na verdade, mundialmente, o turismo cultural assume um papel essencial na divulgação dos valores culturais das diversas comunidades e povos, na promoção da diversidade cultural e na proteção e preservação do património cultural, onde os bens tangíveis e intangíveis constituem parte fulcral da identidade cultural (Urosevic, 2012). Assim, programas de turismo cultural, como roteiros históricos, demonstrações artísticas, festivais tradicionais, museus reinventados e iniciativas de turismo rural, têm demonstrado a capacidade de estimular a economia local, ao mesmo tempo que reforçam os laços com a memória coletiva, envolvendo atividades que demonstram o estilo de vida das diferentes comunidades e grupos culturais, assim como a sua história, crenças, artefactos e monumentos criados por eles (Silberberg, 1995; Smith, 2003; Jones, 2009).

Deste modo, é fundamental compreender que tanto o património tangível como o intangível constituem elementos essenciais para uma exploração mais eficaz e um melhor desempenho da atividade turística num determinado local, uma vez que ambos representam diferentes dimensões da cultura: o património cultural tangível refere-se à manifestação da cultura através de aspetos materiais, como monumentos, museus, ou

ainda coleções de objetos. Já o património cultural imaterial refere-se aos usos, expressões, representações, conhecimentos e práticas (UNESCO, 2001). De facto, o património imaterial inclui, segundo a Direção Geral do Património Cultural, vários aspetos, como os conhecimentos e artes populares, as festas, as danças populares, a música, os usos e os costumes, as lendas e as demais tradições de um determinado lugar (DGPC, 2016). Este, juntamente com os instrumentos, artefactos e espaços culturais inerentes a eles constituem o património cultural de uma comunidade.

Deste modo, através do turismo cultural, o turista tem a possibilidade de conhecer, compreender e experimentar diferentes culturas, estilos de vida, costumes, tradições, monumentos, locais históricos, arquitetura e festividades que caracterizam uma sociedade e refletem a identidade de um destino (Servicio Nacional del Turismo, 2014).

Neste contexto a identidade é interpretada como um recurso estratégico passível de ser moldado e comunicado aos visitantes. Num mundo marcado pela globalização e por transformações políticas, económicas e sociais à escala global, o turismo afirma-se como uma oportunidade de interação entre diferentes povos e de intercâmbio cultural, promovendo a disseminação de valores, crenças e estilos de vida distintos. Este processo comunicativo, caracterizado por uma interação criativa e enriquecedora entre culturas, contribui não só para a preservação do património cultural, como também constitui uma via autêntica de expressão da identidade cultural local, beneficiando simultaneamente residentes e visitantes. Assim, pode afirmar-se que o turismo e a identidade cultural encontram-se intimamente relacionados (Urosevic, 2012). Importa, contudo, reconhecer que essa relação não está isenta de tensões, uma vez que o ritmo e o alcance da mudança à medida em que áreas diferentes do globo são postas em interconexão umas com as outras, transformam socialmente toda a superfície da terra e a natureza das instituições modernas (Giddens, 1990 in Hall, 2006), dando lugar à globalização, mudança acelerada onde, como defendem autores como Hall e Giddens, as identidades culturais tornam-se, cada vez mais, instáveis e moldadas por lógicas externas (Hall, 2006; Giddens, 1990 in Hall, 2006). A mercantilização da cultura para fins turísticos, é assim uma temática em cima da mesa, que pode conduzir a processos de estereotipação, simplificação e até distorção das práticas identitárias. Deste modo, a pressão para tornar

a cultura “vendável” pode resultar na encenação de rituais e na produção de experiências artificializadas, afastando-se do sentido original das práticas culturais.

Além disso, existe o risco de que o turismo contribua para a homogeneização cultural ao impor padrões globais de consumo e estética que ameaçam a diversidade e a singularidade identitária das comunidades locais. Nestes casos, o turismo pode promover formas de identidade “fabricadas”, moldadas pelas expectativas dos visitantes, em detrimento das expressões autênticas da comunidade. De acordo com estes pensamentos, Sharpley enfatiza a importância que a comunidade local tem na autenticidade, afirmando que o que é autêntico é “feito, produzido ou promulgado pelas pessoas locais de acordo com os seus costumes ou tradições, dando ênfase à cultura e às origens tradicionais, que é algo genuíno, real ou único” (Sharpley, 1999). Aliado a este fator e em virtude do processo de globalização mundial, Barreto(2008) sugere que a importância da cultura tem aumentado de forma significativa, em particular no setor turístico, com um crescimento do interesse pela herança cultural, na procura do “reencontro com o passado, com as tradições, valores e identidades”, resultando na abordagem da autenticidade, como refere Rickly Boyd, assumindo uma relevância notável no mercado turístico, dado que esta está normalmente associada a lugares, destinos e objetos turísticos e a experiências turísticas (Boyd, 2012).

A interação entre turistas e comunidades locais pode, contudo, constituir um espaço fértil para a coconstrução de significados identitários, sendo inevitável que este processo, mediado por narrativas, representações e práticas culturais, implique uma constante negociação entre tradição e inovação, bem como entre preservação e adaptação. Deste modo, o património é recriado e adaptado a partir de memórias do passado para corresponder às necessidades dos turistas contemporâneos. A identidade, longe de ser estática, revela-se assim como uma construção dinâmica, que se transforma através do contacto com o “outro”. Segundo Molleda, a autenticidade é difundida através da herança cultural das comunidades, que passa de geração em geração, originando a continuidade dos mitos e costumes referentes aos procedimentos e métodos de produção dos ícones que caracterizam o estilo de vida de determinadas comunidades e povos (Molleda, 2010). Em conclusão, tal como Sakuze & Mbaiwa defendem o turismo cultural e a identidade cultural de um destino podem proporcionar uma relação positiva entre as comunidades locais e os turistas, originando a satisfação dos turistas, assim

como o bem-estar das pessoas locais, sendo possível, por um lado, averiguar a importância da atividade turística para os residentes, e, por outro lado, avaliar as atitudes comportamentais dos turistas, relativas à sua experiência turística (Sakuze & Mbaiwa, 2009).

As políticas públicas de turismo sustentável e participativo desempenham um papel fundamental neste contexto, facilitando a inclusão das comunidades locais nos processos de planeamento e gestão turística, essencial para garantir que o desenvolvimento turístico, respeita os valores identitários e contribui para o bem-estar social e cultural das populações. Na verdade, estas políticas são visíveis desde cedo. Em 1976, *The Council Of Europe Committee of Ministers*, define o conceito de reabilitação, reforçando a necessidade de conservação. Neste documento ressalta a importância dos programas de intervenção, concebidos e dirigidos a áreas territoriais específicas, e a necessidade de conservar e integrar os edifícios antigos na vida contemporânea, bem como preservar os elementos de interesse cultural, tendo em conta o planeamento regional e urbano para que haja uma política de conservação integrada (Paiva et al., 2006).

Não muito distante do território que nos acolhe, destaca-se o caso paradigmático da cidade de Barcelona, frequentemente citada como exemplo de revitalização urbana impulsionada pelo turismo cultural, particularmente no contexto pós-Jogos Olímpicos. Durante a década de 1980, esta cidade enfrentava um processo de declínio industrial, com extensas áreas urbanas degradadas, especialmente junto ao litoral e ao centro histórico. Esta decadência era igualmente visível na área do turismo, que era ainda pouco expressiva, apresentando uma imagem internacional da cidade que se encontrava longe da visibilidade e atratividade de que hoje goza (Balibrea, 2003).

Com a atribuição da organização dos Jogos Olímpicos de 1992, a cidade desenvolveu, segundo Greg Richards, uma estratégia de reabilitação urbana e cultural de longo prazo. Aliada às políticas urbanas e culturais, a administração da cidade optou por captar investimento externo através da promoção da cidade (Brandelli, 2017). Assim, esta estratégia não se limitava a preparar a cidade para o evento desportivo, mas visava, sobretudo, a transformação estrutural e simbólica de Barcelona.

Desta forma, revitalizou-se o tecido urbano e o espaço construído, para que este local se tornasse economicamente viável e competitivo, após o período industrial, cujo

objetivo se baseava em atrair investimento e turismo (Brandelli, 2017). Foram alvo de profundas intervenções zonas como o bairro do Raval e a frente marítima, que passaram de área industrial e portuária a espaço de deleite turístico e cultural. Neste seguimento, a aposta em infraestruturas culturais e na reorganização do espaço urbano foi central, com a criação e renovação de museus, centros de arte, teatros e espaços públicos que contribuíram significativamente para o aumento do fluxo turístico e para a reconfiguração da cidade enquanto destino cultural global.

A partir desse momento, a transformação da cidade alinha-se à indústria cultural que passa a ser o motor económico local (Balibrea, 2003), não cessando o investimento cultural com o encerramento dos Jogos. Pelo contrário, consolidou-se como eixo estruturante da identidade urbana de Barcelona, que passou a priorizar as zonas em que o património pudesse ser rentabilizado como atração turística; a promover a limpeza e restauração dos edifícios, assinados, por vezes, por arquitetos de renome internacional; a colaborar para a promoção da cidade, assim como para o desenvolvimento de espaços públicos (Brandelli, 2017). A valorização dos artistas locais materializou-se na criação de circuitos culturais, como a Rota Gaudí, a revitalização do Bairro Gótico e a inauguração de instituições de referência como o *Museu d'Art Contemporani* de Barcelona (MACBA), permitindo a projeção internacional como uma cidade criativa, cosmopolita e culturalmente vibrante, convertendo-se num modelo amplamente estudado de articulação entre turismo cultural e desenvolvimento urbano.

Por conseguinte, após os Jogos Olímpicos, a imagem de Barcelona manteve-se para o mundo como um dos principais destinos da Europa. Aproveitou-se a geração de grandes ofertas de empregos, trazidas com os Jogos, assim como o crescimento imobiliário e a construção, proporcionando à cidade espanhola ficar no ranking de cidades mais visitadas da Europa, ocupando o décimo primeiro lugar antes das Olimpíadas, alcançando, em 2001, o sexto lugar (Reid, 2012).

Todavia, é importante reconhecer que nem sempre é possível agradar a todos, pelo que é inevitável que surjam queixas e manifestações de oposição ao crescente fenómeno do turismo. Este aumento tem levado, nos dias de hoje, a um crescimento exponencial dos preços da habitação, o que resulta, em alguns casos, na expulsão de moradores de bairros centrais. Além disso, geram-se tensões sociais e debates acerca da

sustentabilidade, em virtude do turismo de massas, e surgem movimentos como o "Barcelona no está en venta", que refletem a resposta da sociedade civil à turistificação. Outro caso de estudo notável é a cidade de Bilbao, que, nos anos 80, era caracterizada por uma forte presença de empresas metalúrgicas e estaleiros, enfrentando um declínio acentuado, onde o desemprego proliferava e o ambiente urbano se deteriorava progressivamente, resultando numa ausência de atratividade turística. Adicionalmente, a região do País Basco lidava com tensões políticas, e a imagem da cidade era amplamente negativa (Richards, 2009).

Bilbau emergiu como um exemplo paradigmático de como a cultura pode ser utilizada estrategicamente para revitalizar uma cidade industrial em declínio, tornando-se um caso amplamente estudado após a inauguração do Museu Guggenheim em 1997, projetado por Frank Gehry, tendo-se rapidamente transformado num ícone arquitetónico de renome internacional. A sua criação fazia parte de um plano estratégico de regeneração urbana impulsionado pelo governo basco e pelas suas instituições locais, cujo objetivo do plano era reposicionar a cidade como um centro cultural e inovador, atraindo, assim, turismo internacional e impulsionando a economia local (Plaza, 2006).

O denominado “Efeito Guggenheim”, meritório de atenção, passou a intitular intervenções culturais transformadoras a nível académico, revelando-se extremamente eficaz, demonstrando que um investimento cultural bem direcionado poderia transformar qualquer cidade num sucesso global (Landry, 2008). Este fenómeno resultou num aumento significativo do número de visitantes, colocando Bilbao nas rotas turísticas dedicadas à cultura e ao design. Consequentemente, a revitalização urbana tornou-se uma realidade, com a requalificação da frente ribeirinha, melhorias no transporte, como o metro de Norman Foster, além da valorização de espaços públicos e ambientais. Este processo contribuiu para o fortalecimento do orgulho cívico dos habitantes, que passaram a olhar para a sua cidade natal com uma nova perspetiva (Landry, 2008).

Por último, existem também duas cidades, que se situam em Portugal, e que cresceram de uma forma exponencial a nível turístico, a saber a capital, Lisboa, e a maior cidade do Norte do país, Porto, ambas sendo alvo de estudos recentes sobre o impacto do turismo cultural na gentrificação e economia local.

Segundo diversos estudos, Lisboa cresce a cada ano a nível de procura turística, principalmente em bairros históricos. Com base nas informações veiculadas pelo Jornal Público, o impacto do turismo na cidade é apresentado de forma positiva em algumas notícias, e de forma negativa noutras. Por um lado, é exemplo o impacto positivo na seguinte notícia: “Portugal foi eleito para o conselho executivo da Organização Mundial do Turismo (...) António Pires de Lima, ministro da Economia, diz que o resultado reflete a “importância que o turismo tem em Portugal” e enaltece o “papel reformador que assumiu em muitas áreas” (Jornal Público, 2015). Em contraste, uma notícia que relata um impacto negativo afirma: “Recorde-se que este problema da habitação em Lisboa – da falta de casas a preços acessíveis para comprar ou arrendar, ligado à especulação imobiliária que o turismo também proporciona” (Jornal Público, 2018).

No entanto, algumas notícias referem simultaneamente efeitos positivos e negativos. Um exemplo é o caso em que, numa fase inicial, o jornal indica que o presidente do Turismo de Portugal, João Cotrim de Figueiredo, “defendeu que o aumento de visitantes estrangeiros no país, e em Lisboa em particular, tem ajudado a recuperar os centros urbanos degradados e a trazer nova vida à cidade.”, mas posteriormente acrescenta que “há quem se sinta cada vez mais esmagado pelo fluxo de turistas na capital com todo o impacto que este movimento traz à cidade, do aumento do trânsito e do lixo, aos apartamentos de aluguer temporário que ocupam, agora, os bairros históricos.” (Jornal Público, 2015).

Esta capital, segundo Brandelli (2017), é procurada pela proximidade com o rio, topografia, história, diversidade cultural e pelo próprio clima, conjunto de características que aliciam e encantam quem chega a Lisboa. Com teatros e espetáculos ao ar livre, feiras, museus, monumentos históricos e gastronomia de referência a bons preços, é uma cidade que cativa os seus visitantes, tendo como mais-valia o fator da segurança que consolida a atratividade de Lisboa. Estas qualidades são fulcrais, tendo sido utilizadas como base para o investimento e aposta do Estado e do poder local para melhorar a imagem da cidade (Brandelli, 2017).

O setor turístico traz para o território, deste modo, resultados relevantes para a economia, baixando a taxa de desemprego, enchendo os equipamentos culturais, investindo em mais espaços públicos e criando maior oportunidade de negócios, com proveitos hoteleiros, dado que as receitas turísticas globais têm vindo a manter um

crescimento, que, segundo o documento “Estratégia Turismo 2027”, apresentam uma taxa média anual de 6,3%, entre 2005 e 2015 (Turismo de Portugal, 2017).

Apesar de a estratégia apontar pontos positivos é de ressaltar que o turismo em massa na cidade, neste momento, afeta a identidade cultural da zona histórica, alterando as dinâmicas comunitárias e impactando as relações entre residentes locais e imigrantes. Segundo Coriolano, a produção de territórios turísticos nunca é inocente e despropositada, há sempre um conjunto de ações, interesse e ideologias que os moldam, daí que, em Lisboa e nos outros territórios desenvolvidos neste trabalho, as cidades nunca estão preparadas para lidar com as situações de conflito que o turismo massivo implica (Coriolano, 2006). Na capital portuguesa, o congestionamento pedonal e de transportes públicos são reflexos de infraestruturas que não foram pensadas para suprir a carga que o aumento do turismo exige. No entanto, a Câmara Municipal de Lisboa já começa a dar resposta a tais desafios causados pelo turismo excessivo, implementando medidas para regular o alojamento local e mitigar os efeitos negativos do mesmo (Brandelli, 2017).

Já no Porto, o crescimento do turismo tem levado à sobrecarga de espaços culturais, resultando na exploração excessiva dos valores dos mesmos e em conflitos entre a preservação patrimonial e a modernização.

O crescimento do número de turistas marca o passar dos anos, de acordo com Fernandes et al que ressalva, que, no ano de 2017, é verificável o aumento de 88% do número de estabelecimentos hoteleiros na cidade do Porto (Fernandes, 2008), sendo que a proporção de hóspedes estrangeiros nestes complexos turísticos, em 2018, passa a ser de 76,9% (INE, 2019).

Toda esta evolução do setor turístico, todo este aumento do número de turistas e/ou excursionistas na cidade do Porto, agregados à sua história e essência trouxeram consigo alguns efeitos positivos e negativos que afetam a qualidade de vida dos habitantes. A reabilitação do tecido urbano da cidade é um aspeto positivo e vem na consequência do aumento da “influência” do setor turístico na cidade, que vem melhorar, restaurar ou conservar os edifícios, (Oliveira, 2019), ainda que com soluções muito diversificadas e discutíveis, que oscilam entre o restauro e a renovação (Chamusca et al, 2019).

O alojamento local tornou-se num dos grandes problemas da cidade do Porto devido ao turismo. Em 2018, numa notícia de Mariana Correia Pinto, no Jornal Público, era mencionado que existiam 4411 alojamentos locais (AL), situados na União de Freguesias do Centro Histórico do Porto, passando, em 2019, a 8354, dos quais 6039 são no Centro Histórico do Porto (Registo Nacional de Turismo, 2019). É de enfatizar que a distribuição do turismo, se tem observado, principalmente, no Centro Histórico da cidade do Porto, pois é este que contém em si uma grande porção da história portuense (Brandelli, 2017).

O conceito de "turismofobia" tem emergido no Porto, refletindo a crescente insatisfação dos residentes face à pressão turística e às mudanças urbanas associadas. Segundo Tatiana Oliveira, na sua Investigação sobre Turistificação e Turismofobia ("Porto: Turistificação e Turismofobia"), em 2019, o crescimento do turismo do Porto teria trazido consequências como movimentos de resistência por parte dos residentes locais, abordando questões de gentrificação e aumento da especulação imobiliária (Oliveira, 2019).

Este fenómeno, que outrora autores anglo-saxónicos designaram *de overtourism*, está diretamente relacionado à crescente evolução das práticas insustentáveis do turismo de massas nos centros urbanos (Milano, 2018). Apesar de ser já antiga a temática, foi na passada década que se começou a sentir, em vários destinos turísticos, a crítica social, símbolo de desagrado quanto ao Turismo excedente nas cidades. Os movimentos anti-turismo iniciam-se, assim, com manifestações em todos os continentes do mundo, sendo noticiado ataques a autocarros turísticos em Barcelona, protestos de gentrificação em Berlim (Novy, 2016 in Milano, 2017), e concentrações nas Ilhas Baleares contra os navios de cruzeiro, provocando o nascimento de fenómenos como o Síndrome de Veneza, termo usado para descrever os efeitos negativos do turismo excessivo – especialmente de massa – em cidades turísticas muito visitadas. É uma expressão simbólica que se aplica a qualquer cidade histórica ou culturalmente rica que sofre com a superlotação de turistas.

O desconforto e a irritação emergentes em torno da superlotação e transformações socio-espaciais no centro de Amsterdão têm também o seu destaque na imprensa (Pinkster e Boterman, 2017 in Milano, 2017) e o alerta e as manifestações das

associações nas ruas lisboetas (Milano, 2017) e portuenses são igualmente retratadas pelos media.

Segundo Claudio Milano, na *Revista de Turismo y Patrimonio Cultural* (2018), são elencados os principais motivos de desagrado dos habitantes que se manifestam devido a diversos pontos como a privatização e o congestionamento do espaço público; o aumento do custo de solo; a especulação imobiliária; a perda ou diminuição do poder de compra dos moradores; o crescente aumento do número de turistas e/ou excursionistas; o impacto ambiental, a poluição e os resíduos gerados (Milano, 2018).

Por fim, todas as cidades suprarreferidas dispõem de diversos meios para manter viva a sua identidade cultural, associando-se ao turismo como uma forma de despertar a curiosidade, fomentar o desenvolvimento de determinadas áreas e infraestruturas, impulsionar o crescimento económico local e promover a preservação do património. Através das múltiplas visitas, o turismo contribui para a estabilidade necessária à reabilitação de monumentos, espaços históricos e outros elementos relevantes. Contudo, este fenómeno turístico acarreta também um, “mas” – aquilo que traz consigo, pode igualmente levar, já que, com o turismo de massas, as cidades enfrentam sinergias e desafios, procurando equilibrar, da melhor forma possível, a preservação face ao desgaste, o autêntico face ao artificial, e o identitário face ao fabricado.

2 ESTUDO DE CASO: A PÓVOA DE VARZIM

O concelho da Póvoa de Varzim localiza-se no Noroeste de Portugal, pertencendo ao distrito do Porto. Possui cerca de 60.000 habitantes na sua área de 8224 hectares, é constituída por doze freguesias, (CMPV, 2025) agrupadas em três Uniões de Freguesias: Póvoa de Varzim, Beiriz e Argivai; Aguçadoura e Navais; Aver-O-Mar, Amorim e Terroso; e pelas freguesias de Balasar, Estela, Laúndos e Rates.

Marcada a Oeste pelo Oceano Atlântico, que lhe confere a marca de ligação ao mar, e a Este por terra, que permite à comunidade reunir-se, e, desta forma, trabalhar um leque de ocupações associadas a duas distintas atividades: a pesca e a agricultura.

Assim, a cidade evoluiu com base numa gama de diversos usos e costumes que, podendo ter corrido o risco de distanciar estas comunidades, atuou sempre de forma

contrária, criando um sentimento de união e pertença a uma só Póvoa, “Todos feitos dum só coração”, expressão já salientada em Fernão Lopes, na Crónica de D. João, com o intuito de enfatizar a união e o patriotismo do povo. Além disso, é fruto de um processo de crescimento com raízes medievais que estudos locais já aprofundaram, como a obra do Padre Manuel Amorim, *A Póvoa Antiga: estudos sobre a Póvoa de Varzim (séculos X-XVI)*, e que se articulam com o crescimento e extensão do concelho (Amorim, 2003).

De modo a consolidar e orientar o estudo de caso, foram realizadas duas entrevistas exploratórias, que tiveram como objetivo garantir que a investigação incidisse sobre os aspetos mais relevantes e coerentes com a realidade cultural e identitária da cidade da Póvoa de Varzim. Estas entrevistas, conduzidas junto do Vereador da Cultura, Dr. Luís Diamantino, e da Chefe de Divisão da Cultura, Dra. Manuela Ribeiro, permitiram compreender melhor a forma como o município interpreta e promove a cultura local, bem como os esforços realizados para preservar e valorizar a identidade poveira. As questões abordadas procuraram explorar, entre outros temas, o conceito de cultura para o município (“O que é para a CMPV cultura?”), a importância da identidade poveira (“Quais são as características identitárias culturais da Póvoa?”), as estratégias de promoção cultural (“Que eventos ou iniciativas reforçam esta identidade?”) e o envolvimento comunitário (“Como é que o público participa na vida cultural da cidade?”). Através destas entrevistas, foi possível recolher uma perspetiva aprofundada sobre a forma como a Póvoa de Varzim se constrói e se projeta culturalmente, evitando que a sua identidade se desvaneça ao longo do tempo.

Na entrevista exploratória a Luís Diamantino, Vice-Presidente e Vereador da Educação e Cultura, a ideia desta personagem coletiva, o povo poveiro, é corroborada quando menciona que o povo cita “o nosso mar”, “porque só há este mar, que é nosso e o povo trata-o com carinho. Este possessivo nosso é carinho, porque dirão as pescadeiras “é o peixe do nosso mar”. No entanto esse nosso mar também nos tira a vida, nos deixa viúvas e sem filhos. Mas esta ligação ao mar é umbilical na Póvoa de Varzim. Também temos um pé na terra. Um na terra e outro no mar, porque também temos de facto cultura sobretudo em Aguçadoura, Estela e até Aver-O-Mar. Mas aqui a cidade vive muito da ligação ao mar.”

2.1 Formação da Identidade da cidade e o seu Brasão

A origem do brasão da Póvoa de Varzim é desconhecida, mas tem, certamente, uma simbologia popular, como se pode verificar pelos elementos que o compõem: o Sol, a Lua, a Cruz, a Âncora e o Rosário.

Na verdade, o Sol e a Lua crescente serão elementos representativos da vida dos homens da terra, que trabalham de sol a sol (Luís Diamantino, 2024) e dos pescadores que se fazem ao mar, levando consigo uma âncora de segurança, também presente no brasão, que os agarra, metaforicamente, à terra e que os leva a rezar com a sua cruz e o seu rosário, os dois últimos elementos presentes, pela sua devoção e fé tão característica do poveiro.

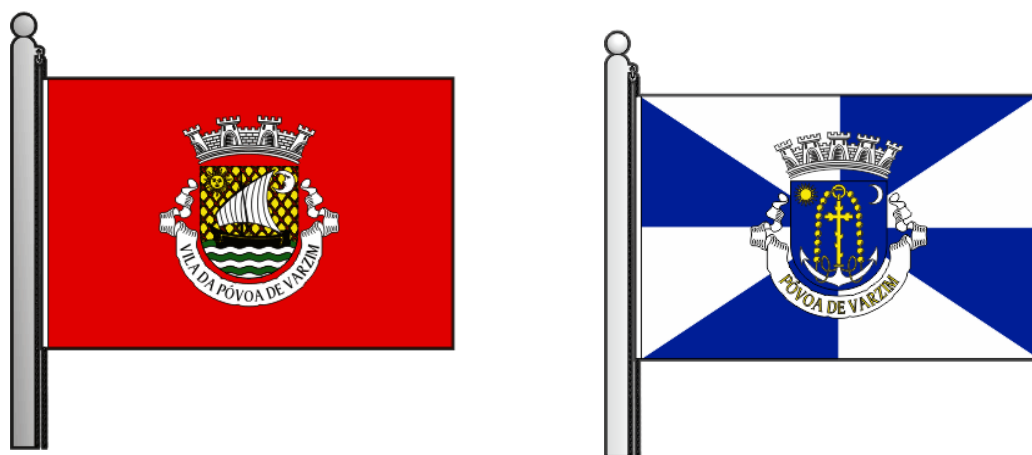
Apesar de o brasão ter sofrido alterações ao longo dos anos, a presença dos elementos ligados à agricultura e ao mar perduraram sempre.

De acordo com a portaria nº 9373 do Ministério do Interior, publicada no Diário do Governo nº 270, 1ª série de dezoito de novembro de 1939, o brasão de armas seria “De ouro, com uma rede de vermelho. Em contrachefe, seis faixas ondadas, três de verde e três de prata, com um barco vogando, de negro e realçado de ouro, mastreado e encordado de negro e vestido de prata, realçado de negro. Âncora de ouro. Em chefe, um sol de ouro e um crescente de prata. Coroa mural de prata de quatro torres. Listel branco com os dizeres "Vila da Póvoa de Varzim" a negro.”

É em 1958 que existe uma Segunda ordenação heráldica do brasão e da bandeira da cidade que, segundo a Portaria de 9 de Outubro de 1958, Publicada no Diário do Governo n.º 244, 2.ª Série a 17 de Outubro de 1958, descreve que o símbolo da cidade passa a ser “ azul, com uma cruz nodosa de ouro, terminada inferiormente por dois braços de âncora de prata, rematada superiormente por um anel, do qual cai um rosário de ouro, enfiado do mesmo, ladeando a haste da cruz dos dois lados e entrelaçando-se no seu pé; em chefe, um sol de ouro, à dextra, e uma meia lua de prata deitada (com as pontas para o flanco direito), à sinistra. Coroa mural de quatro torres de prata.”

A partir do ano de 1973, de acordo com o Decreto nº 310/73, de 16 de junho, a Póvoa de Varzim foi elevada à categoria de cidade e, como tal, a coroa mural passa a ter cinco torres, não sendo modificada desde então.

Já em 1986, através do Diário da República, 3.^a série, n.º 196, de 27 de agosto, a Câmara Municipal da Póvoa de Varzim procedeu à atualização heráldica do brasão e da bandeira. Nesse diploma manteve-se a simbologia tradicional, mas oficializou-se a coroa mural de cinco torres de prata, correspondente ao estatuto de cidade, alterou-se o listel para branco com a legenda “Póvoa de Varzim” a ouro (em vez de negro) e definiu-se a bandeira como gironada de branco e azul, com cordões e borlas de prata e azul, haste e lança douradas.



Fonte: <https://www.heraldicacivica.pt/pvz.html#gsc.tab=0>

Figura 1 Brasão da Póvoa de Varzim 1958

Figura 2 Brasão da Póvoa de Varzim 1986

2.1.1 As primeiras atividades da cidade: piscatória e rural

Na sua faixa litoral encontram-se as freguesias de Póvoa de Varzim, Aver-o-mar, Aguçadoura e Estela. A freguesia de Póvoa de Varzim é a sede do concelho e, sendo banhada pelo Oceano Atlântico num total de 10 km de extensão, torna-se a estância balnear mais procurada na zona Norte durante os meses de Verão, como refere Luís Diamantino, Vereador da Cultura da cidade. Aver-o-Mar, devido às suas características, é identificada pelo desenvolvimento da atividade piscatória e da apanha do sargaço, fundindo-se com o trabalho agrícola. Por fim, na freguesia de Aguçadoura, a maior parte da população dedica-se à agricultura, ao tomate coração de boi, à batata nascida na areia e à couve da cidade que estão de momento certificadas, sendo consideradas por muitos

um produto especial, constando que a restante se dedica ao comércio de produtos que desta advém.

Já as freguesias de Argivai, Amorim, Navais, Estela, Beiriz, Laúndos e Terroso apresentam-se com atividades que reúnem características rurais acentuadas e, também, industriais, sendo Estela a maior freguesia do concelho. A freguesia de Beiriz caracteriza-se por duas componentes: urbana e rural. Constitui hoje, talvez, a mais industrial freguesia do concelho, sendo que a sua população se dedica essencialmente à indústria. Rates e Balasar são as freguesias mais afastadas da sede concelhia e também do mar, sendo que, este último fator, se reflete no desenvolvimento da agricultura nesta zona. Todo o seu sustento é assim de “coisas que se criavam em casa. A única coisa que se comprava era o peixe” (Elisa Ochoa, 2024). A freguesia de Rates com tradições muito ligadas à terra, à produção de milho e ao trabalho do linho, apesar de distante do centro da Póvoa de Varzim é também ponto de passagem para muitos que encontram na mesma freguesia a Igreja Românica de S. Pedro de Rates, monumento nacional que foi considerado o mais importante do concelho. Já Balasar situa-se no extremo do concelho, sendo a sua atividade dominante a agricultura (Luís Diamantino, 2024).

Assim, o concelho ergue-se sobre duas grandes atividades que o tornam rico na diversidade, que são celebradas nas mais pequenas linhas do tempo e eternizadas em monumentos como no Monumento de Homenagem às Gentes da Póvoa de Varzim, que representa a cultura da Póvoa na sua globalidade: O agricultor a semear e a puxar o arado. O homem do mar a puxar a rede. Na vela as tradições, procissões, Nossa Sra. da Assunção de braços abertos. Tendo ainda o “homem sem cabeça” como dizem, que representa as origens do Poveiro que não estão muito bem definidas, representando todos os que contribuíram para a Póvoa ser o que é hoje (Luís Diamantino, 2024).

Relativamente à atividade piscatória, entre os séculos XVIII e XIX, a cidade da Póvoa de Varzim tornou-se a mais importante comunidade piscatória do norte do país (Fangueiro, 2008). O seu povo, perspicaz a entender que o mar seria mais vantajoso e proveitoso do que a terra, onde semeava no pouco terreno demarcado seu o que havia, começou a recorrer em peso ao mar, para pescar, sendo que, em 1758, existiam já 56 grandes embarcações, contando no final do século XIX, como uma das maiores frotas pesqueiras de Portugal (Amorim, 2001).

As estatísticas demonstram que no ano de 1890, a ainda Vila possuía cerca de 12.977 habitantes, entre os quais, cerca de 6.336 que se dedicavam à faina da pesca, verificando-se, assim, que cerca de 50% da população vivia desta atividade (Amorim, 2001).

Efetivamente, os pescadores, verdadeiros poveiros (Santos Graça, 1932), viviam unidos em “colmeia”, à margem dos elementos da burguesia da cidade, que eram intitulados “povoenses”, do mar e do que ele lhes dava (Santos Graça, 1932).

Apesar de ser conhecido como um homem rude, mal-educado, necessitado e desprovido de grandes bens, o Poveiro era também visto como símbolo de valentia, união e camaradagem, por vários autores como Júlio António Borges, pois enfrentava o perigo do mar e não hesitava em arriscar a sua vida quando algum companheiro precisasse de ajuda (Borges, 2014). Viviam uns para os outros, os poveiros, num trabalho que, por vezes, era fatal.

Com diferentes elementos conectados a esta atividade identitária, foram vários os objetos que ficaram conhecidos na cidade em consequência da referência de se ser pescador.

Deste modo, os barcos, utensílios marítimos e até mesmo as vestes da classe mais pobre da cidade são, até hoje, reconhecidos nacional e internacionalmente.

A lancha poveira era, então, a embarcação típica da comunidade piscatória e junto com os seus mestres ficou conhecida pelo seu casco largo e leme de grande profundidade, com comprimentos entre os 4 e os 14 metros e uma enorme vela de pendão que garantisse a sua propulsão. A lancha era utilizada para pescarias em alto-mar e variava na dimensão e aspeto conforme o tipo de pesca, denominando-se Lancha Poveira do Alto para a captura de pescada, Catraia Pequena para a sardinha, Catraia Grande para a raia e Caíco para a faneca. A embarcação podia albergar 30 a 40 tripulantes, tendo deixado de ser utilizada a partir da segunda metade do século XX, devido ao trabalho pesado e ao desenvolvimento das traineiras e, mais tarde, dos arrastões (CMPVZ, 2023).

Cada tripulante levava as suas próprias redes e utensílios, unindo-os aos dos parceiros que junto com estes pescavam. Para a devida separação de pertences após uma ida ao mar, os Poveiros criaram uma escrita única que distinguia os demais objetos dos seus e que equivalia ao registo de propriedade (Santos Graça, 1932). A esse mesmo código

criado chamou-se Siglas Poveiras, um alfabeto próprio, com um traçado simples que, tal como é referido na obra *O Poveiro* de Santos Graça, não eram “marcas organizadas ao capricho de cada um, mas antes simbolismos ou brasões de famílias, que vão ficando por herança de pais para filhos e que só os herdeiros podem usar” e que, deste modo, representou, durante largos anos, nomes de famílias pesqueiras, tornando-se um traço forte da sua identidade, deixada um pouco por todo o norte de Portugal e Galiza.

Tal como dita o velho ditado “a Mulher quer-se em terra e o homem no mar”, os mais novos das famílias da classe piscatória eram preparados para a árdua faina da pesca, não receando o perigo do mar (Azevedo, 2001). Já as meninas tinham também o seu papel difícil, mesmo que fora das águas gélidas da Póvoa. A sua condição feminina incumbia-lhes a responsabilidade de colaborar na educação dos irmãos, nos trabalhos de casa e na “obrigação” do barco (Borges, 2014). Mesmo após o casamento, se os maridos fossem pescadores, as suas tarefas e responsabilidades não acabavam, pelo contrário, acresciam, detendo a mulher um papel fundamental (Azevedo, 2001). Assim, esta colaborava no varar da embarcação para a praia, no encaixotar o peixe e no transporte para a lota para lá ser vendido e, no final, na divisão do que ganhava em partes ou quinhões (Azevedo, 2001). Percorrendo ainda as ruas, era a esta que cabia a venda do peixe porta a porta, de gamela à cabeça, pelas freguesias mais rurais, vendendo sardinhas, muitas vezes, em troca de produtos da terra dados pelos agricultores (Azevedo, 2008). Mesmo que ocupada com a lida do peixe, a mulher do pescador poveiro trabalhava nas fábricas de conserva de peixe e na seca do bacalhau e dedicava-se ainda à apanha do sargaço, que é um fertilizante bastante procurado por alguns lavradores da região, especialmente de Aver-o-mar e Aguçadoura. Colhido nas bordas do mar, na baixa-mar, é utilizado como adubo nas terras arenosas da beira-mar, enriquecendo-os e tornando-os muito propícios para a plantação de batata e hortaliça (Azevedo, 2001). Durante séculos, a apanha do sargaço na região de Entre-Douro-e-Minho foi uma atividade económica e socialmente importantíssima (Cabral, 2007).

Deste modo, a apanha do sargaço, que era uma atividade praticada geralmente por mulheres, permitiu a famílias com menos posses, ganhar mais algum dinheiro. A partir do mês de maio, as mulheres poveiras iam para a praia, em grupos, e recolhiam a pé, fora ou dentro de água, o sargaço que o mar trazia. Quando o mar não ajudava e queriam apanhar as algas que estavam mais longe da costa, faziam-no a bordo de

embarcações, normalmente feitas de madeira e cortiça, que se denominavam de cortiços (Santos Graça, 1932). No final, ao longo do areal, reuniam o sargaço em montes cilíndricos, cobertos com largos chapéus de colmo, para assim secarem e manterem-se conservados. Para a realização desse trabalho, recorriam ao auxílio de utensílios específicos, alguns utilizados no trabalho agrícola, como por exemplo, a graveta (ancinho grande de madeira, composto por 24 dentes com cerca de 20 centímetros de comprimento, que servia para recolher as algas, a pé, na praia ou em águas baixas e também para espalhar o sargaço na praia), a ganchorra (semelhante à graveta, mas normalmente utilizada na apanha feita em embarcações, para recolher as algas que se encontravam no fundo do mar, uma vez que possui um cabo mais comprido), o ancinho ou engaçó (utilizado para juntar e espalhar as algas no areal e carregá-las, depois de secas, para os meios de transporte que as levarão para o campo) e o ganha-pão (vara de pau, com um aro numa das extremidades, sobre o qual pende uma rede, utensílio este que permite apanhar as algas no mar). Este era um trabalho muito duro, obrigando, muitas vezes, a horas consecutivas dentro do mar, suportando as baixas temperaturas da água e, por vezes, o mau tempo. Para tal trabalho, as mulheres vestiam um casaco de oleado, um mini-saiote rodado de flanela preta, que usavam encorpado na cintura, e um lenço em cruz que segurava o cabelo solto. Este trabalho pertenceu, depois, à Junta Central das Casas dos Pescadores, organismo que coordenava a ação das Casas dos Pescadores, durante o Estado Novo. O sargaço era recolhido nos seus postos instalados ao longo da costa, mantendo estável o preço do produto. Após o 25 de Abril, estes organismos foram perdendo força, sendo mesmo extintos em 1976. A importância desta atividade “mantém-se até meados do século XX, e, a partir de então, decai rapidamente, sendo hoje em dia uma atividade residual em todo o litoral do continente português” (Borges, 2014).

Referente à atividade rural, o concelho da Póvoa de Varzim possui um clima influenciado pela proximidade do mar e pelo elevado nível de humidade, fatores que favorecem o desenvolvimento da agricultura, tornando-a numa das principais atividades económicas da região.

Embora a esmagadora maioria da população se dedicasse à faina piscatória, a agricultura tinha, e continua a ter, o seu peso na economia local, por vezes complementada com a prática de atividades agro-marítimas (Amorim, 2004).

Com a agricultura em peso nas freguesias de Aguçadoura e Estela e a agropecuária em Rates e Balasar (Borges, 2014) a Póvoa de Varzim estende pelos seus concelhos diferentes marcas da vida rural já reconhecidas por tantos. A batata, a couve e a cebola são alguns dos produtos que, em “campos-masseira”, sistema de cultura em espaços planos rebaixados nas dunas de areia, ao abrigo dos ventos marítimos (Cabral, 2007), são cultivados e dão prestígio à zona.

Desta forma, na Póvoa, a partir da pesca e da agricultura, combinaram-se três formas básicas de subsistência: o ancoramento ribeirinho, tendo como atividade exclusiva a pesca; a fixação na orla marítima; e a sedentarização interior, enraizada em solo firme, moldando diferentes tipos de cidadãos: o pescador poveiro, que vive em estreita ligação com o “nosso mar” (Luís Diamantino, 2025) e que desconhece os segredos da terra e da sua produção; o seareiro de Aver-O-Mar e Aguçadoura, comprometido na duplicidade terra/mar e, finalmente, o lavrador do interior que tem para com o oceano o respeito que lhe merece um quase desconhecido.

2.2 A Identidade da cidade, fortalecida pela memória, ao longo dos tempos

2.2.1 O Século XIX - OS Pescadores

A identidade cultural é imprescindível para uma cidade que sobrevive e se desenvolve à volta de marcas identitárias que a distinguem de outras e a tornam reconhecida por quem lá passa.

Se Barcelos tem o Galo de Barcelos, Viana do Castelo tem a romaria da Sra. da Agonia e os seus corações, Guimarães tem o seu Castelo e o reconhecido D. Afonso Henriques, a Póvoa de Varzim tem o mar, a pesca e a tradição inerente aos mesmos, permitindo, ao longo dos vários séculos, ter vivido assente em marcas identitárias interligadas a estes.

Assim, em pleno século XIX, o poveiro, que vivia essencialmente da atividade pesqueira, é a maior marca identitária da Póvoa. O pescador da zona litoral da cidade dava jus à Póvoa de outrora, enlaçando-a numa história de livros de crianças, onde o pescador, humilde, tinoso e leal aos seus, era a personagem principal.

Comummente apelidado por todos com uma alcunha que foi adquirindo ao longo do tempo, fruto de diferentes momentos e circunstâncias vividas, o pescador raramente era reconhecido pela classe, mulher e filhas com o seu nome de igreja, como atestavam estas últimas ao afirmar, “Meu pai era o Tio João Sarrão e eu fui sempre Maria Sarrôa” (Santos Graça, 1932), sendo somente os filhos fixadores do nome dos pais, com o objetivo de darem o mesmo à seguinte geração, sendo o nome do pai e filho igual, acrescentando ao final o apelido “Novo”, sendo que, se dois dos filhos tivessem esse mesmo nome acrescia ainda o apelido “Grande” ou “Pequeno”. Deste modo, como refere Santos Graça na obra *O Poveiro*, a comunidade piscatória passa a ganhar, de forma única e bem poveira, alcunhas que ficam enraizadas no tempo, “Ao filho que pede pão agora, logo e sempre: O rapaz tem “fome negra”! Pega lá o pão... e o Fome negra fica. Ao filho que chora sempre, “Este choranga não se farta de chorar” e temos a alcunha de Choranga. Outras vezes são pegas de língua entre eles: “Que dizes chula, chipé”; “E tu que és sua Cascarra, Lixa, Graixeira ...” E o conflito avoluma-se, os nomes repetem-se, tomam-se testemunhas, há risotas (...) e temos o Francisco Chula, o José Chipé, a Rosa Cascarra, a Maria Lixa e a Rita Graixeira” (Santos Graça, 1932).

O pescador humilde refletia nas suas práticas e valores a comunidade marcada pela resiliência e pela solidariedade. Com um “profundo horror à vida militar”, os mais jovens eram protegidos dos oficiais, dormindo “nos barcos, à cautela, não fossem dar com a casa e cercá-la” (Santos Graça, 1932), enquanto no bairro as mulheres inventavam os maiores relatos fantasiosos sobre as suas peripécias no mar. Assim, “apareciam os oficiais da Câmara de lista na mão” inquirindo as mulheres sobre o eventual reconhecimento de alguns dos nomes nela inscritos, “As velhas piscando os olhos umas às outras como a dizer “cá andam eles”, iam dialogando até que a primeira desse resposta “Então não te lembras Rosa? Era o filho do Malga? Coitadinho, meu tio! Antes fosse servir o Rei! Morreu afogadinho no mar há mais de um ano! Deus lhe fale a alma (...) Risque meu tio, risque que esse não pode servir mais o rei!”. Os oficiais, por vezes, prosseguiam o inquérito junto de outras mulheres, apenas para obter a mesma resposta repetida: “Eram sempre, invariavelmente, estas, na sua maioria dadas sem sequer saberem a que mancebo se referia o nome indagado.” (Santos Graça, 1932).

Caracterizado sempre com uma paixão indagável pelo mar e muito sabedor do mesmo, o pescador da Póvoa de Varzim ficará então reconhecido como uma

personalidade ousada, forte e esperançosa, com fé e com conhecimento sobre os melhores locais para a pesca, apesar de as condições de carência em que viviam, desenvolverem ainda fortes laços de união, essenciais, por vezes, para a sua sobrevivência no mar. Este espírito de entreajuda manifestava-se ainda na prática coletiva de sair da barra, sepultura do Poveiro, em conjunto, permitindo apoio mútuo em caso de naufrágio. É nesta situação que, ao longo dos tempos, os pescadores têm tido as suas grandes lutas com o Mar, gloriosas sempre pela desigualdade, mas onde, frequentemente, já foram vencidos. É neste lençol de água que tantos heróis de muitas gerações são cobertos. É ali a sepultura do avô, do pai e do filho (Santos Graça, 1932).

Os barcos de pesca dos mesmos dividem-se em três grupos distintos: Lanchões; Rasqueiros-Sardinheiros; Barcos de pescar – Pescadores de linha (Santos Graça, 1932). Estes subdividiam a classe dos pescadores entre fidalgos, burgueses e plebeus, respetivamente. Os lanchões eram dos aparelhos de pesca mais valiosos, dando uma vida relativamente abastada a quem dele vivia, “A sua labuta, em mares longínquos e arriscados, dava à sua classe um renome de ousadia e valentia que os enobrecia aos olhos dos outros”, saindo destes nomes intemporais e importante para sociedade, personagens representativas da classe - Homens de Respeito. No outro extremo encontravam-se os pescadores de linha, sem redes, sendo a linha o seu único ganha-pão. Na falha da pesca à linha, faziam-se meeiros dos outros na safra da sardinha. Viviam quase sempre na miséria (Santos Graça, 1932).

Fosse qual fosse o barco, este era adornado com invocações religiosas. Por um lado, inscrevia-se (ou escrevia-se/registava-se), invariavelmente, o nome do patronato da embarcação “Senhor dos milagres”; “Santa Bárbara”; “Senhor dos Aflitos”; “São José”; “S. Pedro”, ou expressões de interpelação divina “Vamos com Deus”; “Valha-nos Deus”; “Fé em deus”; “Deus nos leve a salvamento”. Com o passar dos anos, o modernismo levou a que fossem diluindo as invocações inscritas, sendo estas trocadas por frases mais terrenas e alegres “Ao gosto dos filhos”, “Esperança”, “Agora vai”, “Enfim Só”, “Engraçada”, “Flor d’assunção”. (Santos Graça, 1932). Junto com estas interpelações surgem, ainda hoje, pequenas siglas, representativas de posse e identidade de uma dada família, um código simples e só bem conhecida pelo Poveiro.

2.2.2 O final do Século XIX e início do Século XX - OS Heróis do Mar

As pequenas siglas gravadas nas embarcações, representando famílias, simbolizavam um sentido de pertença e identidade profundamente valorizado. Esta tradição evidenciava a importância do coletivo, em que cada pescador confiava a sua vida aos companheiros, seguro de que estes fariam o mesmo por ele.

Essas características deram origem ao surgimento de verdadeiros heróis comunitários, que, no final do século XIX, se tornaram símbolos identitários da cidade. Eram indivíduos humildes, que enfrentavam condições adversas e desafios do mar com coragem e determinação, dedicando-se a salvar milhares de vidas em situações de risco. Assim, a história dos poveiros é marcada por uma profunda conexão entre a simplicidade da vida marítima e a força dos valores humanos que a sustentavam.

Cego do Maio, Patrão Lagoa e Patrão Sérgio são, assim, neste final de século e início do século XX, símbolos identitários da cidade, prestigiados e reconhecidos pelo próprio Rei, capazes não só de salvar vidas, como também de unir a sociedade, passando a classe social da burguesia a querer ser, também ela, “poveira”, vibrando pelas vitórias dos Patrões do Salva-Vidas poveiro que resgatava do oceano inúmeros homens.

Além disso, durante muitos anos, os filhos de pescadores seguiram as pisadas dos pais desde muito novos, sendo que, embora ainda não tendo idade para ir à pesca, já desempenhavam funções de descarga e carregamento de peixe, bem como de construção e manutenção das redes (Lanhoso, 1963).

Deste modo, o mar sempre foi uma constante na vida de todos os poveiros, tendo garantido o seu sustento, mas também o desenvolvimento da cidade. A arte de pescar, bem como as atividades relacionadas, tais como a salga do peixe e a indústria conserveira, foram-se mantendo, ao longo dos anos, e tinham grande importância no crescimento da cidade, nomeadamente em termos demográficos (Silva, 2013; Ferreira, 2016).

Na segunda metade do século XIX e fruto da integração desta atividade na segurança social, esta foi alvo de uma renovação, tendo-se passado a utilizar artes de pesca motoras e deixado os aparelhos de pesca artesanais. Além disso, houve uma modernização do funcionamento das lotas, bem como uma aposta na formação profissional (Azevedo, 2007). O primeiro bairro piscatório existente denominava-se

Bairro da Vila, do qual os pescadores acabaram por se ir afastando para outras localizações junto ao mar, pois já não havia espaço para a construção. Assim, muitos pescadores poveiros deslocaram-se para as Caxinas e Poça da Barca (Vila do Conde), localidades onde predomina ainda a alma poveira e onde habitam os pescadores poveiros, casados com poveiras ou filhos e irmãos de poveiros, que trabalham, também, em barcos da Póvoa de Varzim (Ferreira, 2016).

2.2.3 O Século XX – A devoção dos Pescadores

Atualmente, após várias décadas, as pescas são ainda muito pertinentes para a Póvoa de Varzim, uma vez que se mantém uma atividade existente, na qual estão incluídas várias pessoas. Não é por acaso que em pleno século XXI, o brasão desta cidade seja, ainda, alusivo ao mar e às pescas, estando nele representados elementos de grande relevância para estas, tais como o sol e a lua, mas também na ponta de uma cruz uma âncora e um rosário.

De facto, a Póvoa de Varzim manteve sempre uma devoção ao mar e aos Santos que dele os protegiam. Durante largos anos o Santo mais festejado na cidade era o São João. É Santos Graça que nos recorda na sua obra *O Poveiro*, que “há Santos bonacheirões, que deixam o Poveiro brincar com alegria, beber uma pinga em sua honra, atirar ao ar duas cantigas brejeiras – e mandar ao diabo as paixões. Estes são os três Santos Populares dos portugueses: Santo António, S. João e S. Pedro. Dos três, o mais festejado é o S. João. É a grande festa popular, onde o Poveiro se expande com exuberância. Exemplo disso são as trovas populares:

“S. João e mais S. Pedro
Foram ambos à faneca
S. Pedro apanhou tudo,
S. João chamou-lhe c’reca!” (Santos Graça, 1932)

Apesar do protagonismo a este santo, a construção da Igreja da Lapa, em 1772, faz com que o São Pedro comece a ganhar importância no coração dos poveiros, uma vez que, na referida igreja, existia uma imagem de São Pedro Claviculario do Céu, o Santo

que abria as portas do Céu (Ferreira, 2016). Porém, catástrofes naturais romperam durante algum tempo a adoração ao santo e a história viria a mudar drasticamente a 27 de fevereiro de 1892 com o trágico naufrágio de 92, no qual perderam a vida cerca de 70 pescadores poveiros, o que fez com que a comunidade vestisse o luto, durante meio século, e a festividade se visse interrompida sem data de regresso definida (Ferreira, 2016). Foram precisas 6 décadas para que as Festas ressurgissem em 1962, onde o Sr. José de Azevedo propôs ao Dr. Rogério Nogueira Viana, na altura Presidente da Comissão Municipal de Turismo, a organização de festejos populares em honra de São Pedro, celebrando agora o Santo Pescador. (Ferreira, 2016).

Estes exemplos elencados sublinham os momentos difíceis e erros do passado, que permanecem na memória do povo, funcionando como lições de vida e como lembranças eternizadas que ligam o passado ao presente, tendo permitido fazer da adversidade a oportunidade de festejar o São Pedro.

Este pedido surgia com a ânsia de voltar a contemplar a terra de fé e devoção que outrora fora e também para antecipar a abertura da época balnear da cidade, visto que esta só tinha início no mês de julho (Ferreira, 2016). Como a festa se realizava nos dias 28 e 29 de junho, seria uma excelente oportunidade para atrair pessoas mais cedo à cidade, alargando a sua estadia. Note-se, assim, que se tratava de uma renovação marcada pelo desejo de criar uma imagem externa, para os turistas (Ferreira, 2016).

Assim, nascem as atuais grandiosas festas de S. Pedro, Santo Padroeiro dos Pescadores, nos dias 28 e 29 de junho, onde a cada ano, é visível o papel crescente das instituições locais envolvidas no programa (Ferreira, 2016).

2.2.4 O Século XXI - A Identidade, revitalização e preservação contemporânea da cidade

A cidade litoral da Póvoa de Varzim conheceu um processo de crescimento significativo a partir do final do século XIX, diversificando-se para além das tradicionais atividades ligadas à pesca, à agricultura, ao comércio marítimo e à indústria. A sua identidade começou, então, a consolidar-se como um reputado centro balnear, aproveitando os recursos naturais e a ligação histórica das suas gentes ao mar como elementos centrais para a afirmação turística.

De facto, o mar sempre foi uma constante no quotidiano das populações poveiras, não só enquanto fonte de sustento, mas também como motor de desenvolvimento económico e social. Ainda que a pesca e as indústrias associadas, como a conserva e a salga de peixe, tenham sido os pilares fundacionais do crescimento urbano da Póvoa (Salgueiro, 1992), é a partir do final do século XIX que a cidade começa a acumular, à função de porto de pesca, uma nova vocação: a função de veraneio.

As primeiras referências documentadas à prática dos banhos de mar na região datam de 1725 a 1789, quando os monges do Mosteiro de São Martinho de Tibães se deslocavam à Póvoa por motivos de saúde, conforme se regista nos livros de despesas da enfermaria da instituição (Machado, 2012; Smith, 1965). Contudo, é apenas no século seguinte que a cidade se afirma de forma decisiva como destino estival, atraindo milhares de veraneantes em busca dos alegados benefícios terapêuticos dos banhos de sol e mar (Amorim, 1991).

Neste contexto de crescente popularidade, torna-se evidente que, enquanto localidade de matriz piscatória e agrícola, a Póvoa não possuía, ainda, as infraestruturas e condições de salubridade necessárias para acolher adequadamente os turistas. Consciente desta limitação, a Câmara Municipal, já na década de 1840, procurou responder aos desafios impostos pelo novo perfil da cidade. Assim, com vista ao bem-estar e progresso da comunidade, instituiu um regulamento que abordava diversas áreas, como a higiene pública, a mobilidade, a construção urbana e até a moral (Amorim, 1991).

Deste modo, e como consequência do aumento da procura, surgiram hotéis, restaurantes, esplanadas e outras infraestruturas de apoio aos veraneantes que, anualmente, visitavam a Póvoa. Estes equipamentos foram crescendo nas proximidades da linha de costa, sobretudo na zona norte da cidade, designada por bairro balnear. Paralelamente, na zona sul desenvolvia-se o bairro piscatório, caracterizado por edificações mais modestas, muitas vezes, insalubres e de fraca qualidade. Tanto a zona sul como a zona norte da cidade estenderam-se ao longo da linha de costa (Salgueiro, 1992), organizando-se em quarteirões regulares, embora com características socioeconómicas bastante distintas (Fernandes, 2002).

A receção aos banhistas começava a ser preparada após a Páscoa, momento a partir do qual as casas eram arranjadas para albergar os inquilinos temporários. Já a Câmara Municipal prontificava-se, todos os anos, a realizar um conjunto de obras com o

objetivo de garantir a comodidade e o bem-estar de todos. Desta forma, defendia que os banhistas chegavam de várias zonas do país (Machado, 2012), sendo o maior número proveniente do Minho e de Trás-os-Montes, visando procurar benefícios dos banhos de mar, da diversão, do jogo e, em menor grau, do negócio (Amorim, 1991).

Ramalho Ortigão também faz uma descrição pormenorizada dos viajantes que se deslocavam à Póvoa para “ir a banhos”. No seu relato, menciona o pequeno lavrador, os morgados rurais, as senhoras provincianas, juízes, delegados e presidentes de câmara das comarcas e municipalidades vizinhas. Além disso, refere-se a gentes provenientes de Guimarães, Fafe, Santo Tirso, Famalicão, Barcelos e viajantes do Porto que chegavam de comboio, bem como a turistas estrangeiros. Por fim, Ortigão menciona ainda os jogadores que vinham da província e de todo o reino (Ortigão, 2022).

Assim, a Póvoa afirmava-se como destino para gentes de todo o norte de Portugal, das mais variadas classes sociais: desde os mais abastados, que adquiriam propriedades na zona balnear para usufruto próprio e familiar (Amorim, 1991), até aos menos favorecidos, que possuíam menores recursos económico-financeiros. Estas praias eram particularmente populares entre os agricultores de Entre Douro e Minho, que, após a safra, sobretudo da cebola, se deslocavam à Póvoa para o merecido descanso. Estas deslocações coincidiam com a fase final da época balnear, altura em que os preços praticados se tornavam mais acessíveis a este grupo social. Manuela Ribeiro, Chefe da Divisão Municipal da Cultura da CMPV, relembra as obras de Ramalho Ortigão onde o mesmo relata a Póvoa como um sítio onde cabiam todos - o agricultor que vinha descalço porque o médico aconselhava, até ao monge que vinha de diferentes mosteiros do norte do país porque o médico assim lhe dizia, até ao Camilo Castelo Branco que vinha a banhos, mas a água era tão fria que ficava sentado a escrever (Manuela Ribeiro, 2025).

Do outro lado da fronteira, Galiza, também chegavam, anualmente, praticantes de vilegiatura. Efetivamente, consciente da sua importância, a Câmara Municipal da Póvoa destinava verbas para publicidade radiofónica no programa “La Voz de Vigo”, ao longo de um mês consecutivo, verificando-se, assim, uma grande diversidade na origem dos veraneantes. Situação semelhante era vivida em Espinho, que recebia “espanhóis de Salamanca, beirões, lisboetas e portuenses, visível na menção aos “lavradores, burgueses, funcionários da administração, nobres, juízes [...]” (Martins, 1989).

A segunda metade do século XIX marca, então, a consagração da Póvoa de Varzim como o principal centro balnear do norte de Portugal. A atratividade da cidade assentava, sobretudo, nos seus extensos areais e nas águas ricas em iodo, procuradas por quem pretendia usufruir de tratamentos terapêuticos naturais, e a ainda vila conhecia, nessa época, uma intensa animação estival, como é descrita, em 1873, por D. António Costa (Amorim,1991), “está atulhada de banhistas. De manhã, praia; de tarde, passeio no paredão, ou ver as pescarias; depois o delírio do jogo”. Ramalho Ortigão também caracteriza a Póvoa durante a estação quente como um local onde convergem, além de banhistas, viciados em jogo, artistas, mercadores ambulantes, entre outros, “De agosto a outubro concorriam assim à zona vinte e duas mil pessoas” (Ortigão, 2022).

Este autor continua a descrever poeticamente a cidade, espelhando a transformação da Póvoa de Varzim num espaço de sociabilidade, lazer e prosperidade e destacando a emblemática Rua da Junqueira, que ligava o centro administrativo e comercial à praia, tornando-se, assim, símbolo da vitalidade veraneante da cidade. Desde cedo pela manhã até altas horas da noite, era um espaço pulsante de movimento e encontro, “coalhada de moscas e de gente”, (Ortigão, 2022).

Na verdade, a partir de 1875, a Póvoa conheceu maior dinamismo, fruto da ligação ferroviária que a ligava ao Porto (Borges, 2003) e, a partir da década seguinte, da ligação com Famalicão. Aliado a este motivo, o aumento da mobilidade e comodidade das viagens trouxe um número cada vez maior de visitantes à procura de momentos de lazer e divertimento. A estes fatores juntavam-se os prazeres do veraneio, entre os quais se incluía, para além dos banhos de sol e mar, o jogo clandestino, praticado em diversas casas, particularmente no pitoresco Café Chinês, mas sediado a partir de 1934 no casino, edifício com características monumentais.

Inaugurado a 19 de agosto de 1886, o emblemático e já desaparecido Café Chinês da Póvoa de Varzim constituiu, até à sua demolição em 1938, uma referência incontornável nas praias do norte de Portugal (Calafate, 2024). Caracterizado por um sumptuoso estilo oriental, destacava-se pela presença de um coreto para concertos, adornado com uma elegante grade de ferro e quatro estatuetas femininas, elementos que conferiam uma singularidade estética ao edifício situado no Largo do Chinês (Calafate, 2024). A imponência do exterior era acompanhada por um interior igualmente notável, onde se destacavam grandes espelhos dispostos na parede de fundo e, ao centro do

amplo salão, uma jarra de grandes dimensões, rodeada por um banco circular (Calafate, 2024).

Este espaço assumiu um papel central na vida cultural e social da cidade, sendo palco de tertúlias, animação musical e jogos de fortuna ou azar, mesmo que clandestinamente. Ramalho Ortigão propõe, como forma de evitar a calamidade, decretar a liberdade de jogo sob várias condições: ser inteiramente público; que a polícia tenha acesso, quando julgar conveniente, ao recinto de jogo; que os proprietários das casas de jogo, por um lado estejam inscritos nos registos de escritvães, e por outro, sejam obrigados a uma contabilidade regular e fiscalizada pelas entidades competentes (Ortigão, 2022). O Café Chinês integrou-se, assim, numa das seis zonas de jogo legalmente estabelecidas pelo Governo, na sequência de um pedido formalizado por um grupo de cidadãos poveiros com o intuito de obter autorização para a prática legal de jogos de fortuna ou azar na cidade (Mendes, 2018).

Embora a proposta inicial previsse a construção de um casino, rapidamente se compreendeu que o investimento necessário, estimado num capital mínimo de cinco mil e quinhentos milhões de escudos, para a edificação de um casino e de um hotel com, pelo menos, cem quartos (Mendes, 2018), tornaria o processo demasiado moroso. Perante este cenário, o referido grupo fundou a Empresa de Turismo Praia Póvoa de Varzim (ETPPV), a quem foi concedida, por via do Despacho publicado no Diário do Governo, II série, n.º 212, de 14 de setembro de 1928, a exploração de uma zona de jogo temporária pelo período de trinta anos. Apesar de, no final da década de 1960, a concessão se encontrar sob a responsabilidade de empresários com uma orientação marcadamente lucrativa, verificou-se uma ausência significativa de investimento turístico na cidade. Assim, a prática do jogo teve início em 1928 no Salão da antiga Assembleia Povoense e, entre 1929 e 1933, nos salões do extinto Café Chinês, os quais se enchiam de visitantes, sobretudo nos meses de verão, tornando-se ponto de passagem obrigatório para quem frequentava as ruas poveiras (Mendes, 2018). Era prática em todos os cafés haver um compartimento secreto e com uma entrada oculta onde se jogava, sendo os jogos mais apreciados o monte e a roleta (Ortigão, 2022).

É, ainda, na primeira metade do século XX, que a Póvoa vê nascer o Casino, a Praça de Touros, o Diana Bar e o Guarda Sol, o Grande Hotel e a concessão da zona de jogo, que acentuam a importância que o turismo adquiriu nesta localidade como polo dinamizador

económico-social (Machado, 2012). É em 1930 que segue adiante a construção do Casino, grande obra da cidade que se estende até 1933, quando é aberto o concurso de decoração do espaço. No dia 1 de junho de 1934 o Casino abre as portas da sala de jogos ao público (Machado, 2012). O jogo praticado no casino atraiu homens de várias regiões e de vários grupos socioprofissionais (Machado, 2012). Comerciantes, funcionários públicos, aristocratas, industriais e até artistas frequentavam o espaço, tornando-o num ponto de encontro entre diferentes classes sociais, unidos pelo fascínio do jogo e pelo ambiente luxuoso que o casino proporcionava, organizando-se, deste modo, um programa que contemplava artistas nacionais e estrangeiros.

O casino era, assim, palco de variadas iniciativas particulares que decorriam na época balnear, com um calendário que atendia espetáculos de variedades, fado, revista à portuguesa, bailes temáticos, bailados, ilusionismo, grandes exposições de arte, apesar do Diana Bar também receber exposições contemporâneas, aos dias de hoje (Manuela Ribeiro, 2025). Segundo Ortigão, os bailes organizavam-se por subscrição entre banhistas, que alugavam um espaço onde pudessem decorrer (Ortigão, 2022). Coincidente à época balnear, outras atividades despoletavam interesse aos turistas, como o circo, a tourada e a garraizada, espetáculos acorridos por centenas (Machado, 2012). As corridas tauromáquicas eram organizadas, na sua maioria, pelo Casino e em nenhuma época do ano se via acontecimento igual (Machado, 2012).

No entanto, não só os particulares moviam a cultura na cidade, também as entidades municipais e responsáveis pelo Turismo da altura promoviam, anualmente, um plano que contemplava uma panóplia de atividades, ou a atribuição de verbas, sob a forma de subsídios, a organismos que promoviam a animação turística, durante a época balnear. Conhecedora da necessidade de manter entretidos os veraneantes, a Câmara criou e incumbiu a Comissão Municipal de Turismo (CMT) das preocupações com atividades relacionadas com o turismo, baseando-se na Lei n.º 1152 de 23 de abril de 1921, que tinha como objetivo a criação de organismos locais, designados de comissão de iniciativa (Machado, 2012), sendo a CTM da Póvoa de Varzim instalada em fevereiro de 1937.

A criação das Comissões de Iniciativa tinha, deste modo, o propósito da promoção e desenvolvimento das localidades com vocação turística, através da implementação de um conjunto de diligências de interesse público que visavam dinamizar a atividade

turística local efeito atribuído no orçamento municipal, tais como preparar um plano anual de atividade turística, dar parecer sobre quaisquer projetos de obras de interesse turístico, sugerir o que entendesse por conveniente ao melhoramento das condições turísticas da zona e dar a parecer sobre o orçamento dos serviços de turismo eram assim os grandes objetivos dos elementos da CMT. Assim, esta ideologia deu força para que em 1995, como supramencionado, a OMT comprovasse a importância do turismo cultural, aliado ao já existente foco do turismo de sol e mar. Para assegurar o cumprimento destes objetivos, era cobrada uma taxa de turismo aos estabelecimentos diretamente ligados ao setor, como hotéis, pensões, restaurantes, cafés, pastelarias, casas de aluguer, entre outros (Machado, 2012). Financiava, então, festas de verão, festas desportivas, a banda musical da Póvoa, ficando esta obrigada a dar concertos públicos durante o inverno e no verão às quintas-feiras à noite, no Passeio Alegre (Machado, 2012). Tal preocupação ficou registada nas atas da Repartição de Turismo da ainda vila (Machado, 2012).

As provas desportivas eram outra grande atração, decorrendo as provas oficiais, organizadas a nível local, regional ou mesmo nacional nesta localidade. Exemplo disso são as provas de automóveis, karting, hóquei em patins e futebol.

A título individual, eram vários os estabelecimentos comerciais que levavam a cabo atividades recreativas e de divertimento. Tome-se, como exemplo, na Rua da Junqueira, nos cafés de luxo, a atuação de bailarinas espanholas ou italianas (Ortigão, 2022) e músicos contratados para animar, à noite, a multidão que ali se juntava, tendo sido Camilo Castelo Branco um apreciador assíduo destes salões (Amorim, 1991).

A Póvoa organizava ainda festivais de ranchos populares e desde 1979, pela empresa SOPETE, o Festival Internacional de Música da Póvoa de Varzim –Costa Verde, proposto pelo pianista Sequeira Costa. A partir de 1994, dividiu a responsabilidade de organização com o município e, em 2003, a organização e gestão do festival foram entregues à Associação Pró-Música da Póvoa de Varzim.

Foi uma época em que a Póvoa esteve, como relata Manuela Ribeiro, Chefe da Divisão Municipal da Cultura da CMPV, ligada desde muito cedo às artes, justificando pela descrição dos cafés que fomentavam jogos que traziam os artistas, e mencionando o Festival Internacional de Música com mais de 40 anos, um dos festivais mais antigos e conceituados de música clássica do país” (Manuela Ribeiro, 2025). Assim, é referida a

relação entre os artistas e a Póvoa, numa panóplia de ligações da cidade com as Artes e a Cultura! (Manuela Ribeiro, 2025).

Deste modo, a cultura e o Turismo, aliados, passaram, a andar de mãos dadas não só no mundo das tertúlias, touradas, musicalidades e jogos, como também no mundo do cinema e do teatro (Silva, 2019).

Além deste testemunho, os cartazes e as notícias, possíveis de serem encontrados na Biblioteca e no Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim são a prova desta ligação. As notícias publicadas diariamente no jornal *A Independencia, Ala Arriba, Estrella Povoense, O Comércio da Póvoa de Varzim*, entre outros, anunciavam a vida cultural da cidade a decorrer no *Theatro Garrett*. Já os cartazes eram enviados para o público e continham informações acerca dos espetáculos que iriam decorrer (Silva, 2019).

Na verdade, é o Jornal *A Independencia* que faz desabrochar o interesse pelo teatro, com base nos relatos diários de Pedro Mazoni sobre a falta desta arte na ainda vila, lançando os leitores várias questões “Por que não se constrói um theatro Senhores Povoenses? Porquê esta inercia em face de um importante melhoramento para esta terra? Será possível que não se compreenda o imenso prejuízo financeiro que resulta a falta d’esta diversão n’uma vila como a Póvoa?” (*A Independencia*, 1888).

É este jornal que a 28 de julho de 1888 dá à Póvoa a esperada notícia de que a vila seria, em breve, “enriquecida com um bello theatro” (*A Independencia*, 1888) : O *Theatro Garrett*.

Juntando-se à Sala de Espetáculos do *Garrett* como mais um meio de projeção cultural, mais precisamente cinematográfica, o *Cine Póvoa* é notícia de jornal em pleno de julho de 1938. Assim n’ *O Comércio da Póvoa de Varzim* é anunciada a sua abertura “num dos dias da primeira quinzena de agosto”, equipado com “a máquina de projeção de filmes mais moderna e completa de Portugal” (*O Comércio da Póvoa de Varzim*, 1938).

Quer o *Póvoa Cine*, quer o *Teatro Garrett* projetavam filmes, em duas sessões diárias, às 16:00 e às 21:45 horas. Na tentativa de alargar o seu leque de oferta, desde 1959, o *Cinema Garrett* promovia, diariamente, programas infantis a partir das 14 horas. Serviço inovador que acompanha as necessidades de uma sociedade em evolução, libertando os pais para atividades de lazer e divertimento (Machado, 2012).

Contudo, apesar da existência, a partir deste ano, de duas casas de espetáculo, “nenhuma funciona bem como teatro”. As obras no *Teatro Garrett* estariam ainda

incompletas, e o jornalista Acácio Barroso, num artigo publicado no *IDEA NOVA*, levanta a questão se seria “vantajoso ou conveniente funcionarem duas casas de cinema ao mesmo tempo” (IDEA NOVA, 1941). Impunha-se, assim, “a realização de obras para que no Cine Garrett se possa representar teatro” (IDEA NOVA, 1941), sendo também defendido que o espaço poderia “servir para explorar as duas modalidades – cinema e teatro” (IDEA NOVA, 1941).

2.3 O Cine-Teatro Garrett e a promoção das tradições poveiras

Privado, nas mãos da conhecida “Viúva David”, mãe do saudoso presidente da autarquia poveira dr. David Alves, nasce a 15 de agosto de 1890, na Rua do Senra (rua José Malgueira a partir de 1912) o “elegante e magnífico” Theatro Garrett (O Comercio da Póvoa de Varzim, 2008). A *Estrella Povoense* e *A Independencia* são, assim, os dois grandes meios de comunicação que diariamente noticiam o povo sobre cada detalhe desta nova atração, sendo por estes difundido o espetáculo de estreia de “uma companhia dramática portuense” (Estrella Povoense, 1890), e divulgados os pormenores de bilheteira, ressaltando a “já enorme procura de bilhetes para a primeira recita da companhia” (Estrella Povoense, 1890). Com todos os olhares postos na novidade da terra, surgem preenchidas páginas com notícias diárias do sucesso inegável do *Theatro Garrett*.

“Com uma concorrência selecta e extraordinária, inaugurou-se, n’esta villa, no dia 15 do corrente, o Theatro Garrett (...) A companhia que inaugurou o Theatro foi um grupo de artistas de muito merecimento (...) levaram a scena as bem ordidas comedias “As Rédeas do Governo” e a “Menina Rosa” e os monólogos “O Estudante Alsaciano” e a “A Pulga”(A Independencia, 1890).

Nasce, por este motivo, um novo divertimento na vila pesqueira, que traz à Póvoa o teatro e o cinema, juntamente com Póvoa Cine. “O Pescador de Baleias”, “Caluda José”, “Trinta Botões”, “Os Milagres”, “O Thio Braz”, “Os Dragões do Convento”, “O Dia da espiga”, “O Casamento de D.thereza do Ó”, “A Li-Li”, “Niniche”, “Mascara Verde”, “A Pátria”, “Sol Lá Si Dó” são apenas alguns dos primeiros espetáculos que projetaram a cultura teatral na zona, sendo aplaudidos por uma enchente real (A Independencia, 1890; Estrella Povoense, 1890). Segundo Manuela Ribeiro, Chefe da Divisão Municipal da Cultura da CMPV o CTG, aos dias de hoje, com mais de 100 anos, continua a ser uma

referência de cultura na Póvoa, permanecendo como local de escolha para grandes produções de teatro portuguesas, que “vinham veraneiar para a Póvoa de Varzim”.



Fonte: Dossier Garrett. Biblioteca Municipal CMPV.

Figura 3 Cartaz Theatro Garrett agosto 1890

Figura 4 Cartaz Theatro Garrett outubro 1890

Figura 5 Cartas Teatro Garrett agosto 1915

Tanto o Póvoa Cine quanto o Teatro Garrett, apesar de atravessarem, ao longo das décadas, múltiplos constrangimentos, assumiram papéis centrais no desenvolvimento cultural da cidade de Varzim. O seu percurso é marcado por sucessivas dificuldades, nomeadamente no que respeita às constantes obras de remodelação e modernização, que refletiam tanto as exigências técnicas do seu tempo como as expectativas do público.

Desde as primeiras décadas do século XX, estes espaços enfrentaram modificações substanciais. Em 1933, o jornal *IDEA NOVA* noticiava a realização de “modificações no Garrett(...) necessários melhoramentos de modo a garantir a comodidade e segurança dos seus frequentadores” (*IDEA NOVA*, 1933). Já em 1937, são novamente projetadas grandes intervenções no Teatro Garrett, sendo “aprovada a planta das grandes obras a realizar no Theatro Garrett” em dezembro de 1937, que o transformariam “numa confortável e esplêndida sala de espetáculos” com “lotação de 1300 lugares” (*IDEA NOVA*, 1937).

No início de 1938, e já com obras a decorrer, a última sessão cinematográfica assinala, lamentavelmente, a suspensão da atividade no Garrett: “a última sessão cinematográfica finda o cine Garrett” (IDEA NOVA, 1938). O mesmo jornal refere que, em fevereiro, se aguardava a sua reabertura “no início da época balnear de 1938”, e que “até lá a Póvoa ficaria privada de diversões deste género” (IDEA NOVA, 1938). Em junho desse ano, *O Comércio da Póvoa de Varzim* reforça a expectativa da comunidade local, noticiando que “segundo os melhores cálculos o Garrett vai fazer a sua inauguração oficial no sábado, dia 6 do próximo mês de agosto” (*O Comércio da Póvoa de Varzim*, 1938). O evento regista grande afluência “o antigo Cine Garrett abre portas em agosto e regista uma enchente colossal, como era de esperar, tendo exibido o filme – *A Espia Bailarina*” (IDEA NOVA, 1938).

Porém, como já referido, o jornalista Acácio Barroso, num artigo publicado no *IDEA NOVA*, levanta a questão da vantagem no funcionamento de duas casas de cinema em simultâneo, defendendo um espaço que poderia servir para explorar as duas modalidades – cinema e teatro” (IDEA NOVA, 1941).

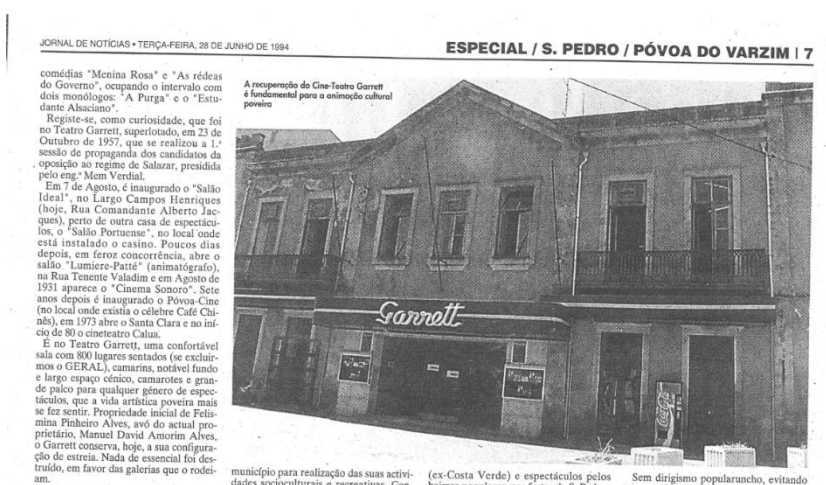
Essa indefinição funcional prolongar-se-ia por décadas, acompanhada por frequentes mudanças de gestão, até que, em 1954, o jornal *O Comércio da Póvoa de Varzim* noticia uma nova fase de remodelação “nova empresa procura dar ao Garrett maior conforto e comodidade de forma a bem servir o público. O amplo palco servirá a mais populosa revista que visite a Póvoa e a sua abertura tem dimensões próprias para a exibição da filmagem pela moderna técnica Gineseope. O Garrett deve reabrir no próximo mês de julho” (*O Comércio da Póvoa de Varzim*, 1954). A 7 de agosto, o jornal *Ala-Arriba* anuncia a reabertura do espaço, referindo que “para a reabertura foi escolhido *Luzes da Ribalta*, um filme de Charlie Chaplin” (*Ala-Arriba*, 1954).

A estreia é, mais uma vez, marcada por grande entusiasmo do público e a abertura é descrita como uma “enchente”, com a sala “literalmente repleta”, tendo os jornais da época felicitado o acontecimento “Santos & Belga, arrendatária do Garrett” e a “família Amorim Alves, sua proprietária ao momento” (*Ala-Arriba*, 1954).

Já em 1973, o espaço é novamente alvo de renovação e reabre sob a gestão da empresa Lusomundo, com a exibição do filme *O Padrinho* (*O Comércio da Póvoa de Varzim*, 1973). A partir desse momento, assume oficialmente a designação de “Cine-Teatro Garrett” (*Boletim Cultural, Toponímia da Póvoa de Varzim*, 1980).

Ao longo de todo este percurso, o Garrett passou de mãos em mãos, sempre submetido a obras infindas. Desta temporada, apenas cartazes e notícias de jornal restam para recordar a época de ouro do Teatro particular que viria nos seguintes anos a degradar-se, pedindo apoio financeiro através do programa Adaptação e Instalação de Recintos Culturais. Este pedido é rejeitado, sendo o edifício salvo pela Câmara Municipal da Póvoa de Varzim que toma a decisão de comprar o edifício por cerca de 170 mil contos (848 mil euros), para evitar que este seja utilizado para outros fins que não o seu propósito principal (Silva, 2021).

Assim, este espaço cultural resistiu às dificuldades e adaptações, sendo salvo das mãos de Fernando Santos, após quase ruína, pelos serviços culturais da Câmara poveira o que é de louvar (Varazino, 2008), permanecendo como ponto de referência na vida artística poveira.



Fonte: Dossier Garrett Biblioteca Municipal CMPV.

Figura 6 Jornal de Notícias- Reabilitação do Cine-Teatro Garrett.

Em 2005, a Câmara vê-se obrigada a vedar o Cine-Teatro por este estar em risco de ruir. Assim, foram feitas obras de recuperação, que, para quem se habituou ao movimento da casa de espetáculos, aquele faz-que-anda-mas-não-anda durante uma vintena de anos, causava tristeza e apreensão (O Comercio da Póvoa de Varzim, 2006), mas ao mesmo tempo esperança de ver uma vez mais o Garrett aberto.

Situado no centro da comunidade, paredes meias com a sua zona comercial e a dois passos miudinhos da praia, o Cine-Teatro Garrett está no local exato para uma casa

de espetáculos. Para o grande público poderá dizer-se que está “à mão de semear” (O Comercio da Póvoa de Varzim, 2008). São precisos nove anos para este espaço histórico voltar a abrir as suas portas, nascendo o espaço aberto até aos dias de hoje.

Pelo exposto, a sua história reflete, simultaneamente, a perseverança das comunidades locais em manter viva a atividade cultural e os desafios persistentes que marcam a gestão e sustentabilidade de equipamentos culturais em contexto urbano periférico. O “Teatro Garrett” foi, deste modo, desde cedo, a maior casa de espetáculos que se construiu na Póvoa, uma terra onde o teatro amador ocupava lugar de grande destaque. Se o Verão contribuía com farta assistência, durante os restantes meses o poveiro mostrava grande paixão pelo teatro amador, lotando as recitas de beneficência (O Comercio da Póvoa de Varzim, 2008). Por lá passaram as melhores companhias portuguesas de teatro e de revista, realizaram-se conferencias, concertos, espetáculos musicais e concursos. Foram exibidos filmes para todos os gostos, com grandes produções a provocar enchentes (O Comercio da Póvoa de Varzim, 2008).

2.3.1 O Cine-Teatro aos dias de hoje

No contexto cultural atual, já não basta pensar em programações feitas para um público, sendo urgente pensar com o público. Como afirma Manuela Ribeiro, Chefe da Divisão Municipal da Cultura da CMPV, "Deveríamos começar a cultura de baixo para cima e não de cima para baixo [...]. A criação de públicos tem de ser um trabalho conjunto, o público tem de se envolver."

Aos dias de hoje, o Cine-Teatro Garrett, é um dos mais emblemáticos espaços culturais da Póvoa de Varzim, com uma história marcada por momentos de esplendor e de pausa, torna-se um ponto de encontro entre as artes, os criadores e a comunidade. No entanto, a sua missão vai mais além do que apenas apresentar espetáculos, dado que o desafio contemporâneo é transformar o Cine-Teatro num agente cultural que escuta, envolve e colabora com os vários públicos da cidade, que são diversos, exigentes e, cada vez mais, informados.

Apesar das orientações nacionais apontarem para uma cultura mais participativa, como a própria Manuela Ribeiro refere, as limitações estruturais e humanas ainda dificultam uma verdadeira mudança de paradigma. O Garrett, tal como outras

instituições culturais do país, caminha assim num equilíbrio entre a tradição de programar e a necessidade urgente de cocriar.

Neste contexto, o Cine-Teatro Garrett assume-se não apenas como um espaço físico de representação artística, mas como um ponto de partida para um novo modelo cultural, onde a comunidade tem voz, presença e influência. A sua relevância, hoje, depende da capacidade de integrar diferentes públicos, ouvir as suas necessidades, dialogar com as suas identidades e construir com eles um verdadeiro projeto cultural partilhado.

O Cine-Teatro Garrett é regulamentado por uma série de artigos que permite o seu bom funcionamento, garantindo a sua equilibrada exploração e gestão.

Este espaço é, assim, descrito como um “equipamento cultural concebido para albergar e receber atividades do foro artístico, individuais ou coletivas. Apesar das suas valências lhe permitirem receber iniciativas de outro cariz, tais como congresso ou conferências, o Cine-Teatro Garrett é, na sua génese, uma casa de artes e espetáculos.” (Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2014).

É, efetivamente, um espaço “dedicado à promoção e divulgação de atividades culturais” tendo como objetivo “proporcionar uma programação cultural regular de qualidade e relevo” e “dinamizar a formação e informação cultural do município e áreas limítrofes, através de atividades dirigidas não só ao grande público, mas também a todos os intervenientes na produção e conceção artística e cultural” (Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2014), procurando captar diversos públicos com diversificados espetáculos, permitindo a toda a comunidade um acesso livre à cultura.

No seguimento da entrevista que foi estruturada e realizada, o Vice-Presidente e Vereador da Educação e Cultura da CMPV, Luís Diamantino, descreve a cultura como o “melhor marketing e promoção de uma terra”(Diamantino, 2024). Acrescenta ainda que a Câmara tem a preocupação “de não canalizar o pelouro da cultura só para a literatura, só para cinema de qualidade, só para teatro do absurdo”, apoiando “da mesma forma, as pessoas que querem preservar as nossas tradições mais enraizadas”, sendo importante que se mantenha “esta mescla de uma cultura mais erudita com uma cultura mais tradicional”, salientando que a CMPV quer que as associações poveiras, em crescimento na cidade, continuem a existir, porque, segundo o mesmo, é isso que agrega a comunidade (Diamantino, 2024).

Deste modo, o CTG é gerido e explorado com base nestes valores culturais, abrindo portas a uma programação totalmente confeccionada pela CMPV, com a colaboração de todas as associações poveiras que queiram usufruir do espaço, priorizando-as às associações não locais.

É da competência do Vereador da Cultura, Luís Diamantino, gerir toda e qualquer questão relacionada com o Cine-Teatro (Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2014), contando com o apoio incondicional de uma equipa de cerca de vinte pessoas, que trabalham permanentemente no Cine-Teatro, para garantir o bom funcionamento do espaço.



Fonte: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim. Correntes d'Escritas é afeto e gratidão, 22 fev. 2025. Disponível em: <https://www.cm.pvarzim.pt/.../correntes-descritas-e-afeto-e-gratidao/>

Figura 7 Equipa Cine-Teatro Garrett no Evento Correntes D'Escritas.

A equipa destacada é, assim, dividida pelas diversas tarefas a realizar, como bilheteira, programação, produção, apoio técnico e limpeza. Estas asseguram o cumprimento das funções descritas no regulamento que passam pela administração e gestão efetiva; otimização, rentabilização e promoção do espaço; zelo pela manutenção da conservação das instalações e pela boa utilização das mesmas; coordenação geral da atividade e programação de todo e qualquer evento a ser realizado nos seus espaços; receção, análise e emissão de parecer sobre os pedidos de cedência, regular ou pontual, dos seus espaços; orientação e coordenação de todos os processos que antecedem e conduzem à utilização dos seus espaços e bens integrantes (Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2014).

A bilheteira, primeira função destacada, é um ponto central no funcionamento do Cine-Teatro Garrett, uma vez que todos os ingressos dos espetáculos a realizar nesta casa têm obrigatoriamente de passar por este serviço. No entanto, é de ressaltar que, apesar de ser através da bilheteira que existe entrada de dinheiro, esse valor nem sempre reverte para o Garrett, não constituindo uma das principais fontes de rendimento da casa. Na maioria dos casos, a receita pertence às associações ou entidades promotoras dos eventos. De qualquer modo, a bilheteira não deixa de ser essencial para compra, reserva ou pedidos de informação de qualquer atividade a decorrer no Cine-Teatro.

Muitos dos espetáculos são realizados com cedência gratuita do espaço, especialmente quando promovidos por associações poveiras, que podem solicitar esse apoio diretamente ao Vereador da Cultura. Assim, o CTG, enquanto espaço público, está aberto a todos, em especial aos poveiros, estando a autarquia, desde a reabertura do espaço, aberta à isenção do pagamento da taxa de utilização uma vez por ano (civil), no caso de uma cedência pontual ou simples (Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2014) para qualquer estabelecimento de ensino ou associação do concelho da Póvoa de Varzim que promova ações do foro cultural, artístico e educativo. Deste modo, embora exista a possibilidade de gerar lucro através do aluguer, o Cine-Teatro Garrett funciona, acima de tudo, com financiamento interno, suportado pelo Município, que assume os encargos de operação e manutenção. O financiamento do espaço é, portanto, assegurado, maioritariamente, por verbas municipais, permitindo o apoio ativo às associações locais, promovendo a cultura sem fins lucrativos. As normas, os preços e o funcionamento da bilheteira estão detalhados no Capítulo VI do regulamento do Teatro. Já no Capítulo VII, estão destacadas as taxas de cedência de espaço, atualizadas anualmente e anexadas ao regulamento do mesmo, ressaltando não só o preço do espaço, como o preço pedido pelo tempo de ocupação, montagens, ensaios e desmontagens, espaços requisitados, tipo de evento ou ainda o material necessário.



Fonte: Própria

Figura 8 Picagem de Bilhetes no Cine-Teatro Garrett

A programação, segunda tarefa destacada na equipa do CTG, é, deste modo, planeada mensalmente, por Manuela Ribeira, Maria João Vieira e Sílvio Fernandes, sendo dividida em “ações programadas e organizadas pela Câmara Municipal da Póvoa de Varzim” e “ações propostas por entidades exteriores, através da cedência de espaços do Cine-Teatro Garrett” (Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2014). Segundo o regulamento do Teatro, há condições a serem respeitadas incluindo a essência do evento, sendo atribuída prioridade a iniciativas promovidas pela Câmara Municipal, em relação a entidades externas, quando estas se alinham com os objetivos culturais do espaço, das quais é feita ainda uma análise para aprovação do espetáculo por parte do Vereador da Cultura.

Fonte: Própria
 Figura 9 Programação idealizada do Mês de maio

Importa destacar a terceira tarefa relevante, o trabalho da equipa de Produção, composta por cerca de seis técnicos, cuja atuação é fundamental para o bom funcionamento e organização dos espetáculos realizados. Estes profissionais são responsáveis por, em articulação com os responsáveis externos de cada evento, planear e coordenar todos os aspetos necessários para a concretização do mesmo.

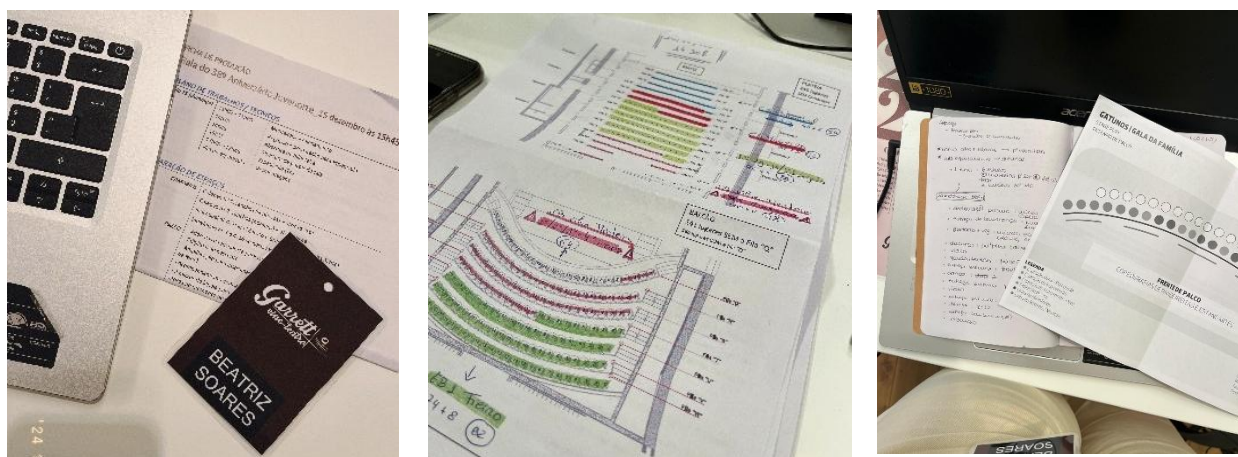
Este processo inclui a realização de reuniões previamente agendadas, em que se abordam questões relacionadas com licenciamento, cumprimento de horários, necessidades técnicas e identificação de equipamentos específicos. Adicionalmente, cabe também à equipa de Produção solicitar aos promotores o material gráfico do evento, assegurando que o mesmo inclui corretamente os logótipos institucionais exigidos. Este material é posteriormente enviado à Equipa de Comunicação da CMPV, que procede à sua validação e aprovação final antes da divulgação.

No dia do espetáculo, a presença destes técnicos é imprescindível para assegurar uma gestão eficaz do espaço, bem como para garantir a conformidade com os requisitos técnicos e de segurança.

Durante o evento, a equipa distribui-se estrategicamente por diferentes áreas - bastidores, palco, frente de sala e controlo de bilhetes - certificando que todos os espaços com circulação de pessoas, sejam artistas ou público, estão sempre devidamente

acompanhados, evitando situações de isolamento e proporcionando apoio constante por parte da equipa do Cine-Teatro Garrett.

A função da Produção destaca-se como uma das mais exigentes dentro da dinâmica do Cine-Teatro, uma vez que abrange todas as fases do espetáculo, desde a preparação, realização, até à desmontagem. O principal objetivo desta equipa consiste em garantir a segurança, o rigor operacional e a qualidade global de cada evento, promovendo uma experiência positiva para todos os intervenientes e incentivando o público e os artistas a regressar.



Fonte: Própria

Figura 10 Ficha de Produção 38º Gala de Aniversário Juvenorte

Figura 11 Ocupação de Sala no Espetáculo Alice no País das Maravilhas

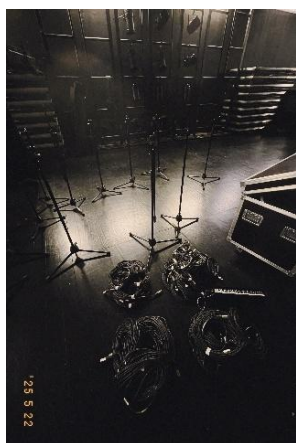
Figura 12 Reunião Gala da Família FAPEEP

Por fim, importa salientar a quarta função, que sublinha o papel fundamental da equipa de Apoio Técnico. O Cine-Teatro Garrett conta com cinco técnicos especializados, distribuídos pelas áreas de iluminação, palco, som e multimédia, cuja intervenção é indispensável para a realização de cada espetáculo.

Estes profissionais asseguram todas as condições técnicas necessárias para que o espetáculo decorra de acordo com os requisitos definidos pelos artistas, garantindo a qualidade e a conformidade técnica em cada apresentação. A configuração de luzes específicas, cores, focos, multimédia projetada, tripés, microfones, sejam eles para solistas, percussão, cordas ou de lapela, constitui um trabalho altamente especializado, cuja execução é realizada com base nos riders técnicos previamente fornecidos pelas equipas artísticas.

É graças ao know-how e à atuação minuciosa desta equipa que os espetáculos apresentados no Cine-Teatro Garrett atingem elevados padrões de excelência técnica e artística e sem os mesmos, a cortina não se abriria.

Com a ajuda de todos estes profissionais divididos nas diversas áreas e tarefas que o Cine-Teatro alberga, é possível acolher os mais variados tipos de evento como concertos, peças de teatro, musicais, cinema, dança, festivais literários, lançamento de livros, exposições de arte, conferências e até team buildings.



Fonte: Própria

Figura 13 Montagem de Som

Figura 14 Montagem de Luz

Figura 15 Mesa de Som Regie Cine-Teatro Garrett

Figura 16 Ligação Palco-Regie

Todos os eventos são organizados por diferentes entidades, sendo na Póvoa de Varzim incentivado o associativismo, tido como uma peça essencial na preservação e dinamização da comunidade no município. Desta maneira, a fim de garantir que as associações continuem a funcionar, há uma série de protocolos formulados entre a Câmara Municipal da Póvoa de Varzim e diversas associações poveiras.

A cultura assume, assim, um papel de destaque, com protocolos nas áreas do Teatro, Dança e Cinema. Estas iniciativas têm acesso à cedência dos espaços do Cine-Teatro Garrett, visando promover a produção artística e cultural na Póvoa de Varzim, por artistas poveiros, tornando este equipamento cultural inclusivo e acessível a diferentes públicos. Como afirma Manuela Ribeiro, a missão passa por "criar espaço para que todos

possam vir cá”, sublinhando a importância de tornar o Cine-Teatro Garrett “um teatro para todos”.

Entre os parceiros com protocolos estabelecidos, destaca-se o Cineclubes Octopus, responsável pela exibição semanal de cinema de autor, todas as quintas-feiras à noite. O Varazim Teatro assegura a realização de uma peça de teatro no primeiro sábado de cada mês, bem como a organização da Temporada Teatral em junho, que inclui apresentações de alunos das oficinas de teatro. A Ethos Pathos Logos contribui com uma programação focada na criação artística, com especial atenção ao teatro, à animação e ao teatro de rua. Já a Associação Nós da Dança dinamiza exposições ao longo do ano, incluindo uma apresentação assinalada no Dia Mundial da Dança.

Todas estas associações beneficiam, assim, de acesso privilegiado ao Cine-Teatro Garrett, o que lhes permite utilizar o espaço com maior flexibilidade, possibilitando uma continuidade e diversidade na programação cultural. Reiterando esta afirmação, Manuela Ribeiro explica que “a cidade já sabe: todos os primeiros sábados de cada mês há uma peça de teatro no CTG e a mesma obedece a determinadas características que são regidas pelo Varazim Teatro, parceiro teatral, que traz trabalhos de autor, que se dirigem a um público mais informado. Já o Pathos traz um trabalho dirigido para um público mais juvenil, e apesar de maior parte das suas atividades decorrerem na biblioteca e não no teatro, a parceria consta com o CTG. No foro cinematográfico, o cineclubes Octopus organiza todas as semanas uma sessão de cinema, às quintas à noite – cinema de autor.”

A programação do Cine-Teatro Garrett parte, assim, de um diálogo permanente com estas entidades parceiras, procurando identificar lacunas na oferta cultural, como mencionado por Manuela Ribeiro “Tendo em conta o que é feito por estas associações parceiras que têm contrato com a CMPV, consideramos que, se já há este contrato, as mesmas já englobam parte de ‘material’ importante para a programação. Portanto, nós vamos tentar perceber o que falta colmatar”.

Neste sentido, os programadores do espaço procuram complementar a oferta existente com propostas culturais mais generalistas ou dirigidas a públicos distintos, nomeadamente com espetáculos de teatro mais mainstream, sessões de cinema comercial orientadas para crianças e jovens, ou ainda eventos musicais que abrangem diferentes géneros. “O Festival Internacional de Música é música clássica? Então nós

vamos à procura de programar outras músicas – músicas para outros nichos – desde o nicho mais pequeno, até um nicho mais alargado”, acrescenta a responsável.

Também o Vereador da Cultura, Dr. Luís Diamantino, sublinha a importância da colaboração entre o município e o tecido associativo local, salientando que estão ativamente envolvidas na promoção cultural da cidade “para cima de uma centena de associações”. Destaca, em particular, os contratos-programa estabelecidos com o Varazim Teatro e o Cineclube Octopus, que assumem a responsabilidade pela programação regular de teatro e cinema no Cine-Teatro Garrett. “Temos contrato-programa com o Varazim Teatro, que é quem promove o teatro na Póvoa de Varzim. Não somos nós, são eles que fazem a programação”, afirma, reforçando que a definição de um dia fixo, o primeiro sábado de cada mês, bem como uma hora permanente, 21h30, contribuindo, desta forma, para a criação de hábitos culturais consistentes junto da população. Já o contrato com o Cineclube Octopus assegura a exibição semanal de cinema de autor, às quintas-feiras, promovendo obras de qualidade e convidando realizadores para sessões especiais, “Quem passa o cinema comercial somos nós, ao domingo passa-se cinema”, acrescenta o vereador. Esta articulação entre município e associações está “de tal forma bem cozida que só pode funcionar bem, se nós não estragarmos”, reconhecendo a competência técnica das entidades envolvidas e o impacto positivo da sua atuação na vida cultural da Póvoa de Varzim.

Por fim, destaca-se ainda a reserva de espaço no regulamento do Cine-Teatro Garrett para escolas, academias de dança e associações locais, garantindo-lhes a possibilidade de apresentar os seus trabalhos e contribuindo, assim, para uma programação plural, representativa e verdadeiramente inclusiva.

2.4 O Estágio no Cine-Teatro Garrett

Durante o meu estágio, compreendido entre os dias dez de dezembro e sete de junho, perfazendo 840 horas, tive a oportunidade de integrar a equipa de produção de uma programação cultural intensa e diversificada, que, ao longo de vários meses, levou à lotação completa do Cine-Teatro Garrett, em diversas ocasiões.

Situado no coração da Póvoa de Varzim, o Cine-Teatro Garrett constitui um dos mais emblemáticos polos culturais do concelho. Com uma história rica e profundamente

entrelaçada com a evolução sociocultural da cidade, este espaço assume-se atualmente como um agente ativo na preservação da memória local.

A oportunidade do Cine-Teatro Garrett como local de estágio, no âmbito do curso de Gestão de Turismo, surgiu na sequência de um diálogo estabelecido com a Chefe de Divisão Municipal da Cultura, Manuela Ribeiro, e com a equipa de recursos humanos da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, e após a apresentação da proposta de tema para a presente dissertação, foi consensualmente considerado que o Cine-Teatro Garrett constituía o contexto mais apropriado para o desenvolvimento do estágio, possibilitando uma análise mais aprofundada e facilitando o cumprimento dos objetivos delineados. O objetivo geral do estágio, visava analisar a influência dos eventos culturais na identidade cultural regional da cidade da Póvoa de Varzim, sendo os objetivos específicos apontar possíveis lacunas na comunicação e na colaboração com os parceiros na promoção e dinamização de eventos; identificar os eventos culturais que se destacam na cidade; seleccionar estratégias que possam ser implementadas para fortalecer a identidade regional; e examinar as parcerias entre instituições locais que promovem a divulgação de costumes.

Desta forma, o intuito incide na compreensão do funcionamento interno do Cine-Teatro Garrett ao nível da gestão cultural e operacional, na análise da programação desenvolvida e a sua coerência com os valores identitários da cidade, na avaliação do papel do teatro na atração de turistas e no reforço desta instituição na propagação da imagem cultural da Póvoa de Varzim.

Assim, num tempo em que muitos centros históricos enfrentam fenómenos de desertificação e perda de identidade, foi essencial analisar como a programação cultural pode contribuir para revitalizar a cidade e reforçar o sentimento de pertença dos seus habitantes.

2.4.1 Funções executadas e tarefas realizadas

Como estagiária, no Cine-Teatro Garrett, integrei a equipa de produção de eventos, onde desempenhei um conjunto diversificado de funções, que foram sendo atribuídas à medida que fui ganhando a confiança da equipa. Esta experiência

proporcionou-me uma visão prática e abrangente de todas as fases de planeamento, montagem e realização de eventos culturais.

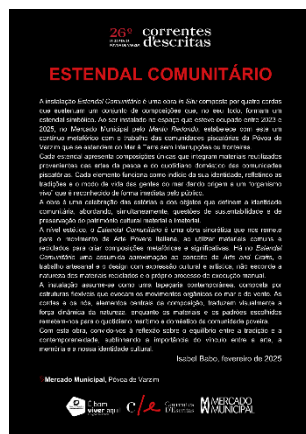
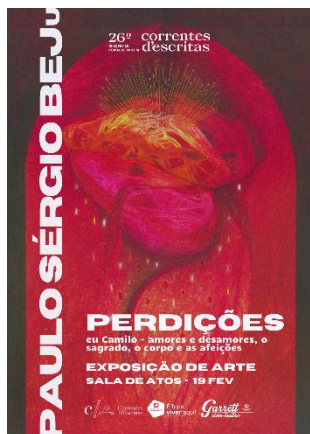
Na vertente de acolhimento ao público, fui responsável pela gestão de sala, incluindo a abertura e fecho de portas, controlo de bilhetes (picar bilhetes), acompanhamento do público e apoio durante os espetáculos. Também colaborei ativamente com os artistas no backstage, prestando apoio tanto em palco como nos camarins, assegurando que todos os elementos estivessem devidamente coordenados. Estas tarefas exigiram sentido de responsabilidade, atenção ao detalhe e uma postura cordial, essencial para garantir uma boa experiência dos espectadores, quer nos musicais infantis *Alice no País das Maravilhas*, *O Livro da Selva*, concertos da associação poveira Juvenorte, atuações de artistas de renome como João Pedro Pais, Carolina Deslandes, Samuel Úria e a banda Ecos na Cave; nos eventos referentes à dança como espetáculos de Natal das academias Soul Dance, Gimnoarte e Sportdance, Nós da Dança; na programação cinematográfica incluindo sessões muito procuradas com filmes como *Moana 2*, *Ainda Estou Aqui*, *Branca de Neve, Preguiças e Companhia*, *Paddington na Amazônia*, *Voo de Alto Risco*; e no teatro, em que foram realizadas várias apresentações pela Associação Varazim Teatro, dirigidas tanto ao público em geral como às escolas, e também pela companhia ETCETERA.

Entre os momentos de maior destaque da programação é de destacar o musical *Menopausa*, com Cláudia Raia, e a gravação do programa *Terra Nossa*, da SIC, com César Mourão, que marcaram pela grande afluência à procura de bilhetes.

Com o passar do tempo, comecei a participar em reuniões de produção, onde pude auxiliar na definição de aspetos logísticos e técnicos dos eventos, ganhando uma perspetiva mais profunda sobre os bastidores da produção cultural dos espetáculos *Alcatraz*, *festival de Tunas masculinas dos Gatunos*; Adaptação da peça *Auto da Barca do Inferno* da Associação Aguçadourense; Sarau da Escola secundária Eça de Queirós; Quadro de Honra da escola EB 2,3 Aver o Mar; III Gala da Família, da FAPEEP.

Fora da sala de espetáculos, estive também envolvida na criação e montagem de exposições de arte, colaborando em todo o processo, desde o contacto com os artistas, à montagem física das obras, até ao desenvolvimento dos materiais gráficos associados. Tive a oportunidade de criar cartazes, folhas de sala e notas introdutórias, com o objetivo de contextualizar o público e proporcionar uma experiência mais completa e informada,

permitindo inclusive que levassem para casa um registo da exposição. No total, participei na montagem de quatro exposições, a saber *6ª Bienal de Gaia - Primeira Linha, Estendal Comunitário, Perdições- eu Camilo – amores e desamores, o sagrado, o corpo e as afeições* e *Ímpar*, estando estas últimas três integradas na programação do evento Correntes d’Escritas.



Fonte: Própria

Figura 17 Cartaz Exposição Perdições- eu Camilo – amores e desamores, o sagrado, o corpo e as afeições

Figura 19 Nota Introdutória Exposição Estendal Comunitário

Figura 18 Montagem Exposição ímpar

Figura 20 Montagem Exposição 6ª BIEINAL de Gaia

Além disso, apoiei a realização de palestras e ações de formação, “Encontro de Enfermeiros, Diretores do SNS”, “Seminário da Ação Social”, que ocorreram na sala de atos do Garrett, o que implicou também a montagem e preparação desses espaços. Estas tarefas exigiram versatilidade, organização e atenção à configuração adequada de cada evento, consoante o seu formato e número de participantes.



Fonte: Própria

Figura 21 Montagem Sala de Atos para Encontro de Enfermeiros

Figura 22 Montagem Coffee Break Encontro de Enfermeiros

Nos meses de janeiro e fevereiro foi-me possível acompanhar de perto o grande evento da cidade *Correntes d'Escritas* idealizado na sua íntegra pelos trabalhadores do Cine-Teatro Garrett, um evento que segundo Luís Diamantino, Vereador da Cultura e principal promotor do mesmo terá crescido a olhos vivos nos últimos anos. Segundo este, o evento surge sobretudo para atingir dois objetivos: promover o livro e a leitura, salientando que a estrela principal é o livro: “Os autores estão cá e fazem os livros, mas o livro é mais importante que os autores e após escrito não é só do autor, é de todos os que chegam a ele” (Diamantino, 2024).

Recordando as primeiras edições, que contavam apenas com cerca de 30 espectadores, Luís Diamantino destaca o crescimento contínuo do evento e reforça: “Não podemos desistir quando acreditamos. Eu acredito que a literatura chega a todo o lado. O livro para mim é a pedra toque nisto tudo e na Cultura essencialmente” (Diamantino, 2024).

Hoje, as *Correntes d'Escritas* já se afirmam por si próprias - “a Póvoa e o povo não compreenderiam se parassem” - e atraem públicos diversos, não apenas “pessoas com uma cultura acima da média”, mas todos aqueles que gostam de ouvir escritores e partilhar histórias (Diamantino, 2024).

Assim, a CMPV distingue o evento como um dos maiores da cidade, juntamente com o *Festival Internacional de Música da Póvoa de Varzim*, ressaltando que, ambos,

trazem milhares de visitantes, impulsionam o turismo e reforçam a promoção cultural do município (Diamantino, 2024).

Para além da literatura, o *Correntes d'Escritas* revela-se como um palco vivo de múltiplas formas de cultura, ampliando o seu alcance e impacto. A música marca presença com iniciativas como a mais recente criação *Reviraverso*, que leva ranchos a cantar pelas ruas da Póvoa, envolvendo a comunidade e celebrando tradições. O teatro surge com projetos inovadores como *A Casa*, encenado num imóvel devoluto, que além de oferecer uma experiência artística imersiva, promove o património edificado, transformando casas de autores em espaços de criação. No campo educativo, os escritores visitam escolas para apresentar obras, explicar processos de ilustração e despertar o gosto pela leitura. A descentralização cultural é também uma prioridade: os autores deslocam-se às freguesias mais afastadas, garantindo que todo o concelho, mesmo quem não consegue assistir presencialmente no Cine-Teatro, possa participar nas conversas literárias. O cinema integra-se na programação com documentários como *Memórias da Minha Terra*, que este ano explorou a identidade rural poveira. A poesia ocupa igualmente as ruas com *Vozes Transeuntes*, iniciativa que semeia versos pela cidade e seus arredores, enquanto as artes plásticas ganham espaço em variadas exposições. Assim, o evento transcende a simples promoção do livro, tornando-se um mosaico cultural que espelha a diversidade e a identidade da Póvoa de Varzim.



Fonte : Câmara Municipal da Póvoa de Varzim -<https://www.cm-pvarzim.pt/comunicacao/noticias/reviraverso-tradicao-e-contemporaneidade-de-maos-dadas-na-reinvencao-do-correntes/>; <https://www.cm-pvarzim.pt/comunicacao/noticias/ja-se-sente-o-correntes-descritas-na-nossa-cidade/>

Figura 23 ReViraVerso

Figura 24 Teatro A Casa

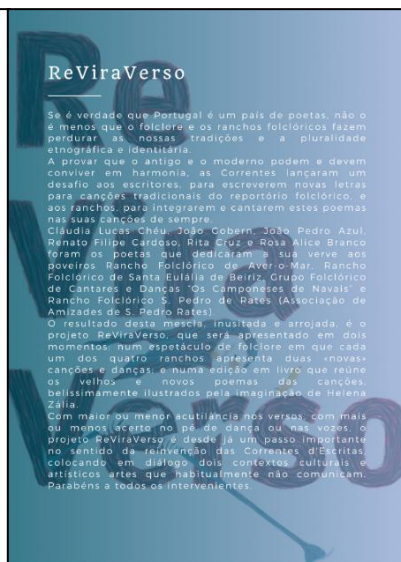


Fonte: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim - <https://www.cm-pvarzim.pt/comunicacao/fotografias/correntes-d-escritas-2025/dia-15/> ; <https://www.cm-pvarzim.pt/comunicacao/fotografias/correntes-d-escritas-2025/dia-19/>

Figura 25 Vozes Transeuntes

Figura 26 Exposições de Arte

A minha participação no *Correntes d'Escritas* estendeu-se por diversas áreas, permitindo-me estar envolvida diretamente em várias iniciativas que compõem este mosaico cultural. Viver o *Correntes d'Escritas* por dentro foi muito mais do que assistir ao evento, foi, deste modo, fazer parte da sua engrenagem. Antes mesmo da primeira sessão, já estava mergulhada na sua preparação. Colaborei na criação e produção de materiais gráficos, como os panfletos de *A Casa* e do *ReViraVerso*, e apoiei a preparação das lembranças destinadas a todos os convidados, ajudando a organizar os sacos com panfletos, marcadores de livros e programas do evento. Foi-me também possível participar na colaboração feita com os comerciantes da Rua da Junqueira convidando-os a pintarem as vestirem-se a rigor para receber o evento, pintando montras e colocando tapetes temáticos às suas portas. Participei na montagem de exposições, desde a disposição das peças até à criação dos cartazes, notas introdutórias e folhas de sala, e desenvolvi ainda materiais de divulgação para atividades como *Vozes Transeuntes* e o documentário *Memórias da Minha Terra*.



Fonte: Própria

Figura 27 Panfleto frente e verso da atividade ReViraVerso

Figura 28 Cartaz do Documentário Memórias da Terra

Durante o evento, desempenhei funções de acompanhamento logístico dos escritores, tarefa que se revelou central no meu trabalho nas *Correntes*. Estive destacada nos carros do evento, garantindo o transporte dos autores para os diferentes locais necessários – desde o aeroporto e a estação de Campanhã até escolas, freguesias e outros pontos da programação. No âmbito das *Correntes Itinerantes*, acompanhei autores como Álvaro Curia, Maria Isaac e José Alberto Postiga à freguesia de Terroso, e Inês Francisco Jacob, Ondjaki e Adélia Carvalho à freguesia da Estela. Nas sessões em contexto escolar, estive presente com António Mota na Escola EB 2/3 de Rates e com António Jorge Gonçalves e Ondjaki na Escola EB 2/3 Cego do Maio.



Fonte: Própria

Figura 29 Correntes Itinerantes- freguesia de Terroso

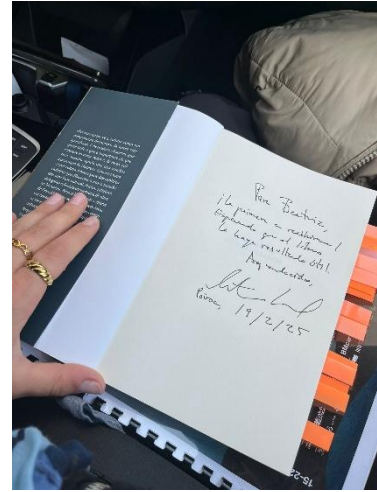
Figura 30 Correntes Itinerantes-freguesia de Estela

Figura 31 Contexto Escolar- Escola EB 2/3 Cego do Maio

Além destas funções, fui também a primeira pessoa a receber os autores aquando da sua chegada à cidade, sendo o primeiro rosto que muitos viram ao chegar à Póvoa, um momento especial, de boas-vindas e partilha que tive com escritores como Natalia Porta López, Ricardo Fonseca Mota, Mélio Tinga, Amalia Bautista, Jorge Valdés Díaz-Vélez, Rodrigo Blanco Calderón, Clara Capitão, Sofia Fraga, Ana Leiria, Antonio Monegal, Amalia Iglesias, Diana Garrido, Margarida Vale de Gato e Alexandre Vidal Porto. Entre viagens, conversas e bastidores, aprendi que um evento desta dimensão é feito de detalhes, mas também de pessoas, e estar ali, no cruzamento entre ambos, foi a melhor forma de viver as Correntes.

Esta experiência permitiu-me não só contribuir para a boa organização do evento, mas também estabelecer contacto direto com alguns dos nomes mais relevantes da literatura contemporânea.

Todas estas experiências foram essenciais para o meu desenvolvimento profissional, permitindo-me adquirir competências técnicas, fortalecer a minha autonomia e consolidar conhecimentos nas áreas da produção de eventos, curadoria e comunicação cultural.



Fonte: Própria

Figura 32 Equipa e Convidados do Evento Correntes d'Escritas

Figura 33 Dedicatória do escritor Antonio Monegal

2.4.2 Estatísticas dos Eventos realizados no Cine-Teatro Garrett

A análise estatística dos eventos realizados no Cine-Teatro Garrett constitui uma ferramenta essencial para compreender de que forma estas iniciativas são percecionadas pela sociedade, qual o seu impacto no quotidiano cultural da cidade e que relevância assumem para a comunidade poveira. Tendo em conta os objetivos definidos para o meu estágio - analisar a influência dos eventos culturais na identidade regional, identificar lacunas na comunicação, avaliar parcerias e selecionar estratégias para o fortalecimento da identidade local - optei por centrar esta análise nas estatísticas relativas ao ano civil de 2024. Embora o meu estágio tenha decorrido entre o final de 2024 e junho de 2025, a opção recaiu sobre a análise do ano civil de 2024, por se tratar do período mais recente com dados completos disponíveis, compilados e fornecidos internamente pelo próprio Cine-Teatro Garrett, constituindo assim uma base de informação fiável para avaliar padrões de adesão, tendências de participação e contributos efetivos para a vida cultural da Póvoa de Varzim.

O ficheiro de estatísticas disponibilizado para análise contém dezoito colunas, abrangendo diversas dimensões dos eventos. Entre estas encontram-se: a modalidade e categoria do evento, a hora e sala da sessão, o promotor, a classificação etária, o nome do espetáculo, a data, as vendas e ofertas de bilhetes, uma vez que cada promotor pode

disponibilizar um número específico de bilhetes gratuitos, a lotação efetiva, o número de espetáculos no dia, o número de participantes por espetáculo, o custo associado, como o aluguer do espaço, informações sobre o responsável de bilheteira e o tipo de parceria estabelecida.

É essencial destacar que cada coluna do ficheiro apresenta um conjunto específico de categorias, cuja consideração é determinante para a estruturação da análise subsequente. A coluna relativa às modalidades compreende opções como Cinema, Circo, Dança Moderna, Fado, Folclore, Humor/Stand-up Comedy, Literatura, Variedades, Multidisciplinares, Música Clássica, Música Tradicional Portuguesa, Música de Outros Estilos, Recitais de Coro, Teatro e Tunas. A coluna das categorias reúne as modalidades entre cinema, conferências, dança, documentários, música, teatro, teatro de revista e outros. A coluna referente às salas inclui a Sala Principal, Café-Concerto, Sala de Atos, Outras Salas, Sala de Ensaio e Subpalco. No que concerne ao promotor, os eventos podem ser organizados pelo próprio teatro, por associações e outras entidades externas. Por fim, o tipo de parceria apresenta-se sob diferentes possibilidades, nomeadamente Cessão Gratuita, Cessão Paga, CMPV, Coprodução, Produção CTG e Protocolos.

<u>Modalidades</u>	<u>Sala</u>	<u>promotor</u>	<u>classificação</u>
	Sala Principal	CTG	todos os Públicos
Teatro; Ópera;	ensaios	octopus	M/3
Música Clássica;	atos	Varazim	M/6
Música Tradicional Portuguesa;	café concerto	entidades locais	M/12
Fado; Jazz/Blues; Pop/Rock;	outros	privados	M/14
Música – outro estilo; Recitais		outros	M/16
Coro;		CMPV	M/18
Dança Clássica; Dança Moderna;			M/10
Folclore; Mista (variedades);			M/13
Circo; Multidisciplinares;			
Tauromaquia;			
Outras – animação de rua;			
Danças Salão; Humor/Stand-Up			
Comedy;			M/15
Magia/ilusionismo; Recital			
Poesia;			
Tunas; Outras			

Fonte: Excel de Estatísticas 2024 do Cine-Teatro Garrett
Tabela 1 Categorias

O ficheiro contempla ainda uma soma de todos os eventos existentes no Teatro englobando todas as salas, contemplando um total de 362 eventos, sendo apenas 353 deles considerados espetáculos, não estando nestes contemplados os eventos como, *Vozes Transeuntes*, Oficinas, Sessões de Abertura e Feira do Livro, atividades inerentes ao evento *Correntes d'Escritas*, sinalizadas como categoria “Outras”. Destes 353 espetáculos destacam-se com maior número as modalidades de Teatro, Cinema, Variedades e Outros.

Total espetáculos	353	Teatro	56	Recital Poesia	3
Sala Principal	303	Cinema	87	Variedades	60
Sala Atos	17	Dança	22	CE	51
Sala Ensaios	25	Música	0	Conferencia	0
Café Concerto	4	Documentario	0	Seminario	0
Outras	11	Exposição	0	Revista	0
Subpalco	2	Infantil	10		
Soma Controlo salas	362	Literatura	2		
		Outros	73		

Fonte: Excel de Estatísticas 2024 do Cine-Teatro Garrett

Tabela 2 Soma de Espetáculos

Para efeitos de análise, serão considerados apenas os eventos realizados na Sala Principal do Cine-Teatro Garrett dentro das categorias Teatro, Cinema e Dança. Esta opção justifica-se pelo facto de a maioria das associações recorrer a este espaço para a concretização das suas iniciativas e por ser a única sala com lugares marcados, o que permite uma recolha de dados mais precisa. Adicionalmente, estas três categorias incluem associações parceiras, com ou sem protocolo, permitindo uma comparação mais consistente entre elas. Assim, é possível determinar com maior rigor a percentagem de ocupação e outros indicadores relevantes para avaliar a adesão do público.

A lotação do espaço apresenta-se de forma distinta: o Balcão comporta 166 lugares e a Plateia 246 lugares, perfazendo 468 lugares. Tendo em conta esta lotação, irei analisar o desempenho de cada espetáculo em termos de adesão do público à cultura, avaliando a procura em cada sessão.

No âmbito do teatro, a análise estatística das apresentações realizadas revela uma diversidade de companhias e modalidades de produção. As companhias que mais se destacaram foram a Varazim, com 31 sessões em regime de protocolo, seguida pelo Etc Teatro, com 7 sessões em coprodução. Outras participações incluíram a Aguçadourense, Leões da Lapa, Rotary Club e EB 2/3 Aver-o-Mar, com cedência de espaço gratuita. O

Plano 6 destaca-se com sessões entre cedência paga, coprodução e produção CTG. Já o próprio Cine-Teatro apresenta sessões de protocolo. Por último Proeza Arrebatadora aparece com uma sessão em produção CTG.

Espetáculo & Companhia	Total público	Ocupação (%)	Tipo
Proeza Arrebatadora – O Príncipezinho (Domingo)	468	100%	Produção CTG
Plano 6 – Fica comigo esta noite (Terça)	936 (2 sessões)	100%	Ced. Paga
Etc Teatro – Os Maias (Terça)	374	80%	Coprodução
Etc Teatro – Farsa Inês Pereira (Quarta)	429	92%	Coprodução
Aguadourense – Nunca Mais (Domingo)	320	68%	Ced. Gratuita
Leões da Lapa – Um Direto p'la Graça de Deus (Sábado)	280	60%	Ced. Gratuita
CTG- Memorial do Convento (Terça-feira)	233	50%	Protocolo
Plano 6-Ficções (Quarta-feira)	219	47%	Coprodução
Leões da Lapa - Um Direto p'la Graça de Deus (Domingo)	210	45%	Ced. Gratuita
EB 2/3 Aver-o-mar - (H)aver liberdade (Sexta-feira)	210	45%	Ced. Gratuita
Rotary Club - Universidade Sénior - Do Mar à Terra (Terça-feira)	175	37%	Ced. Gratuita
Varazim - Vocês Viram o Meu Cão? (Sábado)	91	19%	Protocolo
Varazim - A Mosca (Sábado)	70	15%	Protocolo
Varazim - UNA (Quarta-feira)	47	10%	Protocolo
Varazim- Um não sei o quê (Sábado)	36	8%	Protocolo
Varazim- Um não sei o quê (Domingo)	29	6%	Protocolo

Fonte: Excel de Estatísticas 2024 do Cine-Teatro Garrett

Tabela 3 Percentagem de Lotação dos Espetáculos de Teatro 2024

A análise da adesão do público aos espetáculos de teatro revela que a frequência não depende diretamente do preço do bilhete, nem do dia da semana ou do horário. Espetáculos como *O Príncipezinho*, da Proeza Arrebatadora, com bilhetes a 10€, e *Fica Comigo Esta Noite*, de Plano 6, com bilhetes a 25€, encontram-se entre os que apresentam maior lotação. Em contraste, sessões gratuitas, como *Ano da Morte de Ricardo Reis* ou sessões com bilhetes de preço reduzido, entre 3,5€ e 7€, como *Um Não Sei o Quê* ou *Una Reina*, registam ocupações inferiores a 50%. Estes dados sugerem que o valor do bilhete não é determinante para a adesão.

A análise da ocupação dos espetáculos também demonstra que o dia da semana não é um fator determinante para a adesão do público. Poder-se-ia supor que as sessões ao fim de semana teriam maior procura, mas os dados mostram um padrão contraditório. Por exemplo, *O Príncipezinho*, da Proeza Arrebatadora, realizado ao domingo, registou 100% de ocupação, enquanto *Territórios Liberdade*, de Varazim, no mesmo dia da semana, obteve apenas 37%. De forma semelhante, durante a semana, sessões como *Fica Comigo Esta Noite*, à terça-feira, atingiu 100% de lotação em duas sessões, enquanto *Do*

Mar à Terra, do Rotary Club, na mesma numa terça-feira, registou apenas 37%, e *Um Não Sei o Quê*, de Varazim, apenas 5%.

Os horários das sessões foram variados, distribuindo-se entre as 10:30 e as 22:00, refletindo uma programação pensada para diferentes públicos. A análise das horas de realização dos espetáculos evidencia que o horário também não é um fator determinante para a ocupação das sessões, observando-se uma grande variação de adesão em horários semelhantes. No *Limite da Dor*, de Varazim, realizado às 21h30, registou apenas 41 entradas, correspondendo a 9% da lotação, enquanto *Fica Comigo Esta Noite*, realizada no mesmo horário, atingiu 100% de ocupação. Durante a tarde, este padrão mantém-se: sessões como *Farsa de Inês Pereira*, às 14h30 e *Nunca Mais*, às 17h tiveram boa adesão, enquanto outras no mesmo intervalo, como *Bichos* às 14h30 e *Um Não Sei o Quê* às 17h registaram ocupações significativamente inferiores.

A análise não revelou, deste modo, padrões consistentes entre variáveis como preço, dia da semana ou horário e a lotação dos espetáculos. Verificaram-se taxas de ocupação muito distintas em condições semelhantes, o que aponta para a influência de outros elementos. Importa agora analisar componentes que, a partir das observações realizadas durante o estágio, poderão ter maior impacto na adesão do público. Entre estes, destacam-se o elenco, a comunicação promovida pela Câmara e pelos próprios artistas, e a associação ou entidade promotora do evento.

No caso das associações poveiras, como os Leões da Lapa, a Aguçadourense e a EB 2/3 de Aver-o-Mar, acredita-se que a maior adesão se relacione com o facto de serem entidades da “casa”. A proximidade com a comunidade, incluindo familiares, amigos e habitantes da Póvoa de Varzim, contribui para que o público se mobilize para assistir e apoiar este tipo de eventos. Embora não sejam organizações dedicadas especificamente ao teatro, estas associações recorrem a sessões pontuais como forma de angariar fundos, beneficiando do forte espírito comunitário que, historicamente se une, em torno de causas culturais e identitárias da cidade. Tal dinâmica ajuda a justificar o posicionamento destas entidades nos lugares elevados da tabela de percentagem de lotação.

No caso das associações não poveiras, mas que trabalham com elencos reconhecidos a nível nacional e internacional, a notoriedade dos artistas revela-se um fator determinante para a adesão do público. O Plano 6 constitui um exemplo paradigmático, apresentando frequentemente produções com nomes amplamente

conhecidos, o que se traduz, de forma quase imediata, em sessões esgotadas. Durante o período de estágio, verificaram-se casos concretos, como a participação de César Mourão ou Cláudia Raia, esta última também integrada numa produção do Plano 6, em que a simples presença destes artistas foi suficiente para garantir 100% de lotação, independentemente do preço, dia ou horário.

Além do prestígio do elenco, estas companhias beneficiam de uma comunicação altamente eficaz, explorando estrategicamente a imagem dos seus artistas como elemento central nos materiais promocionais. Ao colocar o rosto reconhecível no cartaz, criam uma identificação imediata com o público, que associa a peça à qualidade e ao entretenimento previamente conhecidos. Outro aspeto relevante prende-se com o facto de estas produções integrarem “tours” teatrais que percorrem diferentes cidades do país. Habitualmente, estas peças estreiam primeiramente na capital, Lisboa, acompanhadas de uma ampla cobertura: repórteres no local, entrevistas aos atores e reportagens televisivas que geram curiosidade e reconhecimento junto do público. Este impacto inicial, aliado à visibilidade nacional obtida, leva muitas pessoas a procurar a peça quando esta é apresentada mais perto da sua área de residência. A própria digressão, passando por diversos teatros, funciona como um reforço promocional contínuo, beneficiando de um efeito de antecipação e expectativa que se prolonga até à chegada à Póvoa de Varzim. Apesar de a Câmara Municipal também promover estes eventos, a sua intervenção acontece numa escala bastante menor e com um alcance limitado. As publicações nas redes sociais são, em regra, feitas apenas três dias antes da apresentação, muitas vezes quando os bilhetes já se encontram esgotados, e surgem num formato de carrossel que agrega todos os eventos previstos para o dia. Este método faz com que a informação sobre o espetáculo perca destaque e relevância, não se equiparando ao impacto das ações promocionais estruturadas e de longo alcance realizadas pelas próprias companhias, contrastando com as associações de menor dimensão, cujo trabalho de divulgação tende a ser mais limitado e restrito a círculos locais.

No caso das associações de menor dimensão e de carácter local, como o Varazim, esta limitação torna-se ainda mais relevante: sem recursos para desenvolver estratégias de comunicação próprias com grande alcance, dependem fortemente do apoio da Câmara. Com a existência de um protocolo, seria do interesse de ambas as partes que essa divulgação fosse mais direcionada e intensa, já que, ao contrário das grandes

produções analisadas anteriormente, estas associações necessitam efetivamente desse suporte para atrair público. A ausência dessa diferenciação na comunicação contribui para resultados de lotação muito reduzidos, mesmo em produções que ocupam vários dias na programação do Garrett. É o caso de *Um Não Sei o Quê*, apresentado em quatro dias consecutivos e que, em média, contou com apenas 27 espectadores por sessão, menos de 10% da capacidade da sala.

Do ponto de vista estratégico, reduzir o número de sessões poderia beneficiar tanto a associação como o teatro: concentrar o público num único dia permitiria atingir mais de 100 espectadores, aumentando a taxa de ocupação para cerca de 21% e criando uma percepção de sala mais cheia. Essa opção manteria o cumprimento do contrato-programa por parte da associação, enquanto libertaria datas na agenda do Garrett para acolher novos projetos, ideias diferentes e dinâmicas culturais capazes de diversificar e enriquecer a programação.

Na área da dança, observa-se um padrão semelhante ao identificado no teatro. A hora, dia ou preço, não são fatores decisivos, visto haver discrepâncias de lotação em horas e dias da semana idênticos, bem como discrepâncias em espetáculos com entrada livre e outros com entrada até 10€, estando com 90% da ocupação de Sala, espetáculos no valor de 8€ (*Soul Dance*) e com o mesmo valor percentual um espetáculo de entrada gratuita (*Dancing Rebels*). As associações poveiras, com destaque para academias privadas, apresentam, em geral, elevadas taxas de ocupação, acreditando-se que tal se deva ao facto de serem entidades reconhecidas pela cidade.

Percentagem de Lotação de Sala : Dança 2024			
Espectáculo & Companhia	Total público	Ocupação (%)	Tipo
Soul Dance - A dança das emoções (Terça-feira)	423	90%	Ced. Gratuita
Dancing Rebels - Inteligencia Artificial (Terça-feira)	420	90%	Ced. Gratuita
Sportdance - Entre sombras e luz (Sábado)	310	66%	Ced. Gratuita
Dancing Rebels - A vida é uma animação (Sexta-feira)	300	64%	Ced. Gratuita
Nós da Dança- Abril Com Dança (Segunda-Feira)	283	60%	Protocolo
Sportdance - VI Gala Final do Ano (Domingo)	200	43%	Ced. Gratuita
Gimnoarte - I wish i was a dancer (Quarta-feira)	180	38%	Ced. Paga
D-Box - Alma e Coração (Domingo)	150	32%	Ced. Paga
Sara Garcia - C(h)oro (Quarta-feira)	138	29%	Ced. Gratuita
RP Dancers- Dreamers (Domingo)	135	29%	Ced. Gratuita
Nossas Danças - Reviravoltas (Sexta-feira)	104	22%	Produção CTG
FIS - Ur. Dir (Sexta-feira)	54	12%	Coprodução
Nós da dança- SOU (Domingo)	48	10%	Protocolo
FIS- Spiritual Boyfriends (Sábado)	35	7%	Coprodução
Nós da dança - SOU (Sábado)	29	6%	Protocolo
Nós da dança - There not there (Terça-feira)	14	3%	Protocolo
Nós da dança - Noite Alta (Quarta-feira)	4	1%	Protocolo
Nós da dança - The Hormoans (Sexta-feira)	3	1%	Protocolo

Fonte: Excel de Estatísticas 2024 do Cine-Teatro Garrett

Tabela 4 Percentagem de Lotação dos Espectáculos de Dança 2024

A proximidade com a comunidade, incluindo familiares e amigos, mobiliza o público a assistir e apoiar este tipo de eventos, sobretudo quando existe a participação direta de familiares, muitas vezes filhos ou parentes próximos, nos espetáculos. Esta ligação afetiva e comunitária contribui para o posicionamento destas entidades nos lugares mais elevados da tabela de percentagem de lotação, como as academias Soul Dance e Dancing Rebels que dividem o pódio com 90% da lotação do Teatro ocupada.

Em contraste, entidades com protocolo, como o “Nós da Dança”, registam percentagens de ocupação bastante fracas, o que reforça a perceção de que há falhas de comunicação e colaboração por parte da Câmara Municipal na promoção destes eventos. O único caso com resultados expressivos corresponde ao espetáculo Abril com Dança, integrado nas celebrações do Dia Mundial da Dança, que atingiu cerca de 60% de lotação, um desempenho que sugere uma divulgação mais eficaz e uma maior mobilização do público nessa ocasião específica. No entanto, no restante do ano, estes valores caem drasticamente, registando apenas 6%, 3% e 1% de lotação em outras apresentações, evidenciando a necessidade de estratégias de comunicação mais consistentes e continuadas.

Importa salientar que não se defende o fim do protocolo com o “Nós da Dança”, uma vez que existem produções desta entidade que alcançam grande adesão, o que é extremamente positivo. No entanto, torna-se fundamental estabelecer um diálogo estruturado e definir uma estratégia conjunta que permita compreender de que forma se pode chegar de forma mais eficaz ao público, garantindo que estes protocolos representam um verdadeiro investimento cultural. É necessário trabalhar em parceria aspetos como a comunicação, o planeamento, o preço e a tipologia dos eventos apresentados, assegurando que a programação está alinhada com objetivos claros e públicos-alvo definidos. É legítimo apostar em nichos e diversificar a oferta cultural, mas valores de apenas 1% de ocupação representam um resultado preocupante para a área da cultura e não devem ser aceites como inevitáveis, sobretudo quando há margem para melhorar através de um trabalho colaborativo e planeado. No que respeita à vertente cinematográfica, importa referir que esta é desenvolvida exclusivamente pelo próprio Cine-Teatro Garrett (CTG) ou pela Octopus, entidade com a qual o CTG mantém um protocolo de colaboração. A programação da Octopus realiza-se regularmente às quintas-feiras, pelas 21h45, enquanto o Garrett assegura sessões de cinema todos os domingos, em dois horários distintos: às 15h30 e às 21h30. Para além desta programação regular, durante os períodos de férias escolares, o Garrett promove sessões adicionais destinadas ao público mais jovem, nomeadamente às 10h30 e às 14h30, proporcionando às crianças e jovens em ATL ou em casa uma experiência diferenciadora no seu quotidiano de férias.

Nesta categoria, não é possível retirar as mesmas conclusões observadas nas duas anteriores. Ao analisar a tabela de percentagens de lotação dos espaços ao longo do ano de 2024, verificam-se, no que respeita ao tipo de produção, que sessões organizadas pelo CTG apresentam, de forma consistente, taxas de ocupação substancialmente mais elevadas, situando-se entre os 40% e os 94%, sendo as únicas que atingem valores próximos da lotação máxima. Em contraste, as produções resultantes de protocolo, associadas à Octopus, registaram desempenhos bastante inferiores, com taxas de ocupação maioritariamente abaixo dos 30% e diversas sessões a não ultrapassarem os 15%.

Percentagem de Lotação de Sala : Cinema 2024				
Espetáculo & Companhia		Total público	Lotação	Ocupação (%)
CTG	Vaiana 2 (Sexta-feira)	442	94%	Produção CTG
CTG	Vaiana 2 (Sexta-feira)	409	87%	Produção CTG
CTG	Divertida-Mente 2 (Quarta-feira)	407	87%	Produção CTG
CTG	Isto acaba aqui (Sexta-feira)	326	70%	Produção CTG
CTG	Inseparáveis (Sábado)	304	65%	Produção CTG
CTG	Panda Kung Fu 4 (Quinta-feira)	296	63%	Produção CTG
CTG	Podia ter esperado por agosto (Domingo)	293	63%	Produção CTG
CTG	Revolução sem sangue (Sexta-feira)	265	57%	Produção CTG
CTG	Joker: Loucura a dois (Domingo)	237	51%	Produção CTG
CTG	Masha e o urso (Domingo)	206	44%	Produção CTG
CTG	Vidas Passadas (Domingo)	201	43%	Produção CTG
CTG	Heróis na hora (Terça-feira)	200	43%	Produção CTG
Octopus	Pobres Criaturas (Quinta-feira)	185	40%	Protocolo
CTG	Garfield (Domingo)	183	39%	Produção CTG
CTG	Panda Kung Fu 4 (Quinta-feira)	161	34%	Produção CTG
Octopus	Não Sou Nada (Quinta-feira)	121	26%	Protocolo
Octopus	Anora (Quinta-feira)	109	23%	Protocolo
Octopus	Duna - Parte II (Quinta-feira)	70	15%	Protocolo
CTG	Da Vinci O Grande Inventor (Domingo)	67	14%	Produção CTG
CTG	Inseparáveis (Sábado)	59	13%	Produção CTG
Octopus	Aqui (Quinta-feira)	42	9%	Protocolo
Octopus	Fechar os Olhos (Quinta-feira)	30	6%	Protocolo
CTG	A Ama de Cabo Verde (Quinta-feira)	23	5%	Produção CTG

Fonte: Excel de Estatísticas 2024 do Cine-Teatro Garrett

Tabela 5 Percentagem de Lotação dos Espetáculos de Cinema 2024

Estes resultados evidenciam que o público responde de forma muito mais favorável às produções CTG, revelando menor interesse pelas sessões protocoladas. Estes resultados explicam-se pelo facto de as produções em protocolo se centrarem em cinema de autor dirigido a um público especializado e reduzido, muitas vezes já fidelizado enquanto associado da própria Octopus. Trata-se, assim, de um nicho que a cidade reconhece e procura valorizar, mas que naturalmente não atinge grandes volumes de público. Em contrapartida, o Garrett posiciona-se de forma complementar, explorando sobretudo o cinema mais generalista e de grande apelo, assegurando taxas de ocupação mais elevadas e garantindo a diversidade da oferta cultural.

Entre as sessões promovidas pelo CTG, destacam-se, em particular, os filmes de animação e de carácter familiar, que obtiveram as melhores taxas de adesão. *Vaiana 2*, exibido numa sexta-feira, atingiu 94% e 87% de ocupação em duas sessões quase

esgotadas, enquanto *Divertida-Mente 2*, numa sessão de quarta-feira, registou 87%. Estes resultados demonstram que o público valoriza fortemente conteúdos destinados a famílias e crianças, tendência que se acentua em períodos de férias escolares.

Todavia, a programação do CTG também evidencia sessões de fraca adesão. Filmes como *A Ama de Cabo Verde* (5%), *Fechar os Olhos* (9%) e *Da Vinci – O Grande Inventor* (14%) registaram valores muito baixos de lotação. Estes casos sugerem que títulos de menor apelo comercial e com temáticas mais específicas, não conseguem captar o mesmo interesse do público. Verifica-se, assim, uma oscilação significativa dentro das próprias produções CTG, mostrando que a sua taxa de sucesso depende não apenas do modelo de produção, mas também da atratividade do filme em si.

Um aspeto particularmente relevante diz respeito às discrepâncias verificadas em filmes exibidos em mais do que uma sessão, denotando-se variações significativas na ocupação de lugares para o mesmo título. *Inseparáveis*, por exemplo, apresentou uma variação de 65% (Sessão das 10h30) para apenas 13% (Sessão das 14h30) de ocupação, enquanto *Panda Kung Fu 4* oscilou entre 63% (Sessão das 14h30) e 34% (Sessão das 10h30). Já *Vaiana 2* manteve um desempenho elevado e estável, com 94% (Sessão das 14h30) e 87% (Sessão das 10h30) de ocupação em duas sessões consecutivas, o que indica que as discrepâncias não se explicam apenas pelo título e pelo horário, remetendo para a necessidade de analisar outros fatores que poderão estar na sua origem. Embora o valor da obra apresentada continue a ser um fator relevante, não se desconsiderando o impacto que o reconhecimento do elenco, a divulgação externa, como trailers e cartazes, por ser parte de uma saga cinematográfica ou o simples “passa-palavra” (word of mouth) possam ter na atração do público, nesta modalidade destacam-se outros elementos.

Entre esses fatores destacam-se a proximidade da Páscoa, período em que muitas famílias optam por deslocações ou atividades alternativas, levando a uma quebra na procura; o dia e horário específicos da sessão, sendo que as exibições em horários de tarde e em fins de semana tendem a ter melhor desempenho; bem como a concorrência com outros eventos familiares e sociais associados a datas festivas. Importa ainda referir que o caso de *Vaiana 2* deve ser lido à luz do calendário em que ocorreu, uma vez que a sua exibição coincidiu com o período entre o Natal e o Ano Novo, em que não só as crianças se encontram de férias escolares, como também muitos adultos usufruem de dias de descanso, circunstância que poderá ter favorecido as taxas de ocupação

excepcionalmente elevadas. Acresce a este enquadramento o facto de se tratar de uma continuação de saga da Disney, cujo reconhecimento prévio e capital simbólico exercem um impacto adicional na atração do público, reforçando a procura para além do efeito já esperado das férias escolares.

Não seria possível encerrar esta análise sem estabelecer uma comparação entre as três categorias inicialmente estudadas - Teatro, Cinema e Dança - e todas as restantes modalidades de eventos realizadas no Cine-Teatro Garrett, que, para efeitos de sistematização, se encontram aqui reunidas num único núcleo designado como “Outros”. Esta opção permite avaliar o contraste entre espetáculos sujeitos a protocolos formais e aqueles promovidos maioritariamente por associações poveiras, revelando dinâmicas de adesão distintas e particularmente elucidativas quanto ao papel destas entidades na vida cultural da cidade.

Espetáculo & Companhia		Lotação	% de Lotação	Tipo Parceria
Rangers	Gala Rangers	468	100%	Ced. Gratuita
FAPEEP	II Gala Família	468	100%	Ced. Gratuita
Póvoa Andebol	Ana Moura	468	100%	Ced. Gratuita
Banda Musical PVZ	Concerto Gala BMPV	468	100%	Ced. Gratuita
ESEQ	7º Sarau ESEQ	450	96%	Ced. Gratuita
Afrodituna	Festival Tunas Femininas	443	95%	Ced. Gratuita
Assoc. Pro Música	Orquestra XXI	438	94%	CMPV
Escola Música	Orquestra Guitarras e Bandolins	380	81%	Ced. Gratuita
Assoc. Pro Música	O Barbeiro de Sevilha	357	76%	Ced. Gratuita
ESEQ	Quadro Valor excelência	350	75%	Ced. Gratuita
Cego do Maio	Entrega Diplomas - Cego do maio	350	75%	Ced. Gratuita
Rates	Entrega Diplomas - Rates	350	75%	Ced. Gratuita
Juvenorte	2ª Grande gala do fado	349	75%	Ced. Gratuita
Rotary Club	Universidade Sénior - Coros	320	68%	Ced. Gratuita
EMPV	Somos livres	320	68%	Ced. Gratuita
Flavio Gonçalves	Entrega diplomas - Flávio Gonçalves	320	68%	Ced. Gratuita
Tricanas Poveiras	É só paleio e cantigas	300	64%	Protocolo
ES Rocha Peixoto	Cerimónia de Excelência	295	63%	Ced. Gratuita
Juvenorte	Gala 37º aniversário juvenorte	282	60%	Ced. Gratuita
Leões da Lapa	Um Direto p'la Graça de Deus	280	60%	Ced. Gratuita
CMPV	A Várias Mãos	280	60%	CMPV
Juvenorte	Gala 38º aniversário	238	51%	Ced. Gratuita
CMPV	Orquestra do Norte	223	48%	CMPV
Leões da Lapa	Um Direto p'la Graça de Deus	210	45%	Ced. Gratuita
Eça Queirós	Oito e meio	150	32%	Ced. Gratuita
CMPV	50º Aniversário 25 de Abril	150	32%	CMPV
Confraria sabores poveiros	Confraria sabores poveiros	150	32%	Ced. Gratuita
FIS	Rollercoaster	120	26%	Coprodução
Coro Infante Juvenil	Conchas beijinhos e outros carinhos	80	17%	Ced. Gratuita
Varazim	Raiz Voz Mulher	75	16%	Protocolo
Assoc. Pro Musica	Concerto aniversário coral ensaio	50	11%	Ced. Gratuita
Assoc. Pro Musica	Conferencia Nery	15	3%	CMPV

A análise comparativa entre os dois grupos permite constatar uma diferença muito expressiva. No conjunto formado por Teatro, Cinema e Dança, num total de 152 espetáculos, apenas 26 ultrapassaram os 50% de lotação. Já no grupo “Outros”, composto por 68 espetáculos, 46 superaram essa mesma barreira, sendo que 40 atingiram valores acima dos 60%. Em termos relativos, este resultado traduz-se numa diferença de cerca de 43%, demonstrando que, embora em menor número, estes eventos apresentam uma capacidade de mobilização significativamente superior, muitas vezes esgotando por completo a lotação da sala.

Outro aspeto particularmente relevante é que estes resultados expressivos não estão dependentes de preços mais acessíveis. Pelo contrário, observam-se casos de espetáculos com bilhetes bastante superiores aos praticados nas categorias anteriormente analisadas, como o concerto de Ana Moura, promovido pelo Póvoa Andebol, com ingressos de 35€, que, ainda assim, registaram salas esgotadas. Este facto reforça a conclusão já destacada em análises anteriores: o preço do bilhete não constitui, por si só, um fator determinante para a adesão do público.

Acredita-se, deste modo, que a explicação para esta discrepância se encontra no perfil dos promotores. Ao contrário dos protocolos estabelecidos pela Câmara Municipal com companhias externas, a maioria dos eventos do grupo “Outros” é organizada por associações poveiras de carácter cultural, recreativo ou desportivo, como a Juvenorte ou os Leões da Lapa, profundamente enraizadas na vida comunitária da cidade, cujo impacto cultural não se resume apenas ao conteúdo artístico apresentado. Como salienta Luís Diamantino, a propósito das Festas de São Pedro, onde estas mesmas identidades são rivais, “as festas que se fazem, para além de serem uma promoção para a cidade e para o concelho, são também um momento de agregação de toda a comunidade. Pode dizer assim ‘Agregação não, porque os bairros estão todos uns contra os outros’, mas não! É agregação sim, porque um bairro sozinho não faria estas festas. É essa disputa, o querer ser melhor que o outro que está muito enraizado no nosso espírito, porque a Póvoa é uma nação – o poveiro sente-se como alguém que é responsável por esta nação.” Este bairrismo, particularmente evidente nas dinâmicas dos bairros de São Pedro, Norte e Sul,

é intrínseco à identidade poveira e projeta-se igualmente nos espetáculos promovidos pelas suas associações.

Assim, a ligação emocional entre a comunidade e estas coletividades traduz-se numa mobilização espontânea, sustentada em valores como a entreatajuda, o auxílio e o orgulho de “ser poveiro”. Embora muitos destes eventos não promovam de forma direta costumes ou tradições locais, acabam por fazê-lo indiretamente: funcionam como estratégias de autopromoção e de angariação de fundos que permitem às associações garantir a sua continuidade e, conseqüentemente, preservar e dinamizar a identidade poveira. Pode afirmar-se, portanto, que através do Garrett ocorre também uma referência indireta da cultura poveira, uma vez que o espaço contribui para a sustentabilidade destas coletividades e para a projeção da sua relevância na cidade.

Neste contexto, o Cine-Teatro Garrett assume-se não apenas como palco de fruição cultural, mas também como instrumento de coesão social e de sustentabilidade associativa, oferecendo às coletividades locais uma plataforma privilegiada de expressão. Tal como defende Luís Diamantino: “Entendemos que devemos apoiar. Tiramos trabalho e fazem muito melhor do que a Câmara Municipal. Temos imensas associações no concelho que fazem teatro, lançam livros, fazem tertúlia. A Filantrópica, a Associação Pró-Música, ente outros, são imensas que trabalham, criam, e formam até artistas. Isto é muito importante. A CMPV é o catalisador apenas.”

Esta visão encontra confirmação nos resultados obtidos: as associações poveiras demonstram uma capacidade inegável de mobilizar público, frequentemente superior à verificada nas produções protocoladas.

Em síntese, a análise realizada comprova que a cultura poveira se expressa de forma mais viva e eficaz quando protagonizada pelas suas próprias associações. O Garrett, ao acolher e potenciar estas iniciativas, não só enriquece a programação cultural da cidade, como também contribui ativamente para a preservação, valorização e dinamização de uma identidade coletiva profundamente enraizada no espírito comunitário poveiro.

Contudo, esta constatação não invalida a importância das sessões protocoladas, antes reforça a necessidade de repensar as estratégias associadas às mesmas.

Algumas medidas poderão passar por reforçar a comunicação junto da Câmara Municipal, garantindo que a divulgação ocorre com maior antecedência e em formatos

mais apelativos, valorizando os artistas e conteúdos de cada produção. Deste modo, ressalva-se a importância de uma maior articulação entre a Câmara e as associações protocoladas, criando reuniões de planeamento conjunto que permitam alinhar objetivos e estratégias de promoção. Reduzir o número de sessões em espetáculos de menor adesão, como já referido anteriormente, poderá ser benéfico, de modo a concentrar o público em menos datas e, assim, aumentar a taxa de ocupação e a perceção de dinamismo. Neste âmbito, seria ainda pertinente reforçar a presença digital do Garrett através da publicação frequente de *stories* e conteúdos visuais nas redes sociais, incluindo agendas culturais semanais ou mensais, bem como vídeos e fotografias de sessões já realizadas. Este tipo de comunicação imediata e dinâmica transmite a perceção de movimento e vitalidade, incentivando o público a manter-se atento à programação futura e a aderir mais facilmente aos espetáculos.

2.4.3 Balanço de Aspetos Fortes, Fracos, a Melhorar e Ameaças do Cine-Teatro Garrett

Com base nos dados recolhidos e, sobretudo, na experiência adquirida ao longo das 840 horas de estágio no Cine-Teatro Garrett, tornou-se possível realizar uma análise SWOT fundamentada não apenas em informação documental, mas também na observação direta e contínua do funcionamento do espaço.

Durante este período, acompanhei diversos espetáculos e pude constatar, ainda que sem recurso a dados estatísticos formais, que a afluência do público era significativamente maior em eventos protagonizados por artistas reconhecidos ou em produções locais, realizadas por associações e grupos da comunidade poveira. Este padrão reforça a ligação emocional entre a população e o espaço cultural, potenciando o envolvimento comunitário e a valorização das artes.

Paralelamente, foi possível identificar fragilidades estruturais e organizacionais. O Cine-Teatro Garrett não dispõe de uma estrutura de manutenção consolidada, pelo que a resolução de problemas técnicos ou a reparação de equipamentos depende, em grande medida, da dedicação e empenho da equipa residente. Verificou-se que os técnicos, movidos pelo gosto pelo espaço e pela vontade de garantir a melhor experiência possível ao público e às entidades promotoras, acabam por assumir responsabilidades

que extravasam as suas funções específicas, assegurando a preservação e o bom funcionamento do teatro.

A equipa técnica, composta por um técnico de luz, dois de som, um de multimédia e um de palco, é relativamente reduzida, o que implica uma rotatividade limitada entre espetáculos. Esta limitação torna-se particularmente exigente em períodos de programação intensa, como acontece na época natalícia, em que o esforço acrescido gera desgaste. Não obstante, trata-se de uma equipa jovem, criativa e inovadora, constantemente empenhada em propor novas ideias para a melhoria do espaço e da programação. Contudo, muitas destas propostas encontram entraves, quer por falta de apoio da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, quer pela burocracia associada à sua implementação.

Ainda assim, a resiliência e a proatividade da equipa têm permitido a introdução de melhorias significativas no funcionamento do Cine-Teatro Garrett, traduzindo-se numa clara aposta na qualidade dos espetáculos e na satisfação tanto do público como das entidades que ali promovem as suas iniciativas.

A análise SWOT permite sintetizar este balanço:

- Forças (*Strength*)

O Cine-Teatro Garrett possui uma localização central e um estatuto emblemático na vida cultural poveira, mantendo forte ligação às associações locais. Este beneficia de uma equipa de programação empenhada e ativa, formada por membros jovens, motivados e com vontade de inovar e contribuir. A existência de uma newsletter acessível ao público mediante solicitação e de uma programação regular e distinta permite abrir o espaço a diferentes públicos, criando potencial de crescimento. O histórico de lotações esgotadas em eventos organizados por entidades locais reforça o vínculo emocional da comunidade ao espaço, consolidando a sua relevância cultural e social.

- Fraquezas (*Weakness*)

Entre os principais desafios, destacam-se o número reduzido de técnicos operacionais, dificultando a execução rotativa da programação, afetando o bem-estar da equipa técnica. A falta de abertura institucional a novas ideias limita o crescimento

criativo, e a ausência de redes sociais próprias torna a comunicação dependente da Câmara. A estrutura física do edifício encontra-se desgastada, agravada pela inexistência de uma equipa de manutenção. Já a baixa adesão a muitas sessões protocoladas é também uma fraqueza deste teatro, interligado à comunicação pouco eficaz e a perceção externa de “teatro parado”. Por fim, os equipamentos progressivamente obsoletos dificultam a inovação tecnológica necessária à manutenção da competitividade do espaço.

- Oportunidades (*Opportunities*)

O Garrett dispõe de várias oportunidades para potenciar a sua presença cultural e social. A criação de redes sociais próprias para promoção direta dos eventos ou o reforço da comunicação digital já existente permitiria aumentar a visibilidade do mesmo. O envolvimento mais ativo da equipa em projetos inovadores poderá gerar novas formas de programação. A modernização dos canais de comunicação e das estratégias de divulgação, aliada ao investimento gradual em equipamentos e formação de técnicos, contribui para a eficiência operacional. Finalmente, o estreitamento da articulação entre a Câmara Municipal e as associações protocoladas, através de planeamento conjunto, cria espaço para alinhar objetivos e reforçar a mobilização do público.

- Ameaças (*Threats*)

Entre as principais ameaças ao funcionamento do Garrett estão a manutenção insuficiente, que pode comprometer a segurança e conforto de artistas e público, e o desgaste físico do espaço, capaz de afastar visitantes e parceiros. A desmotivação da equipa técnica por falta de reconhecimento e condições adequadas, a concorrência de outras casas de espetáculo modernas e acessíveis, bem como o risco de sessões protocoladas vazias, constituem desafios significativos. A rápida evolução tecnológica na área do espetáculo pode agravar a obsolescência do material existente, limitando a capacidade de inovação e a atratividade do espaço para produtores externos.

CONCLUSÃO

A presente dissertação teve como propósito aprofundar a reflexão em torno da identidade cultural da cidade da Póvoa de Varzim e do papel que o turismo cultural desempenha na preservação e dinamização da memória coletiva. O estudo centrou-se na análise da forma como elementos identitários, como a tradição piscatória, os símbolos poveiros, a literatura, a agricultura e a própria vivência associativa, contribuem para a construção de um imaginário cultural que pode e deve ser valorizado no âmbito turístico.

Para além da revisão da literatura e da análise das práticas culturais locais, a investigação beneficiou de uma componente prática fundamental: o estágio curricular realizado no Cine-Teatro Garrett. Esta experiência permitiu um contacto direto com os bastidores da programação cultural e com o papel das associações poveiras na dinamização da vida cultural da cidade. O estágio revelou-se uma mais-valia significativa, não só pela possibilidade de observar diferentes dinâmicas dentro deste estabelecimento- desde plateias cheias até sessões com menor adesão-, mas também pela oportunidade de colaborar em múltiplas vertentes, desde montagens técnicas até propostas de comunicação mais eficazes. Exemplo disso é a mais recente organização e divulgação da Feira do Livro 2025, onde me foi possível criar um espólio de materiais gráficos, onde pormenores como a cor e o desenho escolhidos fazem a diferença para a captação de público. Assim, estes demonstraram-se como soluções criativas e acessíveis, que podem aumentar a visibilidade das iniciativas culturais e atrair novos públicos.

Do ponto de vista científico, o estudo evidencia que a valorização da identidade cultural da Póvoa de Varzim não depende apenas da preservação das tradições, mas também da sua capacidade de diálogo com os públicos contemporâneos. Tal como observado no trabalho as associações locais têm sabido reinventar-se e mobilizar diferentes gerações, garantindo que o património cultural poveiro não se perca, mas antes se renove e seja transmitido. Contudo, destaca-se a necessidade de uma comunicação mais estruturada e integrada por parte da Câmara Municipal, que deve assumir-se como mediadora e promotora de primeira linha no contacto com visitantes e turistas.

Por fim, esta investigação reforça que a cultura não pode ser entendida apenas como herança, mas também como processo vivo, em constante transformação, que exige criatividade, colaboração e proximidade com a comunidade. O Cine-Teatro Garrett, enquanto espaço de convergência, demonstrou que o trabalho em equipa,

realizado de forma leve e motivadora, gera resultados mais consistentes e inovadores. Assim, conclui-se que a identidade cultural poveira constitui não só um recurso valioso para o turismo, mas também um eixo estratégico para o fortalecimento da coesão social e para a projeção da Póvoa de Varzim como destino cultural relevante, tanto no plano nacional como internacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Independencia. (1888). Theatro. *A Independencia*. Consultado no dossier da história do Cine-Teatro Garrett da Biblioteca Municipal da Póvoa de Varzim

A Independencia. (1890). Theatro. *A Independencia*. Consultado no dossier da história do Cine-Teatro Garrett da Biblioteca Municipal da Póvoa de Varzim

Ala-Arriba. (1954). Reabertura do Cine-Teatro Garrett. *Ala-Arriba*. Consultado no dossier da história do Cine-Teatro Garrett da Biblioteca Municipal da Póvoa de Varzim

Amorim, I. (2001). *A organização do trabalho da pesca, em finais do séc. XIX, na Póvoa de Varzim*. In L. A. de Oliveira Ramos, J. M. Ribeiro & A. Polónia, *Estudos em homenagem a João Francisco Marques* (Vol. I). Faculdade de Letras da Universidade do Porto. <http://hdl.handle.net/10216/7706>

Amorim, M. (1991). Camilo e Sena Freitas: uma amizade que a Póvoa viu nascer. *Boletim Cultural da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim*, 28(2). Câmara Municipal da Póvoa de Varzim.

Amorim, S. A. (2004). *Vencer o mar, ganhar a terra: construção e ordenamento dos espaços na Póvoa pesqueira e pré-balnear* (Na Linha do Horizonte – Biblioteca Poveira, 8). Câmara Municipal da Póvoa de Varzim.

Appadurai, A. (1996). *Modernity at large: Cultural dimensions of globalization*. University of Minnesota Press.

Aquino, T. (2001). *Suma Teológica*. Biblioteca dos Autores Cristianos.

Assmann, J. (2005). *Religion and cultural memory: Ten studies*. Stanford University Press.

Azevedo, J. de. (2001). *Histórias do Mar da Póvoa* (Na Linha do Horizonte – Biblioteca Poveira, 1). Câmara Municipal da Póvoa de Varzim.

Balibrea, M. (2003). Memória e espaço público na Barcelona pós-industrial. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 67, 31–54.

- Barbosa, J. (1980). Toponímia da Póvoa de Varzim. *Boletim Cultural da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim*, 19 (1). Câmara Municipal da Póvoa de Varzim.
- Bianchini, F. (1995). *The creative city*. Demos.
- Bonink, E., & Richards, G. (1992). *Cultural tourism in Europe*. ATLAS.
- Borges, J. A. (2003). *Paisagem Poveira* (Na Linha do Horizonte – Biblioteca Poveira, 3). Câmara Municipal da Póvoa de Varzim.
- Borges, J. A. (2014). *Monografia do Concelho da Póvoa de Varzim* (Na linha do horizonte: Biblioteca Poveira, 7). Câmara Municipal da Póvoa de Varzim.
- Cabral, J. (2007). A apanha do sargaço no concelho da Póvoa de Varzim no Antigo Regime: Conflitos entre a Igreja, o poder municipal e a gestão de um recurso natural. *Boletim Cultural da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim*, 41. Câmara Municipal da Póvoa de Varzim.
- Calafate, L.F. (2024). Mário Cesariny: Surrealismo, Sociedade e Censura. *Boletim Cultural da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim*, 56. Câmara Municipal da Póvoa de Varzim. <https://www.researchgate.net/publication/390488978>
- Câmara Municipal da Póvoa de Varzim. (s.d.). *O concelho*. Câmara Municipal da Póvoa de Varzim. <https://www.cm-pvarzim.pt/municipio/juntas-de-freguesia/o-concelho/>
- Câmara Municipal de Viana do Castelo (2023). Romaria representa “fusão de Viana do Castelo com o mar e a Senhora da Agonia”. <https://www.cm-viana-castelo.pt/romaria-representa-fusao-de-viana-do-castelo-com-o-mar-e-a-senhora-da-agonia/>
- Camões, L. (2009). *Os Lusíadas*, Porto Editora.
- Caserta, R. (2008). *Expressividade e energia vital na dança flamenca*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas- Instituto de Artes]. <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2008.420912>
- Cicero, M. T. (2014). *Tusculanae Disputationes (Disputas Tusculanas)*, Livro II, 13. EDUFU – Editora da Universidade Federal de Uberlândia,

CNN BRASIL. (2025). Entrevista de Fernanda Torres e Walter Salles à CNN. <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/veja-a-integra-da-entrevista-de-fernanda-torres-e-walter-salles-a-cnn/>

Comissão Nacional da Unesco (2019). *Festas de inverno, Carnaval de Podence* - Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da Humanidade. <https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-cultural-imaterial-em-portugal/carnaval-de-podence>

Coriolano, L. (2006). *O turismo nos discursos, nas políticas e no combate à pobreza*. Annablume.

Costa, L.F. (2015). *Caretos de Podence: História, Património e Turismo*. [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra]. Repositório Científico da Universidade de Coimbra. <https://hdl.handle.net/10316/30337>

Decreto-Lei n.º 23/2014 - *Teatro Garrett: Regulamento e plano cultural* (2014). Diário da República, n.º 32, Série I de 2014-02-14.

Diderot, D. (2014). *Jacques, O Fatalista*. Tinta da China.

Diderot, D. (2015). *Enciclopédia. Sociedade E Artes*. EDITORA UNESP.

Direção-Geral do Património Cultural. (2016). *Património imaterial*. Património Cultural. <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imaterial/>

Estrella Povoense. (1890). Inauguração do Theatro Garrett. *Estrella Povoense*. Consultado no dossier da história do Cine-Teatro Garrett da Biblioteca Municipal da Póvoa de Varzim

Fangueiro, O. (2008). *Sete Séculos na vida dos Poveiros* (Na Linha do Horizonte – Biblioteca Poveira, 19). Câmara Municipal da Póvoa de Varzim.

Fernandes, J., et al. (2018). Gentrification in Porto: Problems and opportunities in the past and in the future of an internationally open city. *Revista de Geografia e Ordenamento do Território (GOT)*, n.º15. <http://dx.doi.org/10.17127/got/2018.15.008>

Fernandes, M. G. (2002). *Urbanismo e morfologia urbana no Norte de Portugal: Viana do Castelo, Póvoa de Varzim, Guimarães, Vila Real, Chaves e Bragança: 1852/1926*. [Tese de

Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto. <http://hdl.handle.net/10216/18027>

Grimaldos, A. (2015). *Historia social del flamenco*. Ediciones Península.

Gugliota, G. (1990). Mistérios e formas de dança flamenca. In Caserta, R. (2008). *Expressividade e energia vital na dança flamenca*. (Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas- Instituto de Artes). <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2008.420912>

Halbwachs, M. (1990). *A memória coletiva*. Edições Vértice.

Hall, S. (2000). Quem precisa da identidade? In T. T. da Silva (Org.), *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Vozes.

Hall, S. (2014). Identidade cultural e diáspora. In T. T. da Silva (Org.), *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Vozes.

Huyssen, A. (1995). *Twilight Memories. Marking Time in a Culture of Amnesia*, Routledge.

IDEA NOVA. (1933). *Modificações e melhoramentos no Theatro Garrett*. IDEA NOVA. Consultado no dossier da história do Cine-Teatro Garrett da Biblioteca Municipal da Póvoa de Varzim

IDEA NOVA. (1937). *Aprovação das grandes obras no Theatro Garrett*. IDEA NOVA. Consultado no dossier da história do Cine-Teatro Garrett da Biblioteca Municipal da Póvoa de Varzim

IDEA NOVA. (1938). *Suspensão e reabertura do Cine Garrett*. IDEA NOVA. Consultado no dossier da história do Cine-Teatro Garrett da Biblioteca Municipal da Póvoa de Varzim

IDEA NOVA. (1941). *Debate sobre funcionamento simultâneo de duas casas de cinema*. IDEA NOVA. Consultado no dossier da história do Cine-Teatro Garrett da Biblioteca Municipal da Póvoa de Varzim

Japan Endless Discovery Organization (JNTO). (s.d.). *Gion Matsuri*. <https://www.japan.travel/pt/spot/83/>

- Jones, R. (2009). *Cultural tourism in Botswana and the Sexaxa Cultural Village: A case study* [Independent Study Project, College of William and Mary]. SIT Study Abroad. https://digitalcollections.sit.edu/isp_collection/725/
- Landry, C.(2008).*The Creative City : A Toolkit For Urban Innovators*. TAYLOR & FRANCIS LTD.
- Jelinčić, D. A. (2010). *Cultura em exposição: Guia rápido para a gestão do património cultural*. Meandarmedia.
- Lopes, M. J. (2018) Medina apela ao Parlamento e à “geringonça” para resolver problema da habitação. PÚBLICO. <https://www.publico.pt/2018/10/05/politica/noticia/medina-apela-ao-parlamento-e-a-geringonca-para-resolver-problema-da-habitacao-1846360>
- Machado, N.S. (2012). *Turismo e Urbanismo: uma relação (des)conhecida na Póvoa de Varzim*. [Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho. Instituto de Ciências Sociais]. Repositório da Universidade Do Minho. <https://hdl.handle.net/1822/23360>
- Marin, S. (2018). *The Venetian historical writing and its immobilisms*. In S. Kolditz & M. Koller (Eds.), *The Byzantine–Ottoman transition in Venetian chronicles. La transizione bizantino-ottomana nelle cronache veneziane*. Viella. https://www.academia.edu/9488280/The_Venetian_Historical_Writing_and_Its_Immobilisms
- Martins, L. P. S. (1989). Banhistas de mar no século XIX: Um olhar sobre uma época. *Revista da Faculdade de Letras - Geografia, I Série, V*, 45–59.
- Mendes, A.S. (2018). *Casino da Póvoa*. [Relatório para a obtenção do grau de licenciada em Marketing, Escola Superior de Tecnologia e Gestão, Instituto Politécnico da Guarda]. Repositório Científico da Politécnico da Guarda. <http://hdl.handle.net/10314/4615>
- Milano, C. (2017). Turismofobia: Cuando el turismo entra en la agenda de los movimientos sociales. *Marea Urbana*. <https://mareaurbanabcn.wordpress.com/2017/04/25/turismofobia-cuando-el-turismo-entra-en-la-agenda-de-los-movimientos-sociales/>

Milano, C. (2018). Overtourism, malestar social y turismofobia: Un debate controvertido. *PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, 16 (3), p. 551–564. <https://doi.org/10.25145/j.pasos.2018.16.041>

Monegal, A. (2024). *Como O Ar Que Respiramos- O Sentido Da Cultura*. Penguin Random House Grupo Editorial.

Moesch, M. (2002). *A produção do saber turístico* (2ª ed.). Contexto

Moletta, V. F. (2001). *Turismo cultural* (3ª ed., vol 4). SEBRAE/RS .

Molleda, J. C. (2010). Authenticity and the construct's dimensions in public relations and communication research. *Journal of Communication Management*, 14(3). <https://doi.org/10.1108/13632541011064508>

Ochoa, E. (2024). *Memoórias da Ruralidade- Histórias da Póvoa de Varzim contadas na primeira pessoa* [Edição no âmbito da 25.ª edição do Correntes d'Escritas]. Município da Póvoa de Varzim.

O Comercio da Póvoa de Varzim. (1973). *Exibição do filme O Padrinho no Garrett. O Comercio da Póvoa de Varzim*. Consultado no dossier da história do Cine-Teatro Garrett da Biblioteca Municipal da Póvoa de Varzim

O Comercio da Póvoa de Varzim. (2006). *Obras de recuperação do Cine-Teatro Garrett. O Comercio da Póvoa de Varzim*. Consultado no dossier da história do Cine-Teatro Garrett da Biblioteca Municipal da Póvoa de Varzim

O Comercio da Póvoa de Varzim. (2008). *História e atualidade do Cine-Teatro Garrett. O Comercio da Póvoa de Varzim*. Consultado no dossier da história do Cine-Teatro Garrett da Biblioteca Municipal da Póvoa de Varzim

O Comércio da Póvoa de Varzim. (1938). *Abertura do Póvoa Cine. O Comércio da Póvoa de Varzim*. Consultado no dossier da história do Cine-Teatro Garrett da Biblioteca Municipal da Póvoa de Varzim

O Comércio da Póvoa de Varzim. (1954). *Reabertura do Cine Garrett com Luzes da Ribalta. O Comércio da Póvoa de Varzim*. Consultado no dossier da história do Cine-Teatro Garrett da Biblioteca Municipal da Póvoa de Varzim

- Oliveira, T. (2019). *Porto: Turistificação e Turismofobia*. [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/124511>
- Organização Mundial do Turismo. (2003). *Guia de desenvolvimento do turismo sustentável* (S. Netz, Trad.). Bookman.
- Ortigão, R. (2022). *As praias de Portugal: Guia do banhista e do viajante*. Quetzal Editores.
- Paiva, J., Aguiar, J., & Pinho, A. (2006). *Guia técnico de reabilitação habitacional*. Laboratório Nacional de Engenharia Civil e Instituto Nacional de Habitação.
- Pérez, X.P. (2009). Turismo cultural, uma visão antropológica. PASOS. *Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, 2. <https://pasosonline.org/Publicados/pasosoedita/PSEedita2.pdf>
- Petrarca, F. (2001). *Canzoniere*. Carcanet Press.LTD.
- Pessoa, F. (2016). *Mensagem*, Porto Editora.
- Platão. (2017). *A República*. Bookbuilders.
- Plaza, B. (2006). The return on investment of the Guggenheim Museum Bilbao. *International Journal of Urban and Regional Research*, 30(2), 452–467. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2427.2006.00672.x>
- Plaza, B. (2007). *The Bilbao effect (Guggenheim Museum Bilbao)*. *Museum News*, 86(5). American Association of Museums. <https://mpra.ub.uni-muenchen.de/id/eprint/12681>
- Queirós, E. (2021). *Os Maias*. Porto Editora.
- Ruschmann, D. (2000). *Turismo e planeamento sustentável: A proteção do meio ambiente*. Papyrus.
- Raymond, C., & Richards, G. (2000). *Creative tourism*. *ATLAS News*, (23).
- Richards, G. (2005). *Cultural tourism in Europe*. ATLAS.
- Ricoeur, P. (1994). *Tempo e narrativa, tomo I*. Papyrus Editora.
- Ricoeur, P. (1995). *Tempo e narrativa, tomo II*. Papyrus Editora.
- Ricoeur, P. (1997). *Tempo e narrativa, tomo III*. Papyrus Editora.

- Ricoeur, P. (2008). *A Memória, a História, o Esquecimento*. Editora Unicamp.
- Ribeiro, M.B. (2017). *O Impacto do Turismo no Centro Histórico de Lisboa* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências e Tecnologia – Universidade Nova de Lisboa]. Repositório da Universidade Nova de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10362/30068>
- Reid, L. P. (2012). *A history of tourism in Barcelona: Creation and self-representation*. Scripps College.
- Rickly-Boyd, J. (2012). Authenticity & aura: A Benjaminian approach to tourism. *Annals of Tourism Research*, 39(1), 269–289. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2011.05.003>
- Rieff, D. (2016). *Praise of Forgetting: Historical Memory and Its Ironies*. Yale University Press,
- Roterdão, E. (2023). *Manual Do Cavaleiro Cristão*. António Fontoura.
- Roterdão, E. (2023). *Elogio Da Loucura*. Edições 70.
- Rousseau, J.J. (2019). *Discurso Sobre as Ciências E a as Artes- Seguido de Cartas Sobre a Polémica*. Edições 70.
- Rousseau, J.J. (2020). *Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*. Edições 70.
- Ruschmann, D. (2000). *Turismo e planeamento sustentável: A proteção do meio ambiente*. Papyrus.
- Salgueiro, T. B. (1992). *A Cidade em Portugal: uma geografia urbana*. Afrontamento
- Santo Agostinho. (2019). *Sobre a Vida Feliz*. LeBooks Editora.
- Santo Agostinho. (2020). *Confissões*. Editora Vozes.
- Santos, J. L (2006). *O Que é a Cultura*. Editora Brasiliense.
- Santos Graça, A. (2019). *O Poveiro- usos, costumes, tradições, lendas* (Edição fac-similada da ed. de 1932). Câmara Municipal da Póvoa de Varzim.
- Sakuze, L., & Mbaiwa, J. (2009). Cultural tourism and livelihood diversification: The case of Gwihaba Caves. *Journal of Tourism and Cultural Change*, 7(1). <https://doi.org/10.1080/14766820902829551>

- Sharpley, R. (1999). Rethinking authenticity in tourism experience. *Annals of Tourism Research*, 26(2). [https://doi.org/10.1016/S0160-7383\(98\)00103-0](https://doi.org/10.1016/S0160-7383(98)00103-0)
- Silberberg, T. (1995). Cultural tourism and business opportunities for museums and heritage sites. *Tourism Management*, 16(5). [https://doi.org/10.1016/0261-5177\(95\)00039-Q](https://doi.org/10.1016/0261-5177(95)00039-Q)
- Silva, A.R. (2015). Portugal volta a ser eleito para a direcção da Organização Mundial do Turismo. *PÚBLICO*. <https://www.publico.pt/2015/09/15/economia/noticia/portugal-eleito-para-a-direccao-organizacao-mundial-do-turismo-1707828>
- Silva, R.G. (2022). *O (Cine-) Teatro Municipal e a descentralização da Cultura*. [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra]. Repositório Científico da Universidade de Coimbra. <https://hdl.handle.net/10316/102624>
- Silva, S.C. (2013). *Os factores de atracção de visitantes a uma cidade*. Hipersuper. <https://www.hipersuper.pt/2013/11/20/os-factores-de-atraccao-de-visitantes-a-uma-cidade-por-susana-costa-e-silva-catolica-porto>
- Smith, M. K. (2003). *Issues in cultural tourism studies*. Routledge.
- Smith, R.C. (1965). Os Banhos de Mar, na Póvoa de Varzim, no século XVIII in *Boletim Cultural*, vol. IV, nº 2. Câmara Municipal da Póvoa de Varzim.
- Throsby, D. (2001). *Economics and Culture*, Cambridge University Press.
- Turismo de Portugal I.P. (TdP). (2017). *Estratégia Turismo 2027- Liderar O Turismo Do Futuro*. Turismo de Portugal. <https://www.turismodeportugal.pt/SiteCollectionDocuments/estrategia/estrategia-turismo-2027.pdf>
- Turismo de Portugal. (2020). *Relatório de atividades 2019*. Turismo de Portugal. <https://www.turismodeportugal.pt/SiteCollectionDocuments/gestao/Informacao-de-Gestao/relatorio-atividade-2019-com-anexos.pdf>
- Varazino. (2008). O Garrett e a preservação dos espaços culturais da Póvoa de Varzim. *Varazino*. Consultado no dossier da história do Cine-Teatro Garrett da Biblioteca Municipal da Póvoa de li

- Voltaire. (2001). *Cartas Filosóficas*. Landy.
- Voltaire. (2016). *Cândido Ou O Otimismo*. Relógio d'Água.
- W. Said, E. (2019). *Cultura E Imperialismo*. DEBOLSILLO.
- UNESCO. (2019). *Winter festivities, Carnival of Podence*.
<https://ich.unesco.org/en/RL/winter-festivities-carnival-of-podence-01463>
- UNWTO. (2017). *UNWTO tourism definitions*.
<https://www.unwto.org/global/publication/UNWTO-Tourism-definitions>
- UNWTO. (2018). 14th UNWTO Awards. UNWTO. <https://www.e-unwto.org/>
- UNWTO. (2019). *Definições de turismo da OMT*. <https://doi.org/10.18111/9789284420858>
- Urosevic, N. (2012). Cultural identity and cultural tourism: Between the local and the global (a case study of Pula, Croatia). *Singidunum Journal of Applied Sciences*, 9(1).
- Zukin, S. (1995). *The Cultures of Cities*. Blackwell Publishers.

ANEXOS

Anexo A – Cartazes idealizados ao longo do estágio

26^o correntes d'escritas
15-22 FEV 25
PÓVOA DE VARZIM



Imagem cedida por Exemplo extremo

Vozes Transeuntes nas ruas da poesia

Para a 26^a edição do Correntes d'Escritas, as Vozes Transeuntes voltam a semear poesia pela Póvoa de Varzim. As vozes tonitruantes de Alexandre Sá, Isaque Ferreira, João Rios e Sandra Salomé, seguem ao encontro das pessoas e dos seus espaços, em passeio pelas palavras dos poetas, anunciando o Correntes.

Dia 17 de fevereiro, entre as 9h30 e as 10h00.

Junte-se às Vozes que ecoam os versos pela cidade.

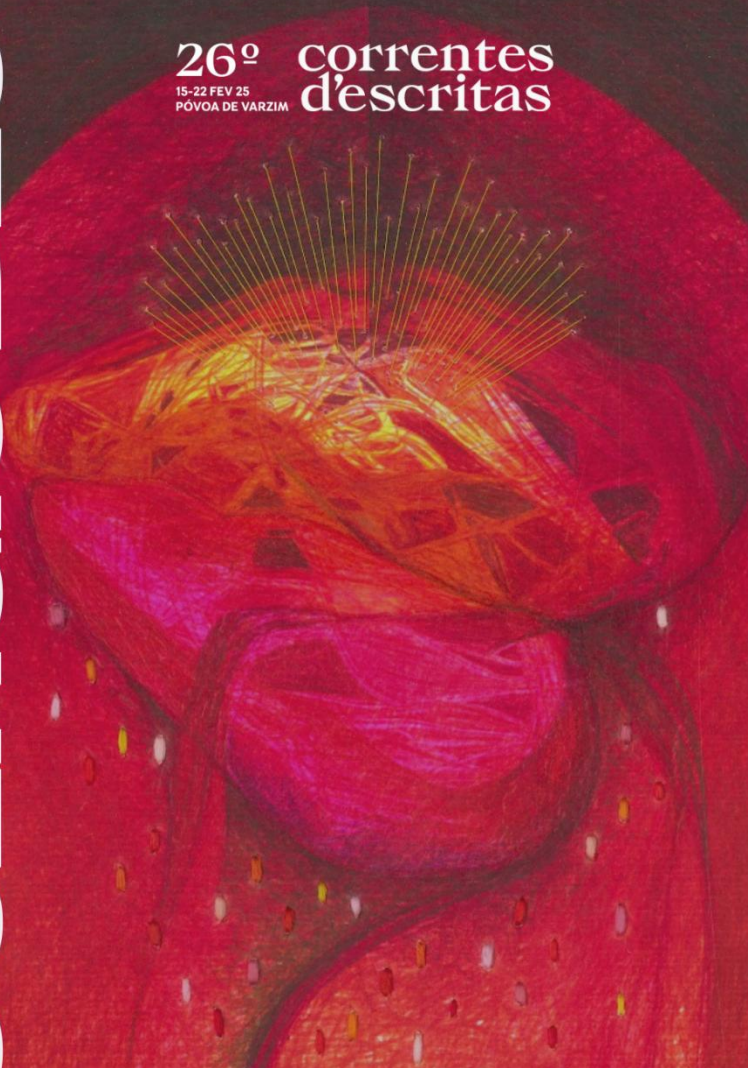
 É bom viver aqui!
It is good to be here!

 Correntes D'Escritas

 Garrett
cine-teatro

PAULO SÉRGIO BEJUNY

26^o correntes
15-22 FEV 25 d'escritas
PÓVOA DE VARZIM



PERDIÇÕES

eu Camilo - amores e desamores, o sagrado, o corpo e as afeições

EXPOSIÇÃO DE ARTE

SALA DE ATOS • 19 FEV

c/e

Correntes
D'Escritas



É bom
viver aqui!

Garrett
cine-teatro





ISABELLE BABO

26^o correntes
15-22 FEV 25
PÓVOA DE VARZIM d'escritas

**ESTENDAL
COMUNITÁRIO
INSTALAÇÃO ARTÍSTICA
MERCADO MUNICIPAL • 15 FEV**

c/e Correntes
D'Escritas

 É bom
viver aqui!
It's a good to be here!

M MERCADO
MUNICIPAL

26^o correntes
15-22 FEV 25 d'escritas
PÓVOA DE VARZIM

Camilo

e o Jogo na Póvoa balnear

fevereiro - dezembro
2025

Museu Municipal de Etnografia
e História da Póvoa de Varzim



É bom
viver aqui!
it's good to be here!



Correntes
D'Escritas



Museu
Municipal
Póvoa de Varzim

CAMILO
A NORTE 200

26º
correntes
d'escritas

15-22 FEV 25
POVOA DE VARZIM

Memórias da Terra

Curadoria: Gonçalo M. Tavares Realização: Helena Gökotta Produção e Apoio Técnico: Alfabeto Padrão

CINE-TEATRO GARRETT

21 FEV • 20H

Entrada Livre M/6 Interdito a menores de 3 anos



É bom
viver aqui!
It's good to be here!



Correntes
D'Escritas

Garrett
cine-teatro



PRIMEIRA LINHA

BIENAL DE GAIA

6ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE DE GAIA 2025 | BIENAL DE CAUSAS

POLO DA PÓVOA DE VARZIM

10 de maio a 10 de junho
DIANA BAR

Curadoria: Isabel Babo
 Direção: Agostinho Santos

Afonso Pinhão Ferreira	Daniel Curval	Isabel Babo (IB)	Manuel Porfírio
Ana Romero	David Capela	Isabel Braga	Margarida Oliveira
Andreia Pereira	Emerenciano	Ivo Machado	Rui Anahory
BABO	Esgar Acelerado	Joana Pinheiro	Rui Sousa
Carla Maciel	Filomena Silva Campos	Joanna Latka	Valter Hugo Mãe
Cassandra Pereira	Helder Luís (HL)	Luis Silva	Vieira Saraiva
Dalila D'Alte	Helena Fortunato	Manuel Horta	Violante

26º correntes
15-22 FEV 25 d'escritas
PÓVOA DE VARZIM

ESTENDAL COMUNITÁRIO

A instalação *Estendal Comunitário* é uma obra *In Situ* composta por quatro cordas que sustentam um conjunto de composições que, no seu todo, formam um estendal simbólico. Ao ser instalado no espaço que esteve ocupado entre 2023 e 2025, no Mercado Municipal pelo *Manto Redondo*, estabelece com este um contínuo metafórico com o trabalho das comunidades piscatórias da Póvoa de Varzim que se estendem do Mar à Terra sem interrupções ou fronteiras.

Cada estendal apresenta composições únicas que integram materiais reutilizados provenientes das artes da pesca e do quotidiano doméstico das comunidades piscatórias. Cada elemento funciona como indício da sua identidade, refletindo as tradições e o modo de vida das gentes do mar dando origem a um “organismo vivo” que é reconhecido de forma imediata pelo público.

A obra é uma celebração das estórias e dos objetos que definem a identidade comunitária, abordando, simultaneamente, questões de sustentabilidade e de preservação do património cultural material e imaterial.

A nível estético, o *Estendal Comunitário* é uma obra sincrética que nos remete para o movimento da Arte Povera italiana, ao utilizar materiais comuns e reciclados para criar composições metafóricas e significativas. Há no *Estendal Comunitário* uma assumida aproximação ao conceito da *Arts and Crafts*, o trabalho artesanal e o design com expressão cultural e artística, não esconde a natureza dos materiais reciclados e o próprio processo de execução manual.

A instalação assume-se como uma tapeçaria contemporânea, composta por estruturas flexíveis que evocam os movimentos orgânicos do mar e do vento. As cordas e os nós, elementos centrais da composição, traduzem visualmente a força dinâmica da natureza, enquanto os materiais e os padrões escolhidos remetem-nos para o quotidiano marítimo e doméstico da comunidade poveira.

Com esta obra, convido-vos à reflexão sobre o equilíbrio entre a tradição e a contemporaneidade, sublinhando a importância do vínculo entre a arte, a memória e a nossa identidade cultural.

Isabel Babo, fevereiro de 2025

📍 Mercado Municipal, Póvoa de Varzim



É bom
viver aqui!
It's good to be here!

C/e

Correntes
D'Escritas

MERCADO
MUNICIPAL

26^o correntes
15-22 FEV 25 d'escritas
PÓVOA DE VARZIM

PERDIÇÕES

eu Camilo – amores e desamores, o sagrado, o corpo e as afeições
Paulo Sérgio BEJu

Uma série de desenhos sugerem um possível encontro, um olhar próprio sobre a obra camiliana. Perder-se para se encontrar, num eco particular das imagens – Eu e o Sr. Camilo. Os factos, as crenças, os signos e a poesia. Existe um castelo alvo - branco, que me incute, à “fala” do traço e da mancha. São desenhos senhor... são desenhos, construídos no pulsar do corpo, a esconder a alvura do papel. O ato do desenho é performativo. As esferográficas deslizam sobre o papel (pictórico/técnico), criam uma superfície, como se fosse pele. A clareza acompanha-me e aconchega-se como dogma criativo. Eu acredito em deus, num deus menino que respira dentro de cada um de nós. O deus é interno. IMAGINAÇÃO. Não estar preso, e fundir-se em todos os amores de perdição. Deixo-me contaminar, e sorvo os títulos, a biografia e as palavras de Camilo. O autor ia a banhos à Póvoa. O Corpo da ilha que sou, que somos. A Ilha e a Póvoa - há uma relação territorial – os espaços circunscritos pelo poema da comunhão e da criação/reinvenção. Uma ilha no meio do MAR. Há uma continuidade de VOA PÓ de Varzim. A exposição é um Corpo, uma ilha peculiar. Um sussurro, um bordado, ou a respiração do LUGAR.

Paulo Sérgio BEJu, fev2025

📍 Sala de Atos do Cine-Teatro Garrett, Póvoa de Varzim



É bom
viver aqui!
It's good to be here!

c/e

Correntes
D'Escritas

Garrett
cine-teatro

PRIMEIRA LINHA

BIENAL DE ARTE GAIA

6ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE DE GAIA 2025 | BIENAL DE CAUSAS

POLO DA PÓVOA DE VARZIM

10 de maio a 10 de junho

DIANA BAR

Curadoria: Isabel Babo
Direção: Agostinho Santos

Afonso Pinhão	Isabel Babo
Ferreira	(IB)
Ana Romero	Isabel Braga
Andreia Pereira	Ivo Machado
BABO	Joana
Carla Maciel	Pinheiro
Cassandra Pereira	Joanna Latka
Dalila D'Alte	Luis Silva
Daniel Curval	Manuel Horta
David Capela	Manuel Porfírio
Emerenciano	Margarida
Esgar Acelerado	Oliveira
Filomena Silva	Rui Anahory
Campos	Rui Sousa
Helder Luís (HL)	Valter Hugo Mãe
Helena Fortunato	Vieira Saraiva
	Violante

A Bienal Internacional de Arte Gaia, que na sua 6.ª edição chega pela primeira vez à Póvoa de Varzim com o polo intitulado “Primeira Linha”, reúne trabalhos de 28 artistas que se expressam nas áreas do desenho, pintura, escultura e fotografia. O local escolhido, o icónico Diana Bar, combina a linha do horizonte com a arquitetura circular da galeria, tornando-se o cenário privilegiado e simbólico para um encontro intergeracional, plural e promissor de futuros.

Como Kandinsky, também vislumbro, na linha circular do espaço, a conjugação do concêntrico e do excêntrico, de forças em equilíbrio e continuidade que, com a curadoria desta exposição, se deseja promotora do diálogo entre linguagens e percursos distintos.

A “Primeira linha” é entendida aqui como o gesto inaugural de cada artista, mas também como metáfora da arte enquanto motor democrático e “avant-garde” das sociedades: um espaço de liberdade, de inquietação e de construção do sentido.

Neste movimento contínuo, como o vai e vem do mar, a arte afirma-se como lugar de resistência e renovação, onde é possível desenhar a esperança.

Isabel Babo



26^o correntes
de escritas
15-22 FEV 25
PÓVOA DE VARSIM

Sala de Atos do Cine-Teatro Garrett

PERDIÇÕES

eu Camilo - amores e desamores, o sagrado, o corpo e as afeições

Uma série de desenhos sugerem um possível encontro, um olhar próprio sobre a obra camiliana. Perder-se para se encontrar, num eco particular das imagens – Eu e o Sr. Camilo. Os factos, as crenças, os signos e a poesia. Existe um castelo alvo - branco, que me incute, à “fala” do traço e da mancha. São desenhos senhor... são desenhos, construídos no pulsar do corpo, a esconder a alvura do papel. O ato do desenho é performativo. As esferográficas deslizam sobre o papel (pictórico/técnico), criam uma superfície, como se fosse pele. A claridade acompanha-me e aconchega-se como dogma criativo. Eu acredito em deus, num deus menino que respira dentro de cada um de nós. O deus é interno. IMAGINAÇÃO. Não estar preso, e fundir-se em todos os amores de perdição. Deixo-me contaminar, e sorvo os títulos, a biografia e as palavras de Camilo. O autor ia a banhos à Póvoa. O Corpo da ilha que sou, que somos. A Ilha e a Póvoa - há uma relação territorial – os espaços circunscritos pelo poema da comunhão e da criação/reinvenção. Uma ilha no meio do MAR. Há uma continuidade de VOA PÓ de Varzim. A exposição é um Corpo, uma ilha peculiar. Um sussurro, um bordado, ou a respiração do LUGAR.

Paulo Sérgio BEJU, natural do Monte / Funchal, reside na Ilha da Madeira desde 1971, ano do seu nascimento. Licenciou-se em Artes Plásticas – Escultura (em 1999), tem uma pós-graduação em Direção Artística (ESAP-Extensão de Guimarães, 2003) e concluiu o 1.º ano do Mestrado em Arte no Actual e Contemporâneo (UMA, 2007). É docente de Educação Visual, Educação Tecnológica e Oficina de Teatro do ensino público. Desenvolveu diversos projetos no âmbito da expressão dramática, teatro, cenografia, performance, artes plásticas, curadoria e ilustração. Realizou 14 exposições individuais e participou em exposições coletivas. Foi responsável pelo Serviço Educativo do Museu de Arte Contemporânea do Funchal – Fortaleza de São Tiago (entre 2001 e 2004). Na escrita e nas artes plásticas, foi distinguido com: o 1º prémio no Concurso de Poesia de Abrantes (jun1996); 1º prémio do concurso de artes plásticas Henrique e Francisco Franco (Calheta, dez2005), e obteve uma Menção Honrosa no mesmo prémio (em 2007). Foi responsável pela direção artística da Casa de Cultura de Câmara de Lobos (entre 2005 e 2010). Fomentou e dinamizou os projetos das galerias de arte contemporânea: espaçomar (entre 2013 e 2015) e galeria a (entre 2017 e 2021). Integrou o espetáculo OSS (entre set2022 e fev2023), com coreografia de Marlene Monteiro Freitas, na Companhia Dançando com a Diferença. Criou diversos projetos de cenografia para Associação Teatro Experimental do Funchal, companhia onde esteve destacado (entre 2017 e 2021). Entre 2021 e 2024, manteve semanalmente, uma rubrica sobre livros, na Antena 1 Madeira com Marta Cilia, intitulada *pequenoTOQUE*. Atualmente integra à Associação Cultural de Teatro Feliteiro do Norte.

Paulo Sérgio BEJU, fev2025



É bom
viver aqui!

c/e

Correntes
DE escritas

Garrett
cine-teatro



Com esta obra, Isabel Babo convida-nos à reflexão sobre o equilíbrio entre a tradição e a contemporaneidade, sublinhando a importância do vínculo entre a arte, a memória e a nossa identidade cultural.

26^o correntes
de escritas
15-22 FEV 25
PÓVOA DE VARSIM

ISABEL BABO

ESTENDAL
COMUNITÁRIO
INSTALAÇÃO ARTÍSTICA
MERCADO MUNICIPAL · 15 FEV

c/e

Correntes
DE escritas

É bom
viver aqui!

MERCADO
MUNICIPAL

A instalação Estendal Comunitário é uma obra *In Situ* composta por quatro cordas que sustentam um conjunto de composições que, no seu todo, formam um estendal simbólico. Ao ser instalado no espaço que esteve ocupado entre 2023 e 2025, no Mercado Municipal pelo *Manto Redondo*, estabelece com este um contínuo metafórico com o trabalho das comunidades piscatórias da Póvoa de Varzim que se estendem do Mar à Terra sem interrupções ou fronteiras.

Cada estendal apresenta composições únicas que integram materiais reutilizados provenientes das artes da pesca e do quotidiano doméstico das comunidades piscatórias. Cada elemento funciona como indício da sua identidade, refletindo as tradições e o modo de vida das gentes do mar dando origem a um “organismo vivo” que é reconhecido de forma imediata pelo público.

A obra é uma celebração das estórias e dos objetos que definem a identidade comunitária, abordando, simultaneamente, questões de sustentabilidade e de preservação do património cultural material e imaterial.

A nível estético, o *Estendal Comunitário* é uma obra sincrética que nos remete para o movimento da Arte Povera italiana, ao utilizar materiais comuns e reciclados para criar composições metafóricas e significativas. Há no Estendal Comunitário uma assumida aproximação ao conceito da *Arts and Crafts*, o trabalho artesanal e o design com expressão cultural e artística, não esconde a natureza dos materiais reciclados e o próprio processo de execução manual.

A instalação assume-se como uma tapeçaria contemporânea, composta por estruturas flexíveis que evocam os movimentos orgânicos do mar e do vento. As cordas e os nós, elementos centrais da composição, traduzem visualmente a força dinâmica da natureza, enquanto os materiais e os padrões escolhidos remetem-nos para o quotidiano marítimo e doméstico da comunidade poveira.



Anexo D – Panfletos idealizados ao longo do estágio

26^o correntes d'Escritas
15-22 FEV 25
POVOA DE VARSIZIM

A CASA

POR ÁLVARO LABORINHO LÚCIO, LUÍS RICARDO DUARTE, RUI SPRANGER E RAQUEL PATRIARCA



14>17 SEX-SEG | 18H00 | 19H30

TEATRO | ENTRADA GRATUITA
CASA MUSEU MANUEL LOPES

É bom viver aqui!  C/e Correntes D'Escritas 

A CASA

Continua o sucesso do espetáculo A Casa, que se repetirá este ano pela última vez. Este espetáculo é o resultado de uma residência literária, na Casa Manuel Lopes, na sequência de desafio lançado pelas Correntes, em 2020, a 4 autores: Álvaro Laborinho Lúcio, Luís Ricardo Duarte, Raquel Patriarca e Rui Spranger (a que se juntou, mais tarde, para a representação, Sílvio Fernandes). Os autores escreveram o texto, depois de novo desafio, como o levaram à cena, "numa representação multifacetada, em reflexo da personalidade do próprio Manuel Lopes, habitante ausente da casa, que serve de cenário, mas também de personagem."

"O icónico bibliotecário, presente ainda em cada objeto é homenageado através das divisões da casa, das vivências que suscitam, das memórias que guardam e das histórias que contam, ganhando voz e movimento, como fantasmas invocados pela interpretação de cada novo visitante."

Direção de atores e encenação : Rui Spranger
Dramaturgia e Interpretação : Álvaro Laborinho Lúcio, Luís Ricardo Duarte, Raquel Patriarca, Rui Spranger
Mordomo: Sílvio Fernandes
Produção : Correntes d'Escritas

* Entrada Gratuita mediante levantamento de convite (máximo de 2, por pessoa), no Cine-Teatro Garrett, a partir de 11 de fevereiro, até ao limite de lotação de 20 pessoas, por sessão.

26^o correntes d'Escritas
15-22 FEV 25
POVOA DE VARSIZIM

Re Vira Verso



22 de fevereiro | 14h30
Largo Dr. David Alves

É bom viver aqui!  C/e Correntes D'Escritas 

ReViraVerso

Se é verdade que Portugal é um país de poetas, não é menos que o folclore e os ranchos folclóricos fazem perdurar as nossas tradições e a pluralidade etnográfica e identitária.

A provar que o antigo e o moderno podem e devem conviver em harmonia, as Correntes lançaram um desafio aos escritores, para escreverem novas letras para canções tradicionais do repertório folclórico, e aos ranchos, para integrarem e cantarem estes poemas nas suas canções de sempre.

Cláudia Lucas Chéu, João Govern, João Pedro Azul, Renato Filipe Cardoso, Rita Cruz e Rosa Alice Branco foram os poetas que dedicaram a sua verve aos poveiros Rancho Folclórico de AVer-o-Mar, Rancho Folclórico de Santa Eulália de Beiriz, Grupo Folclórico de Cantares e Danças "Os Camponeses de Navais" e Rancho Folclórico S. Pedro de Rates (Associação de Amizades de S. Pedro Rates).

O resultado desta mescla, inusitada e arrojada, é o projeto ReViraVerso, que será apresentado em dois momentos: num espetáculo de folclore em que cada um dos quatro ranchos apresenta duas «novas» canções e danças; e numa edição em livro que reúne os velhos e novos poemas das canções, belissimamente ilustrados pela imaginação de Helena Zália.

Com maior ou menor acutilância nos versos, com mais ou menos acerto no pé de dança ou nas vozes, o projeto ReViraVerso é desde já um passo importante no sentido da reinvenção das Correntes d'Escritas, colocando em diálogo dois contextos culturais e artísticos artes que habitualmente não comunicam. Parabéns a todos os intervenientes.

Anexo E – Ideia de Material Gráfico idealizado ao longo do estágio para a Feira do Livro 2025



2025
AGOSTO
1>17
LARGO DO
PASSEIO ALEGRE

Amor de Perdição

PÓVOA DE VARZIM
FEIRA DO LIVRO

A Realidade de Passos

Onde está a Felicidade?

Onde está a Felicidade?

Onde está a Felicidade?

STAFF

FEIRA LIVRO
PÓVOA DE VARZIM

CAMÍLIO
A NOVA LECTURA

Póvoa de Varzim
Município

2025
AGOSTO
1>17
LARGO DO
PASSEIO ALEGRE

Amor de Perdição

PÓVOA DE VARZIM
FEIRA DO LIVRO

A Realidade de Passos

Onde está a Felicidade?

Onde está a Felicidade?

Onde está a Felicidade?

STAFF

FEIRA LIVRO
PÓVOA DE VARZIM

CAMÍLIO
A NOVA LECTURA

Póvoa de Varzim
Município

2025
AGOSTO
1>17
LARGO DO
PASSEIO ALEGRE

Amor de Perdição

PÓVOA DE VARZIM
FEIRA DO LIVRO

A Realidade de Passos

Onde está a Felicidade?

Onde está a Felicidade?

Onde está a Felicidade?

STAFF

FEIRA LIVRO
PÓVOA DE VARZIM

CAMÍLIO
A NOVA LECTURA

Póvoa de Varzim
Município

2025
AGOSTO
1>17
LARGO DO
PASSEIO ALEGRE

Amor de Perdição

PÓVOA DE VARZIM
FEIRA DO LIVRO

A Realidade de Passos

Onde está a Felicidade?

Onde está a Felicidade?

Onde está a Felicidade?

STAFF

FEIRA LIVRO
PÓVOA DE VARZIM

CAMÍLIO
A NOVA LECTURA

Póvoa de Varzim
Município

2025
AGOSTO
1>17
LARGO DO
PASSEIO ALEGRE

Amor de Perdição

PÓVOA DE VARZIM
FEIRA DO LIVRO

A Realidade de Passos

Onde está a Felicidade?

Onde está a Felicidade?

Onde está a Felicidade?

STAFF

FEIRA LIVRO
PÓVOA DE VARZIM

CAMÍLIO
A NOVA LECTURA

Póvoa de Varzim
Município

2025
AGOSTO
1>17
LARGO DO
PASSEIO ALEGRE

Amor de Perdição

PÓVOA DE VARZIM
FEIRA DO LIVRO

A Realidade de Passos

Onde está a Felicidade?

Onde está a Felicidade?

Onde está a Felicidade?

STAFF

FEIRA LIVRO
PÓVOA DE VARZIM

CAMÍLIO
A NOVA LECTURA

Póvoa de Varzim
Município

2025
AGOSTO
10-20

LARGO DO
PASSEIO ALEGRE

FEIRA DO LIVRO PÓVOA DE VARZIM



<p>6 AGOSTO QUARTA-FEIRA</p> <p>16H30-18H00</p> <p>OFICINAS</p> <p>-Oficina-espetáculo Camilo Castelo Branco – Histórias de Amor e Aventural* Por Catrapum Catrapeia</p> <p>18H30-19H30</p> <p>MÚSICA</p> <p>-Música na Feira Jerry Springle</p> <p>21H00-23H00</p> <p>APRESENTAÇÃO DE LIVRO</p> <p>-Escritores ao Mar - Roteiro Literário de Bolso da Póvoa de Varzim</p> <p>-Um abraço de Mar</p> <p>-Conversa com Patrícia Porteira a propósito da residência literária Patrícia Camilo perdidos de amores pela Póvoa</p>	<p>7 AGOSTO QUINTA-FEIRA</p> <p>16H30-18H00</p> <p>APRESENTAÇÃO DE LIVRO</p> <p>-Um gato é um gato, de Amélia Muge</p> <p>18H30-19H30</p> <p>APRESENTAÇÃO DE LIVRO</p> <p>-Lourenço quer maminha, de Rosana André</p> <p>21H00-22H00</p> <p>APRESENTAÇÃO DE LIVRO</p> <p>-Tira o Disco e Toca ao Vivo, de João Govern</p> <p>Apresentação Silvio Fernandes</p>	<p>8 AGOSTO SEXTA-FEIRA</p> <p>16H30-18H00</p> <p>OFICINAS</p> <p>-Oficina Infantil com Raquel Patriarca</p> <p>18H30-19H30</p> <p>APRESENTAÇÃO DE LIVRO</p> <p>-Como Se Não Houvesse Amanhã, de Sérgio Godinho</p> <p>Apresentação de João Govern</p> <p>21H30-23H00</p> <p>MÚSICA</p> <p>-Música na Feira - Palco Banda Musical da Póvoa de Varzim</p>	<p>9 AGOSTO SÁBADO</p> <p>16H30-18H00</p> <p>APRESENTAÇÃO DE LIVRO</p> <p>A Mais Breve História da Rússia de José Milhazes</p> <p>18H30-19H30</p> <p>JOGOS DE TABULEIRO</p> <p>Uma grande variedade de jogos para todos.*</p>
<p>10 AGOSTO DOMINGO</p> <p>17H00-18H30</p> <p>MÚSICA</p> <p>-Música na Feira Jerry Springle</p> <p>21H30-22H30</p> <p>Música na Feira Rui Oliveira</p>	<p>11 AGOSTO SEGUNDA-FEIRA</p> <p>18H30-19H30</p> <p>MÚSICA</p> <p>Faz por ti!</p> <p>12 AGOSTO TERÇA-FEIRA</p> <p>16H30-18H00</p> <p>APRESENTAÇÃO DE LIVRO</p> <p>A Viagem da Pedrinha Verde de Sandra Azevedo</p> <p>18H30-19H30</p> <p>MÚSICA</p> <p>Faz por ti!</p>	<p>13 AGOSTO QUARTA-FEIRA</p> <p>17H00-18H30</p> <p>TEATRO</p> <p>-O Mistério de Camilo</p> <p>Teatro infantil - por Sem Terra</p> <p>21H30-22H30</p> <p>MÚSICA</p> <p>-Música na Feira Susana Costa</p>	<p>14 AGOSTO QUINTA-FEIRA</p> <p>16H30-17H30</p> <p>APRESENTAÇÃO DE LIVRO</p> <p>O dia em que acordei morto de Rui Nova</p> <p>21H30-22H30</p> <p>APRESENTAÇÃO DE LIVRO</p> <p>Desinstalação do Medo</p> <p>Apresentação de Ana Sofia Marçal com a participação de Álvaro Laborinho Lúcio e do curador do projeto Renato Filipe Cardoso</p>



PÓVOA DE VARZIM FEIRA DO LIVRO

AGOSTO 1<17 2025



1 AGOSTO

SEXTA-FEIRA

16H30-18H00

ANIMAÇÃO DE RUA
Camilo Castelo Branco

Talvez - A Poética do palhaço
Pela companhia Nuvem Voadora

18H30-19H30

APRESENTAÇÃO DE LIVRO
Camilo Castelo Branco

Relato de Futebol de Pedro Azevedo

Milongas de uma Vida de Ezequiel Rodrigues

18H30-19H30

MÚSICA NA FEIRA
Camilo Castelo Branco

Banda Musical da Póvoa de Varzim

LEGENDA DE ATIVIDADES

- INFANTIL
- TEATRO
- OFICINAS
- FAMÍLIAS
- JOGOS DE TABULEIRO
- ANIMAÇÃO DE RUA
- OFICINAS
- GERAL
- CONVERSA
- APRESENTAÇÃO DE LIVRO
- MÚSICA

2 AGOSTO

SÁBADO

16H30-18H00

OFICINAS PARA FAMÍLIAS
Camilo Castelo Branco

Cartas de Amor e de Perdição
com Raquel Patriarca. *

18H30-19H30

APRESENTAÇÃO DE LIVRO
Camilo Castelo Branco

Mapa dos amores incompletos

de Rosa Alice Branco

Tempo é uma Palavra que Se Empresta
ao Mar de Raquel Patriarca.

*A participação é gratuita e requer inscrição prévia.

CONHECE MELHOR
CADA UMA DAS
NOSSAS ATIVIDADES



3 AGOSTO

DOMINGO

17H00-18H30

JOGOS DE TABULEIRO
Camilo Castelo Branco

Uma grande variedade de jogos para
todas as idades. *

*A participação é gratuita e requer inscrição prévia.



FEIRA DO LIVRO 2025

1<17 AGOSTO
LARGO DO PASSEIO ALEGRE

Todos os dias
16h00-24h00

15 de agosto
14h00-24h00



5 AGOSTO

TERÇA-FEIRA

16H30-18H00

OFICINAS
Camilo Castelo Branco

Barro e Poesia de Camilo Castelo Branco *
Por Catrapum Catrapela

18H30-19H30

APRESENTAÇÃO DE LIVRO
Camilo Castelo Branco

Manual para andar espantada por existir
de Patrícia Portela

21H00-22H30

MÚSICA NA FEIRA
Camilo Castelo Branco

SAMBAJAZZY



FICHA DE INSCRIÇÃO

6 AGOSTO

Oficina-espetáculo Camilo Castelo Branco - Histórias de Amor e Aventura!

NOME + CONTACTO

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	

NOTA: Deverá aparecer logo no início da atividade, sendo a inscrição anulada automaticamente caso isto não se cumpra





PÓVOA DE VARZIM
FEIRA DO LIVRO

AGOSTO 2025 1ª Edição
LIVRO DO PRESEIO

FICHA DE INSCRIÇÃO

3 AGOSTO - Jogos de Tabuleiro

NOME DOS PARTICIPANTES

NOME DOS PARTICIPANTES

NOME DOS PARTICIPANTES

NOME DOS PARTICIPANTES

NOME DOS PARTICIPANTES

NOME DOS PARTICIPANTES

NOME DOS PARTICIPANTES

NOME DOS PARTICIPANTES

NOTA: Deverá aparecer logo no início da atividade, sendo a inscrição anulada automaticamente caso isto não se cumpra
Mínimo de 4 participantes e limitado ao espaço disponível



Póvoa de Varzim
CÂMARA MUNICIPAL

200
CAMILO
A NORTE

FEIRA DO LIVRO
DO PÓVOA DE VARZIM



FICHA DE INSCRIÇÃO

8 AGOSTO

Oficina Infantil - Cartas de Amor e de Perdição

NOME + CONTACTO

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	

NOTA: Deverá aparecer logo no início da atividade, sendo a inscrição anulada automaticamente caso isto não se cumpra





FICHA DE INSCRIÇÃO

2 AGOSTO Oficina Famílias - Cartas de Amor e Perdição

NOME + CONTACTO

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	

NOTA: Deverá aparecer logo no início da atividade, sendo a inscrição anulada automaticamente caso isto não se cumpra





Anexo F – Convite à Comunidade



Anexo G – Excel de Percentagens de Lotação de Sala por categorias de Espetáculo no Cine-Teatro Garrett

Categoria	Hora da Sessão	Promotor	Espetáculo	Dia da semana	Lotação	Percentagem de Lotação	Tipo Parceria
Variedades	21:30	Rangers	Gala Rangers	sábado	468	100%	Ced. Gratuita
variedades	16:00	FAPEEP	II Gala Família	sábado	468	100%	Ced. Gratuita
Música	21:30	Póvoa Andebol	Ana Moura	sexta-feira	468	100%	Ced. Gratuita
Música	21:30	Póvoa Andebol	Ana Moura	sábado	468	100%	Ced. Gratuita
Música	18:00	Póvoa Andebol	Ana Moura	domingo	468	100%	Ced. Gratuita
Música	18:00	Banda Musical PVZ	Concerto Gala BMPV	domingo	468	100%	Ced. Gratuita
Variedades	21:00	ESEQ	7º Sarau ESEQ	sexta-feira	450	96%	Ced. Gratuita
Música	21:30	OLE	Concerto Comemorativo	quarta-feira	450	96%	Ced. Gratuita
Outros	21:00	Afrodituna	Festival Tunas Femininas	sábado	443	95%	Ced. Gratuita
Música	21:00	Assoc. Pro Música	Orquestra XXI	quarta-feira	438	94%	CMPV
Música	21:00	Assoc. Pro Música	Trio Joubran	terça-feira	436	93%	CMPV
Música	21:00	Assoc. Pro Música	Orquestra Camara Portuguesa	sábado	433	93%	CMPV
Música	17:00	Escola Música	Orquestra Guitarras e Bandolins	domingo	380	81%	Ced. Gratuita
Variedades	14:30	Plateia Emoções	Alice no musical das maravilhas	terça-feira	379	81%	Ced. Gratuita
Infantil	10:30	Plateia Emoções	Pinóquio	quinta-feira	375	80%	Protocolo
Variedades	14:30	Plateia Emoções	Alice no musical das maravilhas	quarta-feira	365	78%	Ced. Gratuita
Infantil	10:30	Plateia Emoções	Pinóquio	sexta-feira	363	77%	Protocolo
Música	21:30	Assoc. Pro Música	O Barbeiro de Sevilha	sábado	357	76%	Ced. Gratuita
Variedades	10:30	Plateia Emoções	Alice no musical das maravilhas	quarta-feira	357	76%	Ced. Gratuita
Variedades	10:30	Plateia Emoções	Alice no musical das maravilhas	quinta-feira	352	75%	Ced. Gratuita
Música	21:00	Assoc. Pro Música	Raquel camarinha	domingo	351	75%	CMPV
Outros	21:30	ESEQ	Quadro Valor excelência	sexta-feira	350	75%	Ced. Gratuita
Variedades	20:45	Cego do maio	Entrega Diplomas - Cego do maio	terça-feira	350	75%	Ced. Gratuita
Variedades	18:30	Rates	Entrega Diplomas - Rates	quarta-feira	350	75%	Ced. Gratuita

Categoria	Hora da Sessão	Promotor	Espetáculo	Dia da semana	Lotação	Percentagem de Lotação	Tipo Parceria
Música	21:30	Juvenorte	2ª Grande gala do fado	sexta-feira	349	75%	Ced. Gratuita
Música	21:30	Sons em Transito	Ricardo Ribeiro	sábado	323	69%	Produção CTG
Música	21:30	Rotary Club	Universidade Sénior - Coros	quarta-feira	320	68%	Ced. Gratuita
Música	21:30	EMPV	Somos livres	quarta-feira	320	68%	Ced. Gratuita
Variedades	21:30	Flávio Gonçalves	Entrega diplomas - Flávio Gonçalves	quarta-feira	320	68%	Ced. Gratuita
Variedades	14:30	Plateia Emoções	Alice no musical das maravilhas	sexta-feira	308	66%	Ced. Gratuita
Infantil	10:30	Plateia Emoções	Pinóquio	quinta-feira	304	65%	Protocolo
Variedades	21:30	Tricanas Poveiras	É só paleio e cantigas	sábado	300	64%	Protocolo
Outros	21:00	ES Rocha Peixoto	Cerimónia de Excelência	terça-feira	295	63%	Ced. Gratuita
Música	21:00	Assoc. Pro Música	Concerto ECPV	sábado	290	62%	CMPV
Música	21:30	GHUDE	Tim & Pedro Joia	sexta-feira	285	61%	Produção CTG
Música	21:30	EMPV	Somos livres	terça-feira	285	61%	Ced. Gratuita
Variedades	21:30	Juvenorte	Gala 37º aniversário juvenorte	domingo	282	60%	Ced. Gratuita
Teatro Revista	21:30	Leões da Lapa	Um Direto p'la Graça de Deus	sábado	280	60%	Ced. Gratuita
Outros	18:30	CMPV	A Várias Mãos	terça-feira	280	60%	CMPV
Variedades	18:00	Flávio Gonçalves	Entrega diplomas - Flávio Gonçalves	quarta-feira	280	60%	Ced. Gratuita
Música	21:30	Sons em Transito	Paulo Carvalho	sábado	278	59%	Coprodução
Música	21:30	CTG	Cristina Branco	quinta-feira	263	56%	CMPV
Infantil	10:30	Plateia Emoções	Pinóquio	quarta-feira	257	55%	Protocolo
Variedades	16:00	Plateia Emoções	Alice no musical das maravilhas	sábado	255	54%	Ced. Gratuita
Outros	21:00	CMPV	Assembleia Municipal	quinta-feira	250	53%	CMPV
Variedades	15:45	Juvenorte	Gala 38º aniversário	domingo	238	51%	Ced. Gratuita
Música	11:00	CMPV	Orquestra do Norte	domingo	223	48%	CMPV
Teatro Revista	17:30	Leões da Lapa	Um Direto p'la Graça de Deus	domingo	210	45%	Ced. Gratuita
Música	21:30	Banze	Manel Cruz	sábado	210	45%	Produção CTG
Variedades	21:30	Octopus	Aguçadoura Comedy	sábado	180	38%	Ced. Gratuita

Categoria	Hora da Sessão	Promotor	Espetáculo	Dia da semana	Lotação	Percentagem de Lotação	Tipo Parceria
Infantil	10:30	Plateia Emoções	Pinóquio	sábado	177	38%	Protocolo
Infantil	16:00	Plateia Emoções	Pinóquio	sábado	177	38%	Protocolo
Música	21:30	GHUDE	João Só & Tiago Nogueira	sábado	159	34%	Produção CTG
Variedades	21:30	Eça Queirós	Oito e meio	sábado	150	32%	Ced. Gratuita
Outros	10:00	CMPV	50º Aniversário 25 de Abril	quinta-feira	150	32%	CMPV
Outros	09:30	Confraria sabores poveiros	Confraria sabores poveiros	sábado	150	32%	Ced. Gratuita
Música	21:30	Locomotiva Azul	Sabina	sábado	137	29%	Coprodução
Outros	21:30	Kilt&Proeza	JEL - Excesso Bagagem	terça-feira	134	29%	Coprodução
Conferências	15:00	Cruz Vermelha	Conversas que importam	sábado	130	28%	Protocolo
Conferências	18:00	Centro do Clima	Transição para uma nova economia	terça-feira	120	26%	Ced. Gratuita
Outros	19:00	FIS	Rollercoaster	domingo	120	26%	Coprodução
Música	21:30	Uguru	Tour Amélias	quarta-feira	91	19%	CMPV
Música	17:00	Coro Infanto Juvenil	Conchas beijinhos e outros carinhos	terça-feira	80	17%	Ced. Gratuita
Música	21:30	Varazim	Raiz Voz Mulher	quinta-feira	75	16%	Protocolo
Música	21:00	Banze	John Douglas	sábado	61	13%	Produção CTG
Música	21:00	Assoc. Pro Música	Concerto aniversário coral ensaio	segunda-feira	50	11%	Ced. Gratuita
Música	18:00	Sons Vadios	Aerograma da Liberdade	domingo	47	10%	Produção CTG
Conferências	21:00	Assoc. Pro Música	Conferencia Nery	quinta-feira	15	3%	CMPV